Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23163 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 22 JANEIRO 90 60$00

A situação no Leste

Báltico em paz, Azerbaijão em guerra

Do nosso enviado especial Paulo David

Diferentes entre si, pequenas e ousadas, as três Repúblicas Bálticas abriram, firmemente, em 1989, o processo de desintegração do império soviético. Souberam conglomerar divergências culturais e étnicas no denominador comum da vontade de independência em relação à URSS. Nem elas nem os soviéticos recorreram à violência. Eis o exemplo de como pode ser razoável a fragmentação negociada de um império, sem precipitações nem derramamento de sangue.

Págs. 2, 3 e 4

Reuter

Soldados soviéticos mantêm-se em guarda, protegidos por escudos, em frente da sede do Partido Comunista do Azerbaijão, em Baku, capital da república

Um clima de "extrema tensão" é como a Rádio Moscovo definiu a situação que hoje se vive em Baku, capital do Azerbaijão, que este fim-de-semana foi palco de renhidos combates entre a população muçulmana e as tropas enviadas pelo Kremlin. Desse confronto resultaram 83 mortos, 14 dos quais militares, que ontem foram homenageados durante uma manifestação na capital da república. Mas na fronteira entre o Azerbaijão e a Arménia a situação tem-se mantido calma nos últimos três dias. Hoje, as tropas soviéticas fecharam a fronteira com o Irão, para impedir que os azerbaijanis soviéticos entrem no país vizinho, anunciou a rádio Teerão. Entretanto, a meio da manhã, o Soviete Supremo do Azerbaijão deu a Moscovo 28 horas para levantar o estado de emergência e retirar as suas tropas, ameaçando anular o tratado de permanência, caso o prazo não seja cumprido.

Pág. 13

Auto-retrato do novo Presidente da Câmara de Lisboa

«... E continuo a chamar-me Jorge Sampaio»

Eurico Vasconcelos

Uma política a favor da cidade mas não contra o Governo, tal foi a promessa feita esta manhã por Jorge Sampaio, ao tomar posse do cargo de presidente da Câmara. «Espero que o poder central entenda que a valorização da capital é uma profunda necessidade da política nacional», disse, prometendo ainda «cooperar em benefício de todos», porque as guerrilhas institucionais «saíram sempre caras».

Nesta intervenção, Jorge Sampaio manteve-se,afinal, igual a si próprio: «frontal sem agressividade e combativo sem ser litigioso» como se define no auto-retrato que publicamos nesta edição. Nesse texto Sampaio afirma não estar «nada arrependido» da vida que fez e reconhece que a sua maior paixão tem sido «vencer o medo e libertar o cidadão em cada um de nós».

Mas ao tomar posse o novo presidente do município lisboeta fez também outra «confissão»: prometeu criar um «compromisso entre poderes», destinado a resolver os problemas estruturais da cidade, sem negar nem hipervalorizar a sua qualidade de secretário-geral de um partido de oposição. Oposição é algo que no interior da Câmara dificilmente se tornará eficaz. Marcelo Rebelo de Sousa, que queria manter a plataforma pré-eleitoral, ficou sózinho na recusa de pelouros. O PSD não terá qualquer responsabilidade de gestão. Tendo eleito apenas três vereadores, nada mais lhe resta do que submeter-se à vontade da maioria.

Págs. 5 e 8

A reunificação da Alemanha debatida pelo Grupo de Trabalho/DL

Jaime Gama, Calvet de Magalhães, José Medeiros Ferreira, Maria de Lourdes Pintasilgo, Victor Sá Machado, João Soares e Álvaro Vasconcelos constituem o grupo de trabalho sobre Política Internacional do *DL* que, na sua primeira reunião, debateu a reunificação da Alemanha.

A criação deste grupo responde ao objectivo de abrir o debate de ideias a especialistas, entendendo o *DL* como jornal-forum. Além deste grupo formaram-se outros: Temas Sociais (cujo primeiro debate publicámos há uma semana), Política Nacional e Assuntos Económicos. Amanhã publicaremos a segunda parte da debate sobre a reunificação da Alemanha.

Págs. 20 e 21

Crude na Madeira: a culpa foi do «Aragón»

Do nosso enviado especial Júlio Rodrigues

Págs. 16 e 17

PS mais rápido que o PSD no apoio a Soares *Pág. 10*

Torres Couto reclama salários ao nível da CEE *Pág. 15*

Deus tem futuro? *Pág. 12*

Utopia é o nome errado da esperança *Págs. 24, 25 e 26*

Letria no Brasil de Collor *Pág. 14*

Especial para o DL

No continente euro-asiático lavra o pior incêndio do mundo contemporâneo. Fervem ideias, vinganças e liberdades, comunismos crepusculares, sangues nacionalistas. A esperança de alguma serenidade realista parece residir apenas nas três Repúblicas Bálticas. Delas escrevemos

«Toupik» soviético em acção

Em Yerevan, na Arménia, voluntários armados fazem uma patrulha, apoiados por um carro blindado, junto à sede da Frente de Libertação da Arménia

As Repúblicas Bálticas - Estónia, Letónia e Lituânia - dividem-se em três categorias distintas: a mais báltica, a menos báltica e a do meio, que é meio russa. A mais báltica é a Estónia, que no fundo é meio finlandesa; a menos báltica é a Lituânia, muito «polaca ao contrário»; e a do meio, a Letónia, tem quase metade da população russa, embora culturalmente se encontre mais próxima dos alemães. Mas há um denominador profundamente comum, uma homogeneidade: proclamar a independência, afastar de si a «bota», a «mão de ferro» e a sujeição económica à URSS, que anexou as três Repúblicas há meio século.

O inferno criador da perestroika vai do primário derramamento de sangue no Azerbaijão ao pragmatismo esfriado, mas não pouco firme, das três pequenas Repúblicas Bálticas. A mínima República Socialista Soviética Autónomas do Nakhichevan (278 mil habitantes, encravados entre o Azerbaijão e o Irão) acaba de ser a primeira a proclamar a sua independência em relação à URSS. Azerbeijanis e arménios matam-se em nome de nacionalismos e fanatismos religiosos que nada de positivo prometem para o futuro.

As três Repúblicas Bálticas, herdeiras da burguesia hanseática, seguem o realismo ponderado e a acção graduada mais próximos da cultura europeia. Os três povos bálticos foram os primeiros a assimilar, dinamicamente, o espírito da glasnost e da perestroika. São também os mais firmes em moderar, calculada e pacificamente, a sua aplicação.

Apesar dos seus meros oito milhões de habitantes, no conjunto, foram os três países quem fez detonar, com as manifestações de ardente nacionalismo, o actual processo de desintegração do império soviético. Nisso tiveram, aliás, a discreta cumplicidade do criador da perestroika, esse Gorbachev que lançou também a glasnost e que parece ter chegado, agora, a uma nova doutrina, a do «Toupik», palavra que em russo quer dizer «impasse».

Modelo Benelux

A cumplicidade entre os movimentos independentistas bálticos e a perestroika tem naturalmente funcionado nos dois sentidos. Já em Agosto do ano passado, o «Times» titulava «Os Bálticos estão a dar forma ao futuro da perestroika». Pode acrescentar-se que sem a perestroika não haveria o clima de liberalização que permitiu a livre e pacífica eclosão dos sentimentos nacionalistas, do mesmo modo que é legítimo afirmar que os três modos diferentes como as Repúblicas Bálticas actuam apresentam a Gorbachev um laboratório das soluções possíveis, puras ou mistas, para as erupções nas outras Repúblicas constituintes da URSS. Entre o sangue do Azerbaijão e a tendência negociadora báltica há um vasto leque de comrpomissos variados. Pensar «báltico» é pensar em esperança, por contraste com o catastrofismo que nos chega do Cáucaso. Daí a actualidade desejável dos povos bálticos.

As três Repúblicas são cultural e linguisticamente muito diferentes. Têm composições demográficas diversas, passados que variadamente as condicionam e não se pense na possibilidade de eventualmente se unirem entre si. «Quando muito poderemos estabelecer um estreitamente de ligações semelhantes aos países da Benelux», disse ao «DL», em Vilna, capital da Lituânia, Virgilijus Cepaitis, secretário-geral da Sajudis, a frente popular lituana.

Treze livros por ano

A Estónia, muito escandinava, abriu o processo com as primeiras manifestações públicas da vontade de independência báltica, no ano passado. Agora, é porém o seu Partido Comunista, dirigido por Vaino Valjas, que se não mostra inclinado a seguir o exemplo recente do PC lituano, que declarou a independência em relação ao Partido Comunista Soviético.

Por outro lado, é o PC lituano que, ao ser mais rebelde em relação a Moscovc, parece ter recuperado boa parte do seu perdido prestígio junto do eleitorado lituano, enquanto o Partido Comunista estoniano continua em quebra de popularidade, quando comparado com a Frente Popular da Estónia, a quem ele deixa o exclusivo da reivindicação nacionalista.

A política de «passo a passo», preferida pelos líderes da Frente Popular da Estónia, integra-se bem num pragmatismo natural entre um povo que já desde os finais do século passado erradicou o analfabetismo. A média de compra de livros, por pessoa, é na Estónia de 13 por ano e desde 1987 duplicou a leitura de jornais, havendo hoje cerca de 400 diários e semanários, activados por uma real liberdade de Imprensa, na opinião de dirigentes da própria Frente Popular. Um semanário típico tem uma tiragem de 50 mil exemplares, aproximadamente, e esgota em cerca de quatro horas. Portugal é «bárbaro» quando comparado com estas estatísticas.

Lituânia-Portugal

Muito «finlandesa» (entre Tallin, capital da Estónia, e Helsínquia há um braço de mar de apenas 80 quilómetros), a Estónia tem também fortes ligações à Suécia, onde existe a mais importante colónia de emigrantes estonianos, embora muitos deles já na segunda geração e ocupando posições de relevo na sociedade sueca, nomeadamente na política.

Foi de Estocolmo que veio o auxílio necessário aos telexes, às máquinas de escrever eléctricas, aos telefaxes, às fotocopiadoras e ao outro material de escritório que equipa, com modéstia mas suficiência, o sótão onde a Frente Popular da Estónia tem a sua sede, no 22 da Rua Uus, em Tallinn. E outros apoios também.

Contrariamente à Estónia e à Letónia, a Lituânia nada tem de escandinava, como os estonianos, nem de alemão, como os letões e, contrariamente também, é possuidora de um passado histórico aristocraticamente glorioso, o que às outras falta. Tallinn e Riga foram, dominantemente, centros da grande burguesia hanseática.

Falei com Haroldas, um jovem ligado à Sajudis, a frente lituana. Quando me lembrou, de olhar brilhante, os tempos em que, a partir do Séc.XIII, a Lituânia era um poderoso Grão-Ducado, julguei eu ouvir ecos das conversas lusitanas sobre a gloriosa gesta de Quinhentos...Em termos do saudosismo de espectaculares dignidades passadas, sentime em casa, na Lituânia.

«Países» bálticos

Foi à Lituânia que Gorbachev se deslocou, recentemente, impulsionado pela «escandalosa» decisão do Partido Comunista local de se separar do PCUS, o que significou mais um passo em frente dado pelo caminho da assunção da plena independência do território. O criador da perestroika exibiu grande firmeza na chamada de atenção aos lituanos para

Saudades da grandeza passada

A Lituânia é a maior das três Repúblicas Bálticas, em área (65.200 quilómetros quadrados, o dôbro da Bélgica) e em população, 3,7 milhões, dos quais 80 por cento são lituanos, o que a torna muito mais lituana do que a Estónia é estoniana e a Letónia letoniana.

Também ao contrário das outras repúblicas, a religião dominante é o catolicismo. Com uma agricultura pobre, em consequência da abundância de zonas pantanosas, a riqueza do país depende da indústria, responsável por 60 por cento da economia. Pobre também em recursos minerais, a Lituânia aplicou-se, como as outras Repúblicas Bálticas, a desenvolver a produção de electricidade, que depois consome em ramos da indústria muito dependentes deste tipo de energia: construção naval, instrumentos e máquinas-ferramentas de alta precisão, computadores, indústria da microbiologia, televisões, gravadores, etc.

A Lituânia era no séc.XIII um Grão-Ducado com grande expansão, sendo cristianizada no século seguinte. Forças militares suas participaram activamente, por exemplo, na defesa da Europa contra os turcos. Os seus chefes, os príncipes Jagellons, ascenderam ao trono da Polónia com o rei Ladislas V, em 1386, dirigindo então o conjunto formado por lituanos e polacos e que por uma ou outra forma se manteve até 1776, quando a Rússia passou a domi-nar. Independente em 1918, a Lituânia volta em 1923 a mostrar o seu gosto pela expansão, anexando o porto de Memel, o qual perde por ocasião da invasão nazi. Tal como as outras Repúblicas Bálticas é ela própria anexada pela URSS, em resultado do Pacto Germano-Soviético.

P. D.

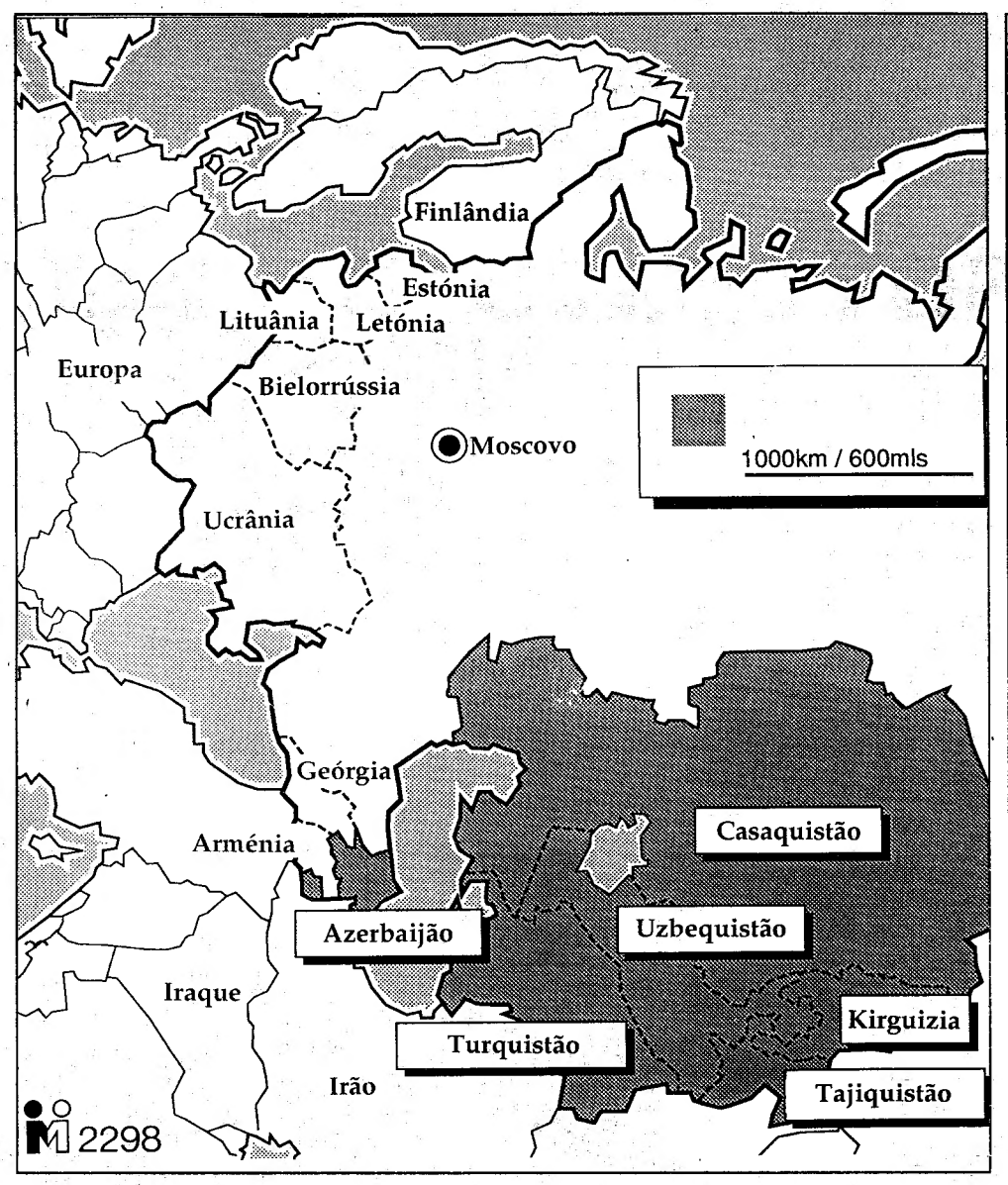
Na Lituânia, os argumentos são feitos de palavras. No Azerbaijão, são feitos de tiros. Aqui, várias horas antes da chegada de Gorbachev a terra lituana, o secretário do Comité Central do PCUS, Vadim Medvedev (à esquerda, de mão levantada) fala nas ruas da capital, Vilna, tentando convencer lituanos a não se separarem demasiadamente do PCUS e da URSS

GRANDE ANGULAR

a necessidade de continuarem ligados à URSS, mas também acrescentou hipóteses sobre a reestruturaçaão da União Soviética, em termos de uma aperfeiçoada confederação.

Ora entre a «plena independência» desejada pela Sajudis e a «aperfeiçoada confederação» admitida por Gorbachev ficam abertas alternativas de compromisso, certamente próximas do que Mitterrand e Delors dizem quando defendem o auxílio ao Leste e pedem uma aceleração do processo de integração europeia, mais ou menos «federado», mais ou menos «confederado».

Entretanto, porém, e antes da plena autonomia económica que o Soviete Supremo da URSS já lhe concedeu, o futuro da economia das três Repúblicas Bálticas ensombra o pensamento das cabeças mais frias nos três países (chamam-se «países» às três Repúblicas Bálticas porque Portugal nunca reconheceu a sua anexação feita pelos soviéticos).



O filósofo e o gestor

Em Tallinn, no Clube dos Escritores, Artistas e Músicos, onde só se entra por introdução na fechadura do cartão de sócio codificado, uma professora de língua e cultura inglesa (ensino secundário) mostra-se assustada com os perigos de uma invasão pelo capitalismo selvagem estrangeiro. As três Repúblicas estão frágeis.

Em Riga, na sede da Frente Popular da Letónia, há o mêdo de que se a economia for aberta sem rigorosas precauções, a inflação atinja ritmos galopantes. E na capital da Lituânia, Vilna, a moral da fábula é nítida: «O que aprendemos com a Polónia, em termos de economia, foi a não fazer nada do que ela fez» - a frase vem do secretário-geral da frente popular lituana. A Lituânia, que foi - outrora, outrora... - senhora dos polacos e, embora tenha no seu território apenas sete por cento de polacos, é com eles que implica, não escondendo a antipatia pela Polónia, que pretende recuperar parte do território lituano (perdido pelo Pacto Germano-Soviético) tal como pretende conservar a terça parte do seu actual território, que antes pertencia à Prussia e Potsdam entregou a Varsóvia.

No meio, entre a Estónia e a Lituânia, está a Letónia, obrigada a extremas prudências perante o facto de que metade da sua população é russa.

De uma longa conversa com o prof. Juris Rozenvalds, filósofo e director da Faculdade de Filosofia e História, de Riga, (simultaneamente dirigente do PC letão e da Frente Popular da Letónia) resulta, entre outras ideias, a confirmação do que me afirmara, em Tallin, um gestor, Marcin P. Bogusz («Area Sales Manager») austríaco, que nasceu na Polónia, trabalha agora para uma multinacional suíça e foi bom meu encontro na capital da Estónia.

Disseram eles, em suma:

«Acabou o mundo onde havia o preto e o branco. Entramos agora no mundo das múltiplas graduações de cinzentos e é este, afinal, o verdadeiro mundo do pensamento, da razão e de tantos dos sentimentos e interesses humanos de nível médio - os quais são a maioria».

Paulo David

A mais rica

Com uma população inferior à da Grande Lisboa, a Estónia foi-me introduzida por uma frase do prof. Mati Hint, da Universidade de Tallin, a capital: «Tal como os portugueses não gostam de ser confundidos com os espanhóis, nós detestamos ser classificados de russos ou coisa parecida...». É evidente que Mati Hint tem luzes sobre Portugal, onde esteve para participar num colóquio internacional. As dimensões do país são igualmente modestas: 240 quilómetros de Norte a Sul; 350 de Leste a Oeste. Do milhão e 600 mil habitantes apenas um milhão é constituido por estonianos puros, sendo o resto formado por russos, ucranianos e bielorrussos. A pequenez da população e do território não impede que o país seja a mais rica das três Repúblicas Bálticas. De todas as 15 repúblicas constituintes da URSS, é a Estónia aquela que detem a maior taxa de produção e de consumo de electricidade per capita. A agricultura está muito desenvolvida, em resultado da mecanização e por, precisamente, poder consumir energia sem limitações. Os trabalhadores agrícolas ganham, por isso, mais do que os operários. A industria é dominada pelo sector têxtil, que aliás depende grandemente do algodão do Azerbaijão. Outro sector industrial em rápido desenvolvimento é o dos instrumentos, eléctricos e electrónicos, que requerem pouca matéria prima mas muita energia. Teutónicos, suecos, alemães e russos sucederam-se na posse da Estónia desde o século XII e até à anexação pelos soviéticos em 1940. Foi integrada na URSS, como república constituinte, em 1944, depois de três anos de ocupação nazi, entre 1941 e 1944. sendo independente apenas de 1920 a 1940.

P. D.

De mão-em-mão desde o Séc. XII

Colocada entre a Estónia, a norte, e a Lituânia, a sul, a Letónia salienta-se de entre as companheiras bálticas por ter metade da sua população formada por outras etnias: 33 por cento de russos, 5 por cento de bielorrussos e 3 por cento de ucranianos, com igual percentagem de polacos. Isto num total de 2,7 milhões. Esta característica condiciona evidentemente a política da Letónia no que se refere ao nacionalismo perante a URSS. A baixa taxa de natalidade (14 por 1.000) é a principal causa da forte presença de outras etnias na Letónia, onde, aliás os casamentos se mostram regularmente pouco sólidos: metade acaba em divórcio. A religião dominante é o protestantismo luterano. Com 210 quilómetros de norte a sul e 415 de Leste a Oeste, o território da Letónia é mau para a agricultura pois está saturado de lagos (4.000) e pântanos. Em compensação, o país produz suficiente electricidade para alimentar uma indústria em que se salienta a fabricação de rádios, gravadores e cassetes, de locomotivas diesel e eléctricas e a produção de electrodomésticos: um terço de todas as máquinas de lavar da URSS saem das fábricas de Riga, a capital e um porto desde o século passado importante para o comércio externo soviético. Dirigida, a partir do Séc. XII, pela ordem religiosa e militar dos Cavaleiros da Porta do Glaivo (fundada em 1201 pelo bispo de Riga, Albert d'Apeldern), a Letónia foi submetida pelos polacos em 1561, pelos suecos em 1621 e pelos russos em 1710, em cuja posse se manteve até à independência, em 1918, em resultado da Revolução de Outubro. Anexada pela URSS, em 1940, no seguimento do Pacto Germano-Soviético, esteve sob ocupação nazi durante a Segunda Guerra Mundial e passou a república constituinte da União Soviética em 1945. **P. D.**

COMENTÁRIO

O desabafo

Este não será um «comentário», porque não se comenta o caos. Será um «desabafo», um desrespeito da razão e do bom senso, um excesso de crueldade, uma falta de lucidez. Não acuso, desabafo.

A transparência da «glasnost» trouxe à URSS e ao ex-Bloco de Leste a prática dos Direitos do Homem, novidade para eles. A «perestroika» procurou veícular a «mudança» sócio-económica, desenvolvendo para já e afinal algo de muito velho: a economia paralela, o mercado negro, o polvo mafioso mais ou menos simpático, traficante e assassino.

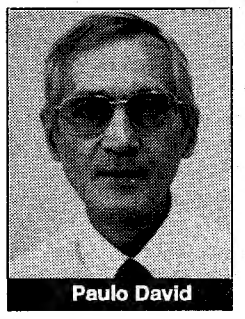
Agora, entre o sangue do Azerbaijão e a vigorosa serenidade das Repúblicas Bálticas, entre as ameaças do IV Reich germânico e a reconversão da gigantesca indústria militar soviética, entre as Cimeiras com Bush e as correrias de bombeiro sapador do império em fogo - agora Gorbachev estará a sofrer a terceira e mais ameaçadora fase da sua inovação política: a glasnost abriu-lhe a porta, a perestroika procurou dar-lhe pernas para correr, agora o «toupik» toma o Poder ou seja o «impasse» dirige o processo. E quando há impasses em política e eles têm a dimensão gigantesca própria da União Soviética, então o derramamento de sangue toma conta da razão e do quotidiano, instala naturalmente o caos. Excepto no Báltico.

Os alemães querem reunificar-se e olham para a terça parte da Polónia, arrancada à Prússia pelos acordos de Potsdam. Sérvios e Eslovenos retomam antipatias arcaicas. Os búlgaros, por sincero sentimento popular, desejam manter a opressão sobre os turcos que com eles viveram durante séculos; os moldavos submetidos pela URSS querem voltar à Roménia, que, por sua vez, ainda submete húngaros que deveriam pertencer à Hungria; e cristãos e muçulmanos agarram nas facas ou agarram-se ao medo e atacam-se ou fogem. O «progresso» trouxe (sem ofensa...) o Terceiro Mundo à Europa. Para quem tanto e tão civilizadamente acusou os africanos de tribalismo, os europeus ocidentais estão agora na irritante situação de descobrirem que a perestroika lhes veio revelar terem, à sua porta, primarismos semelhantes.

A mística soviética foi maciçamente imposta, por mais de seis décadas, a uma centena de nações e etnias euro-asiáticas. Hoje os nacionalismos mais grosseiros e obscurantistas erguem, de novo, a cabeça animalesca. O socialismo científico esqueceu as malícias psicológicas do espírito religioso. Hoje, Uniatas da Ucrânia e muçulmanos do Azerbaijão e doutras Repúblicas espalham o terror.

É inevitável levantar os olhos para as Repúblicas Bálticas e só nelas ter esperança de uma liderança «razoável» para o processo de reconversão do império soviético.

Ceda-se, enfim, à tentação de um remate perfeito e brutal para este desabafo, diga-se, sem lógica, nem perfeição, nem decência de sentimentos, nem respeito pela dignidade humana - diga-se: Que se construa um novo Muro de Berlim, algures entre o Ocidente e o Leste, deixem-se os povos desavindos cozinharem a fogo lento as suas cobiças fronteiriças e as suas ignorâncias democráticas e aconselhem-se azerbaijanis e arménios a que se matem em número que por eles seja considerado suficiente. Depois, telefonem.


Paulo David

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Variedades bálticas e soviéticas

Recolhem-se a seguir opiniões obtidas em entrevistas realizadas na Estónia, na Letónia, na Lituânia e em Moscovo e que, a partir dos nacionalismos bálticos, se alargam até aos mais vastos problemas dos movimentos independentistas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Começa-se pelo todo e, depois, dar-se-ão as partes.

Outro Mercado Único

Diplomata ocidental acreditado em Moscovo, e que pediu o anonimato, rascunhou, a nosso pedido, em Moscovo, um testemunho, de que se dá o excerto seguinte, sobre o futuro do «império»:

«...uma qualquer espécie de Mercado Único soviético. É difícil prever outra saída, que seja razoável, para um império como o soviético, que política e estruturalmente está em processo de desintegração mas cuja economia foi, durante mais de seis décadas, brutalmente construida à escala de um único e colossal território.

«A passagem de tão grande interligação à dependência recíproca entre Repúblicas independentes, ou por novo modo federadas, obriga a pensar na criação de sistemas de coordenação, cujo ponto de partida poderá ser o Acto Único Europeu, enriquecido pela posterior experiência comunitária, em termos da aplicação desse programa.

«A prosperidade, a lei do hipermercado, do automóvel e do video, os prazeres do «design», da cultura, da moda, do amor e da viagem, a cimentação profunda e a cumplicidade dos interesses primários, mais a gelatinização do pensamento que os processos dos multi-media arrastam - tudo isso permitirá (uma vez criadas as necessárias condições económicas) diluir os terríveis conflitos étnicos, nacionalistas, políticos e religiosos que dilaceram o conjunto, artificial, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e dos seus ex-satélites.

«Bálticos, russos, polacos, sérvios, eslovenos, ex-alemães das terras polacas que dantes eram prussianas; alemães da Prussia, que de Bismark passaram a Marx; arménios, gentes do Azerbaijão, ucranianos, bielorrussos, georgianos, católicos, uniatas e ortodoxos mais muçulmanos xiitas ou sunitas - todos eles só poderão encontrar a paz na próxima geração, quando os Direitos do Homem, a prosperidade e um bem abastecido hipermercado da vida lhes der a satisfação larvar que ambicionam.

Não é a fome a má conselheira. É a falta de béns de consumo.»

«Boutade»

Memória que se intromete neste texto.

Nos princípios da década de 70, conversa em Londres com um britânico, de origem polaca e formado pela «London School of Economics». Conservador genuíno, conversador brilhante, gosto pelo paradoxo realista. Diz ele, James N.:«Eu sou um marxista convicto. Sigo todo o seu método de análise. Só discordo de uma das conclusões de Marx. Estou convencido de que, na luta de classes, quem vai ganhar é a burguesia».

Mafia

Prof. Mati Hint, da Universidade de Tallinn: «A Mafia já está na Estónia. Trata sobretudo da agiotagem, de assassinos a soldo, de cobranças difíceis, do mercado negro de divisas fortes. Os estonianos foram apanhados completamente desprevenidos. Estavam habituados à corrupção do aparelho comunista mas não às artimanhas e à violência dos mafiosos. Algumas recentes operações policiais contra a Mafia tiveram êxito. Apanharam sobretudo russos».

Paulo David

Juris Rozenvalds, filósofo, director da Faculdade de Filosofia e História, da Universidade de Riga, no seu gabinete

Babel

Tiina Knaifel, assistente da Faculdade de Letras de Vilna, para Língua e Cultura inglesas: «Se usarem as suas três línguas maternas, estonianos, letões e lituanos não se entendem. Os estonianos falam o «fenno-ugric», que há séculos se espalhou por três ramos: o do norte, Finlândia; o do sul, Hungria e até um do Leste, pois também nalguns pontos da Sibéria a fala pertence a esta família linguística. Os lituanos usam um ramo das línguas indo-europeias, que conserva muitas características antigas, como uma certa liberdade da acentuação. Só no século XVI há provas de a língua ter sido reduzida a escrito. Os letões pertencem à mesma família indo-europeia mas sofreram influências alemãs. É evidente que a russificação forçada trouxe alguma vantagem neste aspecto, introduzindo uma língua que a ninguém agrada mas a todos, afinal, serve.

Um aspecto anedótico, mas não inocente, da russificação é o de que, por exemplo, para muitos letões a palavra «vodka» alargou-se até ter o significado geral de «bebida alcoólica».

Globalidade

Algirdas Abromatis, do Partido Social-Democrata Lituano:«Uma das nossas dificuldades, nós as Repúblicas Bálticas, é a de que, depois de havermos dado o sinal de partida para os movimentos independentistas, nos vimos envolvidos num processo que nos ultrapassa e atinge toda a União Soviética, tal como nos vieram da URSS a glasnost e a perestroika, sem as quais o nacionalismo báltico não teria tido facilidade em expressar-se».

Rein Veidemann, dirigente da Frente Popular da Estónia:«Não queremos criar dificuldades a Gorbachev. A pressão que exercemos sobre ele serve-lhe para provar ao PCUS a necessidade de mudança. A muitos russos nós podemos parecer «os maus». Mas somos calmos, ponderados, só lutamos por um objectivo limitado de cada vez e não queremos mal aos russos que vivem na Estónia, Mas aqui a soberania cabe aos estonianos. O que se passa no resto da URSS é um problema de Moscovo».

P. D.

Verem-se livres de Moscovo...

Quatro anos atrás, nenhum dos muitos kremlinólogos de serviço previu o que ia passar-se na União Soviética com a chegada ao Poder de Gorbachev. Naturalmente que já nos últimos anos de Brejnev se sabia que lhe sucederia Yuri Andropov, o todo-poderoso chefe do KGB - simpático, por paradoxal que pareça, aos próprios dissidentes do sistema.

De Andropov esperavam-se as reformas que permitissem pôr termo à terrível situação económica do país, para a qual contribuia pesadamente a complexa máquina de guerra que fora montada para preservar o império.

Todavia, ao assumir a chefia, Andropov já foi encontrar uma guerra que, se ninguém desejara, a muitos parecera impossível evitar, face aos acontecimentos no Irão e às repercussões que a revolução de Khomeini estavam a provocar nas Repúblicas asiáticas soviéticas, particularmente no Azerbaijão, de população maioritariamente xiita.

A entrada das tropas soviéticas no Afeganistão, há dez anos, foi, afinal, a última tentativa para manter o império coeso, como foi também essa ainda dominante vontade de manutenção do império que permitiu a eleição de um representante da velha guarda conservadora, Tchernienko, quando Andropov, um pouco inesperadamente se tivermos em conta a sua idade, adoeceu e morreu.

O desejo de mudanças na insustentável situação económica, permitiu, porém, que, à morte de Tchernienko, a linha de que Andropov fora o representante impusesse um quase desconhecido: Mikhail Gorbachev, que surgiu a actuar com inesperadas rapidez e firmeza.

O sangue e a mão de ferro

Não vou aqui expor, nem sequer resumidamente, as medidas tomadas a partir de então, mas apenas apontar a que, de todas, se afigura ser, neste momento, a mais importante e a consequência lógica da redução dos gastos militares e da liberalização: a descolonização. Esta era ou foi ou está a ser relativamente fácil no exterior, mesmo em países com fronteiras comuns. Todavia, quando se tratou de começar a liberalizar dentro das próprias fronteiras da União Soviética, a situação complicou-se, dado que muitas dessas Repúblicas só à custa de sangue e da mão de ferro moscovita têm sofrido o domínio russo.

«Russians go home» poderia ser o mote apropriado, pois o que primeiramente querem as Repúblicas não-russas é verem-se livres dos russos. Veja-se a Ucrânia (se Hitler tivesse compreendido os desejos autonomistas ucranianos e em devido tempo apoiado o general Vlassov, a História poderia ter-se escrito de outra maneira) e veja-se o caso das Repúblicas Bálticas, ocupadas militarmente em 1940 e depois submetidas a um processo de russificação particularmente importante na Estónia e na Letónia e menos sensível na Lituânia, o que também pode explicar o seu maior vigor no processo em curso nos três países, nos quais é sintomático o desejo dos respectivos Partidos Comunistas de se separarem da obediência a Moscovo. Porque não são comunistas? Isso é o menos, o que querem é ver-se livres de Moscovo.

Ninguém pode prever o futuro, nem sequer Gorbachev que, como todos os fazedores de História, não sabe que História está a fazer. De uma coisa, porém, podemos estar certos: o império russo, tal como se veio desenhando desde o século XVII, está a desaparecer e é irreconstituível, por muitos acidentes de percurso que sofra. Mas há a grande probabilidade de que estejamos a assistir ao nascimento de um novo império de economia, predominantemente marítima (europeu? euro-americano?), que talvez um dia se enfrente com outro império, de economia predominantemente continental (China?), tal como outrora se defrontaram a Pérsia e a Grécia, Roma e Cartago ou, mais próximo de nós, a Inglaterra de Pitt e a França de Napoleão.

Mário Matos e Lemos
Licenciado em História e conselheiro de Imprensa da Embaixada de Portugal em Moscovo, de 1976 1979

FORUM

OS ANTÓNIOS FERRINHOS

Tudo se passa, nesta inflexão da estratégia cavaquista, como se a responsabilidade pela sua derrota eleitoral pertencesse, não à sua política, mas à sua forma de dizer a política, à sua forma de fazer passar a política.

O cavaquismo teria perdido porque, pura e simplesmente, não se fez entender.

Porque, pura e simplesmente, não soube fazer passar o seu discurso.

Esta tese é uma tolice de quem não sabe a sua Grécia.

E é uma tolice de quem, além de não saber a sua Grécia, não sabe nem o seu McLuhan, nem o seu Séguéla.

É uma tolice de quem não sabe a sua Grécia, porque não está provado que o eleitorado não puniu a política cavaquista ela-própria, estando provado que o eleitorado votou contra a punição sistemática da classe média, e a punição sistemática da classe média não é precisamente uma incapacidade de fazer passar discurso, estando provado que o eleitorado votou contra o bloqueio da regionalização e o afrontamento do poder local, e o bloqueio da regionalização e o afrontamento do poder local não são precisamente uma incapacidade de fazer passar discurso, estando provado que o eleitorado votou contra a arrogância e a hostilização de tudo e de todos, e a arrogância e a hostilização de tudo e de todos não são precisamente uma incapacidade de fazer passar discurso, estando provado que o eleitorado votou contra os aumentos dos políticos e contra a cobertura sistemática, por parte do sr. primeiro-ministro, de todos os abalos nas imagens políticas e morais de alguns ministros, e os aumento dos políticos e a cobertura sistemática, por parte do sr. primeiro-ministro, de todos os abalos nas imagens políticas e morais de alguns ministros não são precisamente uma incapacidade de fazer passar discurso.

E é uma tolice de quem não sabe o seu McLuhan, nem o seu Séguéla, porque não saber, hoje, dizer a política que se é, não saber, hoje, fazer passar a política que se é, é não saber, não apenas dizer política, mas politicamente ser.

Pelo que supor, por exemplo, que tudo ficará bem fazendo dar, a um jovem advogado do interior, todas as semanas, um passo em direcção a uma bateria de fotógrafos, é uma ilusão que custará politicamente muito caro, ao cavaquismo, claro, mas também, talvez já, mais gravemente, àquilo que cada vez toma mais consciência dos seus interesses e do seu futuro autónomos do cavaquismo, o PSD.

Porque esta ilusão acrescenta, à tolice de não se saber a Grécia, e à tolice de não se saber McLuhan e Séguéla, a tolice de não se saber António Ferro.

Por outro regime que este seja.

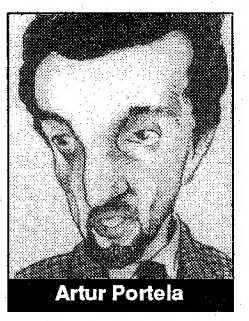
António Ferro, o inventor do salazarismo, o salazarismo da Exposição do Mundo Português e da dimensão cultural-europeia do homem do Poço de Santa Comba, era, não um ex-secretário de governador civil a falar por alíneas, a olhar galalite, a pentear cartolina e a pisar *talonette*, mas um modernista, um cosmopolita, um europeu.

Vinha de fazer, com Pessoa, com Almada, com Sá-Carneiro, com Santa-Rita, o «Orpheu».

Vinha de entrevistar Herriot, Cocteau, Foch, Clémenceau, Mussolini.

Vinha de se assumir como combatente na «Grande Guerra da Arte», simbolicamente ao lado de Nijinsky, Cendrars, Picabia, Stravinsky, Shaw, Colette.

Ora os homens que a estratégia cavaquista fulcralmente coloca na sua vanguarda, para o dizerem melhor, para o dinamizarem, para lhe darem dimensão cultural, têm três ridículos fatais.


Artur Portela

Primeiro: são derrotados.

Segundo: não têm qualquer qualificação para as missões de que estão incubidos.

Terceiro: são a expressão do provincianismo mais penoso.

São derrotados porque têm responsabilidades profundas e directas, uns na política e no discurso que o eleitorado acaba de recusar, outros na própria formulação de, pelo menos, uma alternativa interna do PSD ao cavaquismo, alternativa que, como se viu, sofreu, também ela, às mãos do eleitorado, uma expressiva derrota.

Não têm qualquer qualificação para as missões de que estão incubidos porque não são nem razoáveis comunicadores nem mínimos profissionais de comunicação, nem têm dimensão cultural.

São expressão do provincianismo mais penoso porque se tomam a sério, sem que ouçam o riso que cresce à sua volta, nos meios socioculturais, profissionais, que supõem ir influenciar, mobilizar, dinamizar. O poder cavaquista não existe como cavaquismo.

Existe porque o regime funciona e o mandato está aí.

A prova de que as instituições funcionam é que o cavaquismo, que já caiu, não cai.

O Governo do prof. Cavaco Silva é um Governo de gestão.

Gere, até 1991, a sua própria derrota.

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Jorge Sampaio que hoje tomou posse do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Chamo-me Jorge Sampaio.

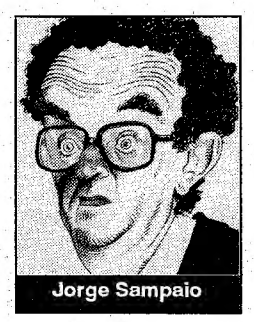
Sou lisboeta e tenho cinquenta anos.

Isto é o que os documentos dizem.

Quanto ao mais, parece que ninguém é bom juiz de si próprio. Mas pedem-me que me julgue e eu acedo, mesmo sabendo que assim serei um mau juiz.

Tenho um comportamento calmo, mas uma alma apaixonada. Não sei bem como é que eles se conjugam, porque vieram já conjugados em mim. Mas creio que é esse comportamento, somado à ruivez, que leva outros a considerarem-me muito «british». Se é assim, é só meia verdade, que é, apenas, uma variante da falsidade. A outra meia verdade, que assim se omite, é a de um temperamento apaixonado que, segundo os «clichés» estabelecidos, seria até muito latino.

Julgo ser frontal sem agressividade e combativo sem ser litigioso. Se julgo bem neste aspecto, poderia ter sido um bom diplomata. Mas não se podem viver todas as vidas interessantes do nosso imaginário hesitante e eu não estou nada arrependido da vida que fiz e faço. Se a felicidade é isso, então eu sou um homem feliz. Se a felicidade é a anestesia à dúvida, à inquietação, à esporádica frustração de não fazer tudo o que deve ser feito, então, decididamente, não sou, nem quero ser, um homem feliz. Os contentinhos nunca fizeram girar a roda da vida. E eu quero fazê-lo, na pequena medida do que for capaz.


Jorge Sampaio

Podia ter sido noutra coisa: na música, por exemplo, que foi, talvez, a minha primeira paixão. Mas não. Foi, afinal, a política. E embora desde sempre muito sensibilizado para valores de liberdade política e solidariedade social, por influência predominante de meu pai, o certo é que o detonador viria a ser 1958, com a corajosa e galvanizante campanha de Humberto Delgado. Creio que foi aí que eu, como tantos outros, olhámos para aquele enorme desafio da multidão à ditadura e percebemos que, afinal, cada português traria em si um cidadão ansioso, ainda que agrilhoado pelo medo.

Vencer o medo e libertar o cidadão em cada um de nós tornou-se, então, a minha nova paixão, que foi de uma vida inteira, porque ainda subsiste. É ela que me move.

Foi já ela que me moveu quando, em 1962, me coube coordenar a equipa dirigente que conduziu a luta dos estudantes de Lisboa contra o regime. Foi por ela que colaborei activamente em revistas corajosas e inconformistas desse tempo, como a «Seara Nova» e «O Tempo e o Modo», e que me envolvi nas mais ricas experiências de cooperação política entre católicos e não-católicos, que era a área alternativa da Esquerda ao Partido Comunista.

Com o 25 de Abril, tudo isto culminava da melhor forma. Mas abria-se-me, então, uma nova e difícil opção. Que é que eu devia privilegiar? Uma intervenção mais virada para as ideias e a pedagogia cívica, que teria de ter por suporte uma pequena organização sem veleidades eleitorais, ou um clube de reflexão ou, pelo contrário, a acção política directa, o que pressupunha a militância no único grande partido de Esquerda não-comunista, que era o PS? Olhando em volta, verifiquei que, como será compreensível após tão longa ditadura, a apetência geral dos melhores quadros políticos do tempo era a da acção, pelo que talvez eu pudesse ser mais útil na da reflexão. O MES não quis ser isso e eu abandonei-o logo no Congresso fundador, para integrar pouco depois uma associação não-partidária, a Intervenção Socialista, que teve uma vida ideológica rica e chegou a fazer coisas interessantes. Mas, em 1978, concluímos que o desejável debate de ideias só teria a ganhar quando exercido na própria acção política. Entrámos, pois, para o PS.

Desde então empenhei-me em todos os processos de reformulação modernizadora do programa e dos valores do Partido. Acredito que as sociedades modernas poderão proporcionar-nos uma vida melhor, se investirem a fundo na liberdade e solidariedade. Creio numa relação mais sadia entre a sociedade civel e o Estado, desde que este saiba dar a máxima liberdade aos que não precisam de solidariedade e assegurar a máxima solidariedade aos que não têm as condições objectivas para gozar a liberdade. Aposto numa nova síntese entre os valores da Revolução Francesa e da Revolução Americana. E quero que, a esta luz, sejamos capazes de encontrar soluções para os nossos problemas que o progresso e a modernidade sempre nos vão colocando.

Eis onde estou.

E continuo a chamar-me Jorge Sampaio.

AS MÁTRIAS, AS PÁTRIAS E AS

Há, por vezes, associações de ideias perigosas, às quais não conseguimos furtar-nos, mesmo se somos forçados a encarar o seu carácter excessivo. Foi o que me aconteceu durante a projecção do julgamento do casal excessivo. Foi o que me aconteceu durante a projecção do julgamento do casal Ceausescu. Não me irei rebelar contra as condições em que foi organizada esta cerimónia ritual: já muita gente o fez e não me parece muito útil retomar um problema quando não se pode acrescentar nenhum elemento novo, que autorize ou exija uma releitura da situação.

Mas a execução, mais do que sumária, de Elena Ceausescu levou-me a pensar nas mulherees que nestes últimos anos marcaram com um rasto de sangue a sua passagem pelo Poder. Todas participaram na gestão de países totalitários, com a notável excepção da sr.ª Tatcher que, entre outro sangue, carrega nas mãos a morte de militantes irlandeses vítimas de uma greve de fome. Mas há outras, e até não poucas mulheres que partilhando o Poder com os maridos, mais ou menos jovens, não hesitaram em derramar sangue.

A lista podia começar com Eva Peron, graças à qual a ditadura peronista pôde organizar-se e expandir-se. A diva dos descamisados não agiu nunca em defesa dos grupos que a apoiavam, embora o populismo peronista tivesse aparecido a muitos como o caminho para a solução dos problemas internos da Argentina. É inútil prosseguir: hoje Evita Peron é a protagonista de uma famosa peça musical inglesa que tem rendido rios de dinheiro aos autores e ao produtor. O que entre o mais mostra que nunca se deve desprezar o cadáver dos ditadores ou das suas esposas: há sempre algum sumo que ainda se pode espremer.

Mas pode acrescentar-se a figura e a obra da esposa de Mao Ze Dong – já tenho idade suficiente para pertencer à época de Mao Tse Tung – que participou activa e raivosamente na Revolução Cultural e que deve ter provocado a morte de dezenas de milhar de pessoas. A contabilidade não seria fácil, nem de resto é meu objectivo estar agora a penetrar nas valas comuns chinesas para proceder a este duro inventário. Todavia a doçura feminina foi uma vez mais substituída pela violência feminina, o que me parece deveras preocupante.

Também deixarei de lado Nancy Reagan, embora se possa pensar que a sua intervenção na vida política norte-americana, associada à sua astróloga preferida, provocou resultados nefastos para muita gente, sobretudo nos Estados Unidos. A esposa carinhosa e compreensiva, que conseguiu fazer esquecer a primeira esposa de Reagan, mãe de todos os filhos do ex-presidente dos Estados Unidos, não hesitou em reduzir ou

Possivelmente por desconfiar das mulheres, o Presidente do Conselho, prof. Oliveira Salazar, satisfez-se com os serviços da governanta, a inesquecível D. Maria

eliminar os diferentes subsídios destinados aos pobres, aos velhos, aos doentes. Em nome, como se pode pensar, do «bem-estar» dos que sabem ganhar dinheiro.

Em contrapartida haverá que consagrar algumas linhas a essa poderosa gesta de Elena Ceausescu, praticamente analfabeta até aos trinta anos de idade, antiga operária que, arrastada pelo génio dos Cárpatos, se transformou num dos carrascos dos romenos, cabendo-lhe a responsabilidade da destruição da investigação científica romena. Içada ao lugar mais elevado da gestão do país, esta mulher começou imediatamente a descompensar, a ponto de se tornar incapaz de compreender o quotidiano. Se, como ela era um ser humano, como afirmou tão orgulhosamente durante o julgamento que a levou até ao «paredon», esquecera-se ela de prestar atenção aos milhões de seres humanos que povoavam a Roménia.

Ora, estas mulheres duras e responsáveis levaram-me a reconsiderar as teses respeitantes ao matriarcado que, nos últimos anos, tem corrido entre nós, como se fossem uma verdade científica indiscutível, servindo para devolver ao país um alicerce que lhe faltava. A nossa psicologia colectiva não poderia ser explicada, senão a partir da organização matriarcal, que não só nos daria um perfil particular, mas ajudaria a compreender os muitos mistérios da nossa génese.

Assim apresentada, a tese parece não só como sedutora, mas como provada pela história. As mulheres portuguesas teriam por isso assumido a direcção dos homens e do país. Semelhante tese não me convence, porque aprendi, ainda na escola primária, que o primeiro rei português não tinha hesitado em meter a

O DIA SEGUINTE DOS PORTUGUESES

Inevitavelmente, todos os dias, ao fim de cada noite, excepto ao sábado e domingo, a RTP, depois do telejornal *24 Horas*, tem o desvelo de nos anunciar «os principais acontecimentos» do dia seguinte. O enunciado é quase sempre precedido deste estribilho: «Tomou já conhecimento das principais notícias do dia. Vamos agora referir quais serão os principais acontecimentos para amanhã»... ou noutra versão... «os acontecimentos que amanhã serão notícia», ou ainda noutra, «... que amanhã serão falados na Comunicação Social». E segue-se a listagem, numa ordem e sequência, que os portugueses, também inevitavelmente, já devem saber de cor: «... o Prsidente da República vai... etc., etc... (grvura do Presidente); O Presidente da República receberá em Belém... etc., etc., (fotograma da frente do palácio, que de tanta vez repetido, já está em mau estado); O primeiro-ministro receberá, assinará, irá, etc..., etc.,... (gravura do primeiro-ministro ou do Palácio de São Bento ou do Palácio do Governo à Gomes Teixeira); na Assembleia da República, o partido *x* ou *y*, etc., etc.,... (gravura do Palácio da Assembleia ou do hemiciclo deserto); depois temos a notícia (é a respectiva foto) de um ou dois ministros mais activos ou de primeiro plano do Governo; e, por fim, uma vez por outra, e para não ser só ministros ou para reparar uma certa má consciência lá temos o anunciozinho a um concerto no São Luís ou no São Carlos ou a uma exposiçãozita na Gulbenkian ou no Palácio Foz. E é tudo.

Não tenho grandes ilusões sobre as diferenças dos telejornais das televisões dos diversos países. Concebidos por modelos «standars», inspirados na escola da BBC ou das cadeias norte-americanas ou germânicas, os telejornais de quase todas as televisões do mundo fazem prevalecer a forma sobre o conteúdo, e obedecendo rigorosamente a estilos e «gramáticas de produção» com fórmulas bastante tipificadas, todos eles cultivam mais ou menos a necessidade de praticarem nas regras de linguagem e processos esta trilogia: actualidade (a notícia de hoje prevalece sobre a de ontem), universalidade (todos devem entender o que se diz, seja qual for o seu estádio cultural) e simplicidade (tudo é explicável, tudo tem explicação). Características gerais de vastas audiências, heterogéneas em graus de cultura e conhecimento, obrigam a este procedimento. No nosso país como nos outros. As televisões normalmente praticam a generalidade. A necessidade de conquistar as maiores audiências é condição indispensável para atrair e dispor de grandes carteiras publicitárias, a maior e mais importante fonte de receita e financiamento de qualquer grande canal. A especificidade, o aprofundamento das questões, são em regra tarefa da imprensa escrita e das revistas de especialidade. Não será a televisão privada que virá alterar esta constante. Conforme tem ficado demonstrado noutros países, os Berlusconis, os Murdocks, os Maxwells, podem contribuir para aumentar a concorrência e a competitividade, o pluralismo de opinião e de programação, mas não vêm modificar significativamente os modelos produtivos da informação televisiva.

Não me parece, isso sim, é que qualquer estação de televisão dos outros países, nem mesmo as estatais BBC, RAI, TVE, etc., termine as suas emissões divulgando a «agenda oficial» ou oficiosa dos círculos governamentais, o que revela para além de uma dependência e um comprometimento sem justificação uma visão triste, estreita e

José Manuel Paquete de Oliveira

curta do que pode ser sempre o dia seguinte dos portugueses. O dia seguinte dos portugueses, com a representação social, a construção da realidade, sugeridas ou projectadas na previsão ou preanúncio da agenda «dos dias seguintes» da RTP, será sempre um dia seguinte pobre, sem imaginação, oficioso, monótono, sem inovação, no fundo, sem novidade e sem actualidade. Parece a agenda terrível de um país sem futuro, de um país que se revê no umbigo dos seus chefes que se limitam a fazer o que têm de fazer, a fazer o protocolo. Esta agenda pode ser que seja a referência da realidade, mas os portugueses merecem, deveriam merecer, o projecto de um melhor dia seguinte.

Se fosse Governo ou Presidente da República e tivesse Poder ou o hábito de interferir na TV por respeito para com os portugueses e no desejo de projectar-lhes um diferente dia seguinte, uma melhor vida futura, o mínimo que mandava fazer era proibir, ou, vá lá, pedir para acabarem com aquela agenda. O dia seguinte dos portugueses não pode ser uma fatalidade.

MULHERES NA POLÍTICA

mãe – a famosa D. Tareja – na cadeia, em nome da razão de Estado. Não consegui então racionalizar o que me preocupava, o que só pude fazer muitos anos mais tarde, mas fiquei surpreso, chocado, quando não magoado, face a esta violência. A escola, e o catecismo, ensinavam-nos a honrar o pai e a mãe. Na política, e na história, as coisas não possuiam a limpidez normativa do catecismo.

Não consegui, mau grado todos estes anos passados, superar a importância desta ferida simbólica. Devo até ter pensado que o ferimento no joelho, infligido ao rei, quando abandonava Badajoz (onde é que se podiam ir fazer compras, se não tivesse havido esse acidente?), era o castigo necessário. O que pecara agredindo a mãe, recebia assim a punição, que tanto o atingia – no corpo, como o tornava politicamente inerme. Levei muitos anos a reconsiderar a questão, e não sei se já terei lavado, com os grandes baldes de lixívia teórica, o sarro que me ficou de então.

Sobretudo, disse com os meus muitos botões: mas então somos um país matriarcal e, se as estatísticas dizem a verdade, são as mulheres que são batidas, e não parece que nos crimes passionais, haja mais homens mortos do que mulheres. Tudo contribuía por isso para pôr em dúvida a certeza tão magnífica da tese: os elementos históricos, associados à prática quotidiana, não iam, como continuam a não ir, no sentido da exaltação matriarcal. Muito pelo contrário: na divisão sexual das tarefas, e apesar dos progressos feitos, a mulher continua a ocupar o espaço dos dominados absolutos.

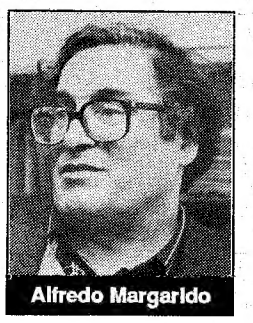
Bem sei que alguns teóricos, muito mais exaltados, muito mais possuídos pelo demónio lírico, quiseram substituir a Pátria, pela Mátria: a nossa existência só poderia ser compreendida por meio da importância exaltante das mulheres. Pelo que o País devia ser compreendido na sua dominante feminina, em detrimento das forças masculinas. Também me ocorreu que semelhante tese nos não dava grandes vantagens, pois sempre pensei que o casal fundador era o da Pátria, entendida como uma força masculinizante, que se opunha à Morte, o elemento feminino por excelência.

Aparentemente não tenho razão, já que uma fracção da nossa intelectualidade adoptou essa revisão apressada, abandonando ou repudiando a Pátria em proveito dessa Mátria, que nos não salva das muitas miséria que se multiplicam. E, saudosista como não pode deixar de ser um bom transmontano, pensei que a estrofe inicial da Marselhesa – allons enfants de la Patrie – perdia todo o seu fulgor metalicamente fraterno que, em tempos que não vão muito longe, arrastava para a revolução que pretendia impor a igualdade aos homens, mesmo quando não o conseguia.

Compreenda-se agora o meu desencanto: afinal, na política, as diferentes figuras mas Mátrias não parecem tão sedutoras e direi até que me surpreende nelas uma prática antropofágica, já que todas elas se alimentam da única vianda que lhes apraz: a carne do povo. Bem sei que se pode replicar estarmos perante figuras e condições excepcionais, que não autorizam nem a extrapolação, nem a generalização. Aceito perfeitamente a observação, mas ela não me impede de verificar a tendência existente, que leva as mulheres, esposas, sobretudo, a utilizar o poder totalitário para exercer uma dominação absoluta.

E pensei também, pequeno regresso à nossa história recente, na felicidade oferecida pela ditadura. O clássico Presidente da República, general Óscar Carmona, vivera desde os seus tempos de jovem oficial da guarnição de Chaves, com uma costureira, D. Maria do Carmo, com quem só casou quando a promoção a Presidente da República o forçou a esse passo normalizador. Nunca as responsabilidades do Poder autorizaram a esposa recentíssima do Presidente da República a participar nas práticas de repressão, todavia, correntes durante o longo período erm que partilhou o Forte de Cascais com o digno esposo, que acabaria Marechal.

Possivelmente por desconfiar das mulheres, o Presidente do Conselho, prof. Oliveira Salazar, satisfez-se com os serviços da governanta, a inesquecível D. Maria. Muita gente, ou quase toda, quis que houvesse se não um «romance» entre o prof. Salazar e a D. Maria, em todo o caso o recurso aos seus «serviços». Estou em crer que, treinado pelo seminário, o prof. Salazar não encontrou na prostituição de Coimbra, que servia à iniciação sexual da elite que devia governar o País, a satisfação meio romântica, meio puritana que estava no direito de procurar.

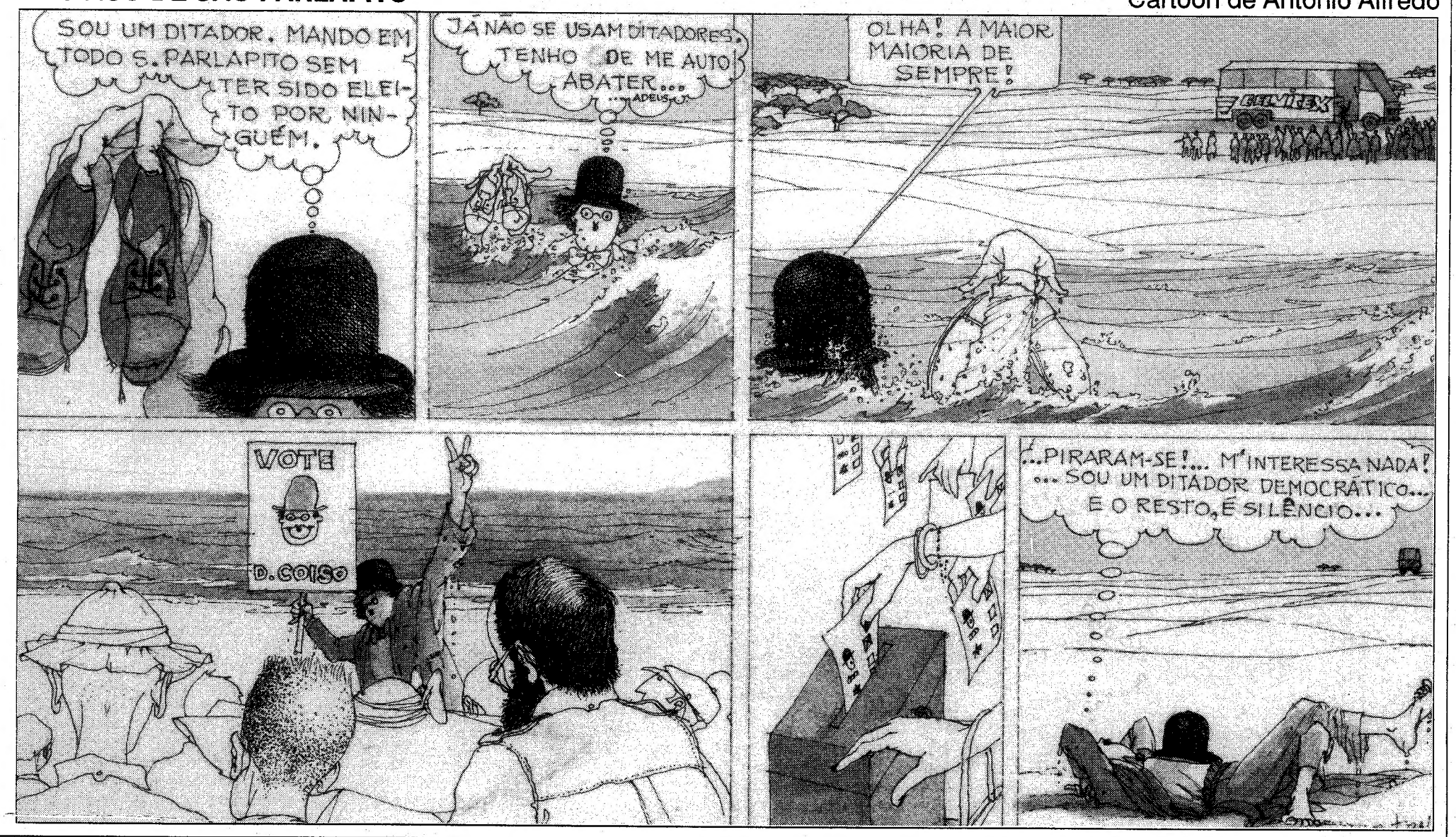


Alfredo Margarido

Pelo que passámos os longos anos da ditadura com o prazer sinistro de ser apenas, e exclusivamente, maltratados pelos homens. Talvez, feitas as contas não fôssemos um autêntico regime totalitário. Mas penso, também, que tivemos a sorte de não ser vítimas de mulheres que, mal educadas, acreditavam poder transformar-se em autênticas Mátrias. Este erro, cuja gravidade penso ser evidente, fez das falsas Mátrias, autênticas figuras da Morte. O que me leva a sublinhar a intensidade do laço existente entre as duas figuras femininas. Hoje, que parece ter desaparecido a última figura do Drácula feminino, talvez acabemos por acreditar que as Pátrias só podem ser fecundas – em termos ideológicos – quando se não opõem às Mátrias. Pelo que, espero, se possa ainda entoar, festiva e triunfalmente, o famoso primeiro verso imperativo da Marselhesa.

"D.COISO DE SÃO PARLAPITO"

Cartoon de António Alfredo



POLÍTICA

Salão a abarrotar recebe novo executivo camarário

Grupo do PSD não aceita responsabilidades na vereação

Um salão nobre a abarrotar, imensos mirones e muitos «ilustres» receberam esta manhã a nova equipa autárquica de Lisboa, numa sessão de posse marcada pelo discurso de Jorge Sampaio *(ver texto nestas páginas)*, que estabeleceu claramente as fronteiras entre o poder municipal e o central.

O protocolo viu-se e desejou-se para organizar o espaço em função do elevado número de pessoas que afluiu à sede da Câmara, para assistir à passagem do testemunho. Uma cerimónia à qual, nas respectivas intervenções, quer o presidente da Assembleia Municipal cessante, quer o novo líder municipal quiseram retirar a etiqueta de mero ritual.

Correia Afonso, que elogiou as virtudes do municipalismo teorizado por Alexandre Herculano, refutou a imagem de uma Assembleia Municipal parente pobre do poder local. Considerou que, nos últimos dez anos, a autonomia do orgão foi assegurada - não apenas no plano das competências, mas do ponto de vista financeiro e patrimonial.

A equipa vencedora das eleições de Dezembro marcou presença em força, assim expressando a clara «mudança de agulha» da autarquia alfacinha. Pelo salão nobre passaram diversos dirigentes e deputados das forças vencedoras, sobretudo socialistas. Uma postura claramente oposta à de Marcelo Rebelo de Sousa. O candidato derrotado, chegou ao acto de posse já a sua assinatura havia sido solicitada há uma boa meia hora.

Eurico Vasconcelos

Sampaio no discurso de posse: provar na prática a competência teórica

PSD não aceita pelouros

Aliás, o grupo social-democrata no novo executivo da Câmara de Lisboa será o único que não terá quaisquer responsabilidades de gestão, caso se mantenha a sua obstinação em recusar os pelouros que a nova maioria se dispõe a oferecer-lhe.

Ultrapassada a recusa de Luis Coimbra, único representante do PPM, e dos vereadores centristas, Marcelo vê gorado o seu desejo de manter no período pós-eleitoral a convergência partidária unida em torno da coligação «Viver Melhor em Lisboa».

A oposição espartilhou-se ainda antes do «tiro de partida» e não é crível que os apelos de Jorge Sampaio à aceitaçã o de pelouros tenham algum eco. Falta-lhes «dignidade» - argumenta o grupo do PSD, cujos três membros não terão qualquer pelouro.

Abastecimentos e Acção Social, dois dos que a maioria se propunha ceder aos social-democratas serão, deste modo, assegurados a meio tempo, pelos vereadores centristas Ferreira de Lemos e José Luis Seixas, respectivamente. Segundo apurou o «DL», Luis Coimbra aceitou a proposta que ontem lhe foi feita de chamar a si os pelouros - sem tempo - da Iluminação Pública e dos Parques de Campismo.

Jorge Sampaio reserva para si as áreas das Relações Internacionais e Planeamento e Gestão Urbanística, sendo assessorado pelo jovem quadro comunista Miguel Portas em matéria cultural. Os restantes pelouros ficam assim distribuidos: Rui Godinho- Núcleos históricos, Saneamento, Limpeza Urbana e Frota; João Soares- Cultura e Espaços Verdes; Vitor Costa- Ambiente e Turismo; Vasco Franco- Habitação e Segurança; Rêgo Mendes- Ensino, Juventude e Desporto; Machado Rodrigues- Trânsito; Luis Simões- Pessoal, Finanças e Património e Anselmo Aníbal- Organização e Informática e Administração Geral.

PM

Sampaio define regras

Uma política para a cidade e não contra o poder central

« O Município de Lisboa praticará uma política para a cidade e não uma política contra o Poder Central" - afirmou esta manhã Jorge Sampaio, ao tomar posse do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Sampaio traçava,assim, uma linha de orientação, ao mesmo tempo que lançava um aviso ao Governo: «Espero que o Poder Central entenda que a valorização da capital é uma profunda necessidade da política nacional». E noutro passo, diria ainda a este respeito: «Espero sinceramente que seja possível a cooperação em benefício de todos, pois as guerrilhas institucionais saíram sempre caras aos que nelas se viram envolvidos em causa alheia, isto é, aos cidadãos».

Estes princípios derivam de uma outra postura que Jorge Sampaio definiu neste primeiro dia, que é a de não querer ver confundidas as suas funções de presidente de câmara com as posições de secretário-geral do Partido Socialista. «Na qualidade de secretário-geral do partido a que pertenço não deixarei de tecer as considerações políticas que o meu partido entenda necessárias (...) mas na Praça do Município estará o Jorge Sampaio presidente da Câmara».

Jorge Sampaio sentiu necessidade de fazer este declaração prévia a fim de clarificar as relações institucionais do Município com o Poder Central, e com o Governo em particular. «O Município de Lisboa não será um contra-poder, o Município de Lisboa é um poder, e o compromisso entre poderes é o único caminho que se abre para a resolução dos problemas estruturais que afectam a capital».

O novo presidente também se referiu, ainda que de forma cautelosa, à herança legada por Abecasis, afirmando que a assume não deixando «de avaliar os contornos e a substância do que vem encontrar», e declarando que «assumirá as responsabilidades decorrentes das propostas que responsavelmente foram votadas pelos lisboetas». Porém, sublinhou que o seu estilo e modo de trabalhar serão distintos dos de Abecasis, porque trabalhará em equipa e em diálogo.

Reafirmando compromissos afirmados durante a campanha eleitoral, prometeu apelar à participação dos cidadãos e proceder à transferência de recursos e competências para as Juntas de Freguesia.

Jorge Sampaio renovou o seu apelo aos vereadores da oposição para que aceitem a distribuição de pelouros, dizendo que «a cidade e a confiança colectiva na superação das carências só terá a ganhar se a disponibilidade que manifesto tiver eco nos destinatários». E explicou: «O executivo municipal não é um Parlamento, mas também não será um governo monocolor. Estão consagrados na lei os direitos e os deveres de todos».

Quanto à aplicação do seu programa, Sampaio disse pouco. Limitou-se a declarar que o primeiro ano da nova vereação será um ano de obra e de estabelecimento de um planeamento urbanístico estratégico de que Lisboa tem estado carente. Prometeu o desbloqueamento das situações mais críticas do tráfego e, sem esquecer o ataque das causas, garantiu, neste capítulo, a abertura de concursos de obras para novos parques de estacionamento e a resolução de alguns nós viários.

Eurico Vasconcelos

Correia Afonso (ao centro): o presidente da AM cessante sublinhou a importância da autonomia do orgão

Último dia na Praça do Município

Abecasis esteve com o povo

Rei morto, rei posto. Nuno Abecasis acabou o seu mandato. Sampaio começa. Depois de dez anos à frente do maior município do País, o autarca de quem mais se falou nos últimos tempos deixou a Praça do Município, não sem antes ter feito a despedida à sua maneira. Na sexta-feira, entregou casas, falou com os «almeidas». Esteve com o povo. Em tom nostálgico ,abandonou a «vida artística».

De manhã, um pouco atrasado (nunca perdeu o hábito) Nuno Abecasis chega aos Paços do Concelho. Começa assim o último dia da sua gestão. Programa: visita a obras de construção de edifícios de habitação social e entrega de 116 fogos.

Ao longo da viagem pelas ruas de Lisboa, vai falando da obra feita. «Nunca se construiu tanto como agora», diz a dada altura, acrescentando: «Agora, daqui para a frente, fica a saber-se de onde parte cada um e até onde consegue chegar». Com esta frase enigmática mas cheia de segundos sentidos, Abecasis quer demarcar o território. A partir daqui...

No Bairro das Furnas, começa propriamente a visita. Num T1 modelo, o autarca explica que as casas de habitação social «têm tão boa qualidade como as destinadas à gente rica». Recebem-no alguns dos novos moradores, vindos de barracas agora já demolidas. Ambiente pacífico.

Rui Vasco

Abecasis em cima da mesa, como há dez anos

Bairro da Boavista

Etapa seguinte: Bairro da Boavista. A meio caminho, é «servido» um vídeo sobre as condições de vida na cidade. «Na Constituição diz-se que temos direito a casas, não a barracas», afirma uma entrevistada. Apesar de não ser doutora em Ciência Política a mulher acerta em cheio.

No Bairro da Boavista esperam o presidente centenas de moradores. Fazem barulho. No meio da confusão, uma mulher numa cadeira de rodas. Abecasis desce do autocarro. Ao contrário dos aplausos, ouve protestos. A mulher, lavada em lágrimas, pede uma casa. «Estou tuberculosa, na minha barraca os ratos andam de um lado para o outro, veja lá se me pode dar essa casinha que aí está vazia».

O que ela pede é o andar modelo. Abecasis denotando pouco à vontade, mas tentando apaziguar os ânimos, resolve contornar a situação. «Tem calma agora vais ficar aqui provisoriamente e depois logo se vê», disse. Os contactos com povo têm destas coisas...

Acabado o episódio mais controverso, a ronda continua pelo Bairro do Padre Cruz. Nova oportunidade para falar da obra feita. Desta vez é Carlos Robalo, vereador centrista que tenta explicar a complexidade de empreendimentos como este: «É bom que as pessoas saibam que as obras não são do tipo carregar no botão e casa salta».

No entender do vereador, convém que os sucessores tenham em conta o trabalho realizado. «Esperemos que, quando inaugurar esta obra, o próximo presidente se lembre de nos convidar a mim e ao engenheiro Abecasis», disse.

O crime social

Os recados à próxima Câmara são uma constante.

Eurico Vasconcelos

Abecasis antes das últimas cerimónias de um longo mandato de dez anos

Chegado ao Bairro da Horta Nova, Abecasis aproveita a oportunidade para dar mais uma alfinetada. «Esta é uma das glórias da revolução de Abril, um crime social», diz.

Razão desta ironia: as casas, num estado deplorável de conservação, foram construídas durante a gestão de Aquilino Ribeiro Machado, em 1979. «Foi um erro que cometeram pois sabiam que não resultava.

Já tinham a experiência do Bairro do Relógio e insistiram. Deitaram três milhões de contos à rua. Agora sou eu que estou a recuperar isto», acrescenta.

Na Zona-1 de Chelas Abecasis protagoniza a última entrega de fogos da sua gestão. Muita gente para ver. Apenas 60 para receber as chaves. Mulheres, homens e crianças, oriundos do Bairro do Relógio .

No discurso que profere, em tudo semelhante a um sermão, Abecasis afirma:«O nosso lema sempre foi casas construídas barracas abaixo, mas havemos de deixar aí uma para que sirva de monumento ao vosso sofrimento. Nunca se esqueçam do vosso passado».

Um lapso lamentável na paginação electrónica subverteu por completo as páginas centrais da edição do «DL» da passada sexta-feira, com prejuízo evidente para os leitores e para a jornalista Dina Soares, autora da reportagem sobre os buracos nas ruas de Lisboa. Em resultado, inserimos duas vezes o mesmo texto - e deixámos «no buraco», com a-propósito o podemos dizer, a peça principal que, com as nossas desculpas, aqui reproduzimos na íntegra, visto que a sua oportunidade se mantém

Vereador promete ruas novas no prazo de seis anos

O problema dos buracos de Lisboa já tem um prazo para ser razoavelmente solucionado. O ano de 1966 é a data apontada pelo próximo vereador do pelouro do Trânsito, Machado Rodrigues, para reconstruir na totalidade cerca de 60 por cento da via pública lisboeta. Os custos calculados para esta obra, que se prolongará por seis anos, orçam os 25 milhões de contos, estando previsto que se privilegiem, numa primeira fase, os eixos com maior circulação de transportes públicos.

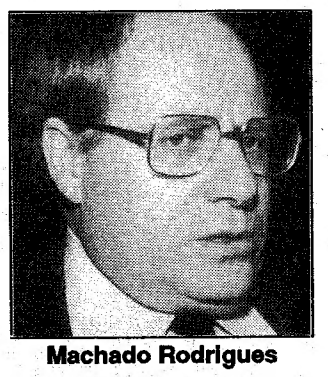
O futuro vereador, contemplado com a pesada herança dos buracos da capital, está consciente de que não tem pela frente uma tarefa fácil. «Tanto quanto sei, não existe um plano integrado a médio prazo para reconstruir os pavimentos que necessitam de uma intervenção de fundo, pois o que se tem feito até agora são meras intervenções pontuais».

Este tipo de acção não vai, aliás, ser substancialmente modificado durante ao seu primeiro ano de mandato. A já anunciada verba de três milhões de contos, destina-se, no fundamental, à repavimentação e reconstrução de vias, embora já inclua a construção de algumas passagens desniveladas, caso de Alcantara e da Rotunda do Relógio.

A dificuldade de «pôr Lisboa em forma» deriva, em grande parte, do estado altamente degradado em que se encontra 90 por cento das ruas da capital. «O problema é de raiz, já que a maioria das vias não foram bem construídas. Para agravar esta situação, nunca se praticou uma manutenção adequada e assim, com as primeiras chuvas, a cidade caíu num caos», explica Machado Rodrigues.

«Quer dizer com isso que o elenco camarário que agora cessa funções não fez um bom trabalho?» - perguntámos. «O engenheiro Abecasis tapou muitos buracos mas (re)construiu poucas ruas. Além disso, em 1989 as obras de conservação foram muito aligeiradas, para não dizer quase nulas e os resultados estão à vista».

As companhias da água, electricidade, gás e telefones têm também, no entender deste vereador, grandes culpas no estado calamitoso das ruas. Segundo ele, «teoricamente, a câmara devia



Machado Rodrigues

ter o controlo total das obras feitas por estas companhias mas, alegando razões de urgência, estas escapam à vigilância camarária. Quando toca a fechar os buracos, há um certo aligeirar de responsabilidades».

Para solucionar este problema Machado Rodrigues propõe a criação de uma comissão que integre todas as entidades com interesses no subsolo da cidade, destinada a estabelecer regras e a penalizar quem as viole. O problema da fiscalização das obras constitui, aliás, um dos que o veredor socialista pretende atacar mais rapidamente.

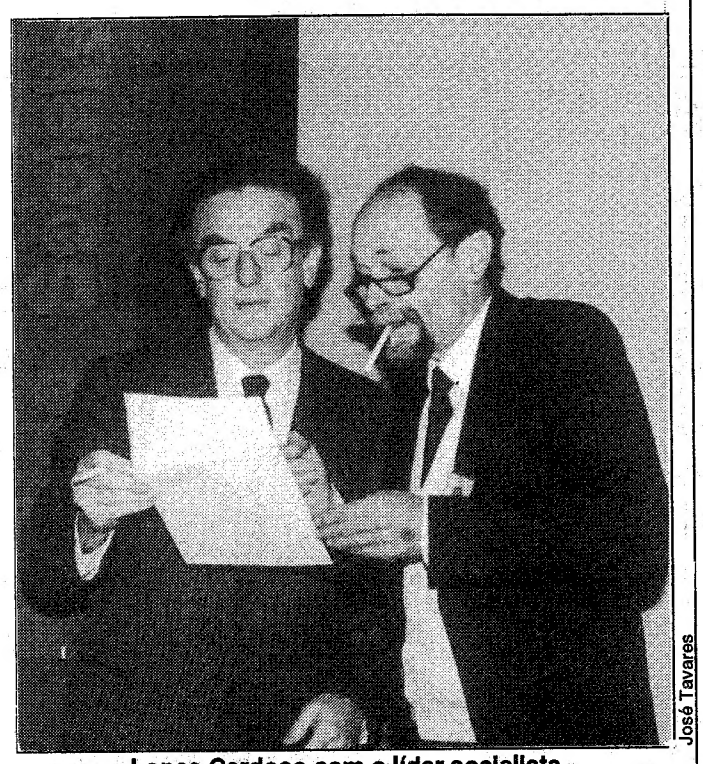
O responsável pelo trânsito lisboeta já tem planos nesta área: «Como a câmara não tem nenhum laboratório para fazer uma fiscalização técnica das obras, tenciona estabelecer um contrato com o laboratório nacional de Engenharia Civil para que, por amostragem das obras principais, se possa fazer um controlo técnico apertado que permita ajuizar do empenhamento e eficácia das empresas».

Na verdade, quando se pensa em obras pensa-se muitas vezes em corrupção a nível de empreitadas. Machado Rodrigues afirma pouco saber a este respeito, mas aponta já um caso concreto, o da Rua do Cruzeiro, que anda há mais de dois anos a ser reconstruída.

A definição dos tipos de pavimentos mais adequados a cada rua, atendendo às características do solo e à intensidade do tráfego e a mobilização da câmara para um esforço financeiro colectivo no sentido de dar solução a esta praga constituem, no entender de Machado Rodrigues, as grandes prioridades do seu mandato. No entanto, a sua tarefa é hercúlea: é que nem sequer existe na edilidade da capital um cadastro completo e sistemático do tipo e estado de cada uma das ruas.

Dina Soares

POLÍTICA



José Tavares

Lopes Cardoso com o líder socialista

PS antecipa-se no apoio a Soares

O apelo unânime da última Comissão Nacional do Partido Socialista no sentido de Mário Soares se candidatar a um segundo mandato teve como causa próxima o receio de o próximo congresso do PSD acabar por tomar uma resolução nesse sentido, esvaziando de conteúdo uma nova vitória política dos socialistas. As alusões de Jorge Sampaio aos «princípios de 1985» recordaram que Cavaco Silva conquistou o PSD com a promessa de um apoio a Freitas do Amaral, que depois de efectivado conduziu os social-democratas a uma batalha perdida.

A «isenção democrática e cívica» de Mário Soares, a par do «amplo consenso nacional» e do sucesso do «contacto íntimo com as populações» foram importantes factores apontados pelo líder socialista, ao propôr o apelo endereçado ao Presidente da República.

A reunião da Comissão Nacional foi mais curta do que o que estava previsto, dado o clima consensual com que a intervenção de Jorge Sampaio foi acolhida.

O líder assinalou carências, pediu serenidade e apelou aos « cento e vinte embaixadores» do PS em todo o País, os presidentes de Câmara eleitos recentemente, para que auxiliem o partido. Porque os cofres não estão cheios, longe disso.

Congresso no Porto ?

O próximo Congresso do Partido Socialista foi marcado para os dias 25, 26 e 27 de Maio, havendo desde já uma forte corrente favorável à sua realização no Porto. Tratar-se-ia de homenagear uma cidade que votou de forma bem diferente, em 17 de Dezembro.

Problemas logísticos ligados à falta de largueza dos meios financeiros poderão obstar, todavia, ao progresso desta ideia.

A decisão final caberá à Comissão Organizadora do Congresso (COC) eleita pela Comissão política e integrada por Ferraz de Abreu, Ferro Rodrigues, José Manuel Galvão Teles, Vasco Franco, Caio Roque, Armando Vara, Eduardo Ambar, Julieta Sampaio, Raul de Brito e Rui Cunha.

Só depois do Congresso Nacional se reunirão os congressos das federações.

Sem triunfalismos e com particular atenção às falhas existentes na acção política do seu partido, os socialistas deram na última Comissão Nacional o mote para o Congresso Nacional da próxima Primavera. Vai ser uma reunião sem grandes novidades, a não ser no plano da maior abrangência pretendida pela actual liderança quanto ao preenchimento dos lugares de responsabilidade.

Depois do fim do PRD dado como certo pelo secretário-geral do PS, Jorge Sampaio quer ir ao eleitorado flutuante entre o PSD e o PS buscar os votos que faltam, sem no entanto desistsir de fazer o pleno da Esquerda.

As dificuldades do PSD quando se trata das próximas eleições presidenciais ajudam o PS que, por ter o seu fundador em Belém e com uma cotação invejável em termos de opinião pública, pode ter ganho no último fim de semana mais uma batalha política, limitando-se a ser igual a si próprio.

João Isidro

Conselho Nacional do PSD: Cavaco pacificou os críticos

O presidente do PSD conseguiu amenizar o tom das críticas e ganhar tempo até ao Congresso. A escolha do candidato dos sociais-democratas para a Presidência da República foi adiada

Conselho Nacional do PSD: o partido procura organizar-se para as eleições de 91

O Conselho Nacional do PSD provou mais uma vez que nem sempre a intensidade das críticas ao primeiro-ministro e presidente do partido se confirmam nas reuniões à porta fechada.

No entanto, neste caso terão pesado dois factores. Por um lado o discurso pacificador de Cavaco Silva prometendo um maior diálogo dentro do partido e, por outro, a consciência por parte dos conselheiros sociais-democratas de que até às eleições de 1991 as críticas na praça pública à figura do primeiro-ministro podem significar «hara-quiri político» para o PSD.

As vozes discordantes não vão desistir de pressionar Cavaco Silva no sentido da mudança, pois consideram que «sem uma nova política social-democrata não é possível reconquistar a maioria absoluta» mas, pelo menos até ao Congresso, vão moderar o tom.

Dias antes, o líder do PSD reunira com as estruturas sindicais do partido, com a JSD e com as comissões políticas distritais para apelar à unidade em torno dos interesses nacionais e também dos interesses partidários para os próximos desafios eleitorais. Depois da amanhã é a vez do grupo parlamentar e no dia 10 Cavaco vai encontar-se com as concelhias, na Figueira da Foz para revelar a nova estratégia do PSD, embora neste último caso a reunião tenha maior significado político. É quase a antecipação do Congresso marcado para os dias 6,7 e 8 de Abril.

O discurso de Cavaco Silva, a abrir o primeiro Conselho Nacional do PSD depois das autárquicas e depois da remodelação, definiu irremediávelmente o sentido dos debates. A questão do candidato presidencial foi afastada à partida, bem como os problemas do Governo. O debate ficou aberto à discussão dos problemas partidários. A divergência de fundo do Conselho Nacional dos sociais-democratas não ficou resolvida. Dirigentes como Pinto Leite, Pacheco Pereira, Rui Machete e Ângelo Correia defenderam a necessidade de tornar o partido mais autónomo do Governo, mas ao mesmo tempo obrigar o Executivo a cumprir os princípios ideológicos do partido para o país.

A resposta de Cavaco foi conclusiva: Quem governa é o primeiro-ministro e o partido tem de se reorganizar para ajudar o Governo a ganhar 1991. Esta leitura remete para o PSD grande parte das responsabilidades dos recentes desaires eleitorais, versão repudiada pelos críticos que, embora admitam que «o partido perdeu a dinâmica e se encostou à maioria dos 51 por cento», sublinham que a derrota nas autárquicas ficou a dever-se a uma «má política do Governo».

Presidenciais: o «calcanhar de Aquiles»

A estratégia do PSD para as presidênciais, apesar da indicação inicial de Cavaco Silva, foi aflorada nos discursos de Alberto João Jardim e Ângelo Correia. O dirigente madeirense responsabilizou as Presidências Abertas pelos resultados positivos do PS nas regiões escolhidas por Soares.

Mas apesar desta crítica, a maioria dos dirigentes do PSD defendem o apoio à recandidatura do Presidente, embora não a qualquer preço. Isto é, os social-democratas estariam na disposição de apoiar Soares se este aceitasse recandidatar-se com o apoio de cidadãos e não com o apoio de partidos.

Este tema, extremamente delicado para o PSD, ficou entregue, segundo uma sugestão feita por Ângelo Correia, ao presidente do partido, que deverá encontrar-se com o chefe de Estado para discutir o assunto.

A necessidade de imprimir maior dinâmica e um novo estilo ao PSD e ao Governo reuniu o consenso dos presentes. Nesta perspectiva, os cidadãos vão assistir ao endurecimento da linguagem contra os socialistas.

Afinal, disse ao DL um social-democrata, «eles, enquanto estiveram no Poder sempre foram contra a privatização da Televisão e agora é que se arvoram em defensores. Por este andar ultrapassam o PSD pela direita e exigem a privatização do Banco de Portugal».

As quatro intervenções mais importantes da tarde (Pinto Leite, Pacheco Pereira, Rui Machete e Ângelo Correia) andaram todas à volta das mesmas questões: melhorar o relacionamento do Governo com os cidadãos, marcar bem as diferenças entre o PS e o PSD em termos de projecto para o futuro do País, aprofundar as raizes ideológicas dos socias-democratas e projectar no Executivo uma actuação mais política e menos tecnocrata. Pacheco Pereira chegou mesmo a afirmar que «não é com gabinetes de imagem que se melhora o contacto com os cidadãos, mas com uma melhor política».

Se não fossem as intervenções de Rui Machete e Luis Filipe Menezes, que lamentaram a ausência de Eurico de Melo, a falta do ex-vice-primeiro ministro atingiria o grau do esquecimento, ainda que aparente. Mas o homem de Santo Tirso estará presente no Congresso e, certamente, irá fazer notar a sua presença.

Maria João Rocha

José Tavares

Dias Loureiro apoia Cavaco

Fernando Nogueira e Ângelo Correia bem dispostos

POLÍTICA

PSD repete vitória no Funchal

Socialistas e centristas da Madeira querem ter assento nas grandes decisões camarárias e escrever no boletim municipal com estatuto de oposição

Do nosso enviado especial

O PSD confirmou ontem a sua vitória nas eleições autárquicas de 17 de Dezembro nas freguesias de Santa Maria Maior e São Pedro, no concelho do Funchal, cujo apuramento final de cinco mesas de voto foi anulado pelo Tribunal Constitucional com base em alegadas irregularidades. O processo - não envio de votos brancos e nulos, como a lei determina - foi na ocasião acesamente contestado, o que não impediu que o acto se repetisse ontem, com os social-democratas a imporem-se à concorrência.

As listas do PSD, encabeçadas por Jorge Pereira, em Santa Maria Maior, e Mário Abreu, em São Pedro, venceram o escrutínio em quatro das cinco mesas de voto, repetindo-se, na prática, os resultados de há pouco mais de um mês. O PSD subiu, no entanto, de 836 votos em 17 de Dezembro para 951 ontem, enquanto a coligação «Pelo Nosso Funchal» (PS/CDS) passou de 790 para 807. UDP e PCP/PEV foram as «vítimas» das eleições de ontem. O PSD ficou com sete dos treze mandatos em disputa e o PS com os restantes seis.

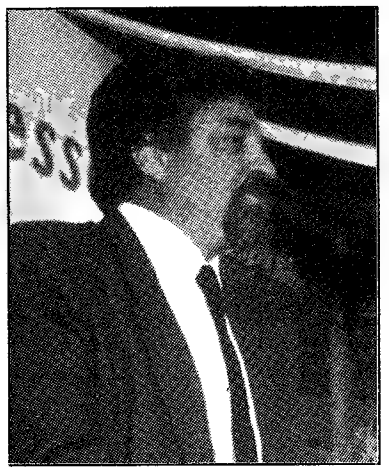
Dos 4416 eleitores inscritos nas já citadas cinco mesas de voto, menos de metade foi às urnas: Mesmo assim, conforme sublinhou o líder do PS na Madeira ao DL, a abstenção foi menor que em 17 de Dezembro. «Não era isso que o PSD dizia nem esperava», acrescentou Jardim Fernandes. PSD/PPD com 951 votos e PS/CDS com 807 (menos 141) distanciaram-se significativamente da UDP e do PCP/PEV, que somaram 92 e 26 votos, respectivamente, menos 33 e 20, pela mesma ordem, que em 17 de Dezembro. «É evidente que houve uma transferência de votos da esquerda para o PSD», disse o líder do CDS ao DL, num breve comentário feito na sede do Partido Socialista ao resultado destas eleições que se repetiram por recurso apresentado pela UDP.

Não estava em questão a eleição do presidente da Câmara Municipal, que em 17 de Dezembro reuniu o número suficiente de votos para a sua recondução. Jorge Dantas entrou já no seu segundo mandato, como presidente, depois de um outro vice-presidente. Irmão do chefe de gabinete do Governo Regional, Luís Dantas, foi o primeiro presidente da Câmara de Lobos depois do 25 de Abril.

Tradição que se mantém

O escrutínio de ontem repetiu, por outro lado, a vitória da coligação PS/CDS numa mesa de freguesias de Santa Maria Maior, com mais 15 votos (170) que o PSD/PPD. A diferença em 17 de Dezembro havia sido de dezoito votos.

A coligação «Pelo Nosso Funchal» subiu, com efeito, mas o PSD/PPD



Emanuel Jardim Fernandes

além de vencer, subiu bastante nesta repetição, a expensas da UDP e do PCP/PEV. «PS e CDS mantêm a sua votação e o apoio do seu eleitorado enquanto se verifica uma transferência de votos dos outros partidos», observou Jardim Fernandes ao enviado do DL.

Recorde-se que a coligação «Pelo Nosso Funchal» defendeu a repetição das eleições não ao nível de secções de voto, mas de freguesias, questão que Jardim Fernandes sublinhou ao DL, alegando haver todas as razões para que assim fosse, conforme era interpretação do PS/CDS.

Para além do PSD/PPD dever ter em conta a implantação da coligação PS/CDS, de modo «a respeitar a vontade integral do eleitorado e dando a devida dimensão ao papel da coligação na gestão autárquica do Funchal», como referiu Jardim Fernandes, estas eleições vieram demonstrar com clareza que «Pelo Nosso Funchal» é alternativa credível os sociais-democratas nesta cidade.

Com cerca de 120 mil habitantes e 89113 eleitores, para as autárquicas de 17 de Dezembro votaram cerca de 47 mil.

A coligação PS/CDS exigiu condições «para um eficiente exercício de mandato» em conferência de Imprensa promovida no Funchal. Entre outras condições, exibiram a garantia da «plena garantia do estatuto de oposição municipal», a «distribuição de pelouros de responsabilidade municipais por todos os vereadores eleitos» e um «consenso nas nomeações do quadro directivo da Câmara Municipal».

Emanuel Jardim Fernandes e Riscardo Vieira frisaram na reunião com os jornalistas que o resultado das eleições «impõe a aprovação e a criação de condições que asseguram a efectiva participação de representantes de todas as forjas eleitas na gestão dos órgãos do Município. A coligação reclama ainda a abertura das colunas do boletim municipal à colaboração da Oposição e a fixação de reuniões periódicas e extraordinárias na Assembleia Municipal.

Júlio Rodrigues

Nova direita pede dissolução do CDS

A Força Nacional (FN), que realizou a sua primeira convenção, à porta fechada defendeu a autodissolução do CDS, assumindo-se como representante de «direita nacional, popular social e cristã».

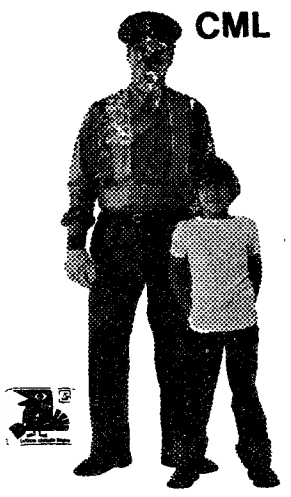
Aquela organização advoga o desaparecimento do CDS porque o considera um partido «irremediavelmente desacreditado pelo eleitorado de direita».

Sacerdotes presentes

Miguel Castelo-Branco, que foi reconduzido no cargo de secretário-geral da FN, disse à Lusa que no encontro de sábado participaram 80 pessoas, contando-se entre estas, autarcas do CDS da região do Porto e Aveiro, bem como sacerdotes católicos, membros do PPM e militares na reserva.

Segundo as decisões da convenção, «a FN separa-se decididamente de qualquer preocupação de regime (monarquia/república), pelo que a Nova Monarquia dela se deverá desvincular como movimento cívico e cultural que é, mantendo porém as duas organizações profundos laços de solidariedade nacionalista».

CML



uma cidade limpa
é uma cidade viva

EMERGÊNCIA
115

O primeiro gesto é seu

SALDOS

FIM DE ESTAÇÃO
DE 22 A 27 DE JANEIRO.

St Michael from
MARKS & SPENCER

Av. Guerra Junqueiro, 14-A · 1000 LISBOA

POLÍTICA

Mudanças a Leste, crise das ideologias, alterações de valores e de comportamentos marcam o fim do século e vão condicionar o próximo milénio. O Centro Universitário Padre António Vieira promoveu, no fim de semana, um colóquio sobre as convulsões da sociedade contemporânea, integrado no VI Encontro Fé e Justiça, e o «DL» foi ouvir o que mais curiosidade lhe despertou. Não deu por mal empregue o seu tempo

O mais importante é o invisível...

«O mais importante é o invisível». A afirmação, num debate acerca do futuro de Deus, frustrou algum tonto que porventura esperasse, ao fim de três horas, qualquer luzinha orientadora de resposta para questões que ocupam os homens *ab initio* , e reflecte bem a complexidade intrínseca do assunto e as metodologias que cada qual, consoante a sua posição filosófica, adopta para se pronunciar. Estando o invisível fora de causa, porque tem a ver com a relação individual com Deus e o colóquio não se destinava ao confronto de experiências místicas, restava o visível, que não é o mesmo para Vasco Pulido Valente, e para António Vaz Pinto e Carlos Macedo.

Pulido Valente colocou-se numa perspectiva histórica e social para vaticinar, conforme as zonas do planeta, ora um futuro para Deus, ora um futuro para as Igrejas . Assim, no Leste, na América Latina, nos países islâmicos, a Igreja dominante continuará a singrar como aparelho, designadamente como veículo do nacionalismo. O futuro de Deus, sobretudo para os muçulmanos, existe, sim, e é político - tê-lo-ia menos se não houvesse petróleo nessas bandas. O historiador não se congratula com tal futuro, porque a intervenção das Igrejas em lutas de carácter laico pode produzir «conflitos de grande irracionalidade e de consequências desastrosas para o mundo inteiro» (Pulido Valente pensava, decerto, nas disputas étnicas que grassam na União Soviética) e é incompatível com a sua essência: ás Igrejas devem lutar pelos seus fins, não pelos meios de os atingir.

No Ocidente, a questão é outra: as Igrejas não têm futuro e Deus tê-lo-á - mas perverso. Isto, em primeiro lugar, porque é duvidoso que a Igreja (Católica no caso) seja compatível com a democracia : na democracia, a autoridade define-se pela dessacralização, na Igreja pela investidura num poder sobrenatural, não decorrente de uma escolha da comunidade. Depois, os valores da sociedade actual entram claramente em conflito com o *ethos* do cristianismo - os vícios privados são virtudes públicas. Pulido Valente exemplificou com a competitividade, a cobiça, o querer vencer a todo o custo e de qualquer maneira, o consumismo... Resumindo: os cristãos vivem num mundo esquizofrénico (diria Vaz Pinto), divididos entre o egoísmo da vida laica nas horas de expediente, e o altruísmo imposto pelas suas convicções religiosas no remanso do lar. E há ainda o hedonismo, marca do nosso viver - tire prazer disto, tire prazer daquilo -, o que visivelmente não se compatibiliza com a «alegria cristã do sofrimento» A luta pela imortalidade, que acompanha, evidentemente, o homem desde o princípio, assume hoje características de culto pagão do corpo - as dietas, o exercício físico, o antitabagismo - que configura, ao lado da sacralização de objectos culturais menores, uma para-religião em concorrência com a religião estabelecida. Segue-se que o sentimento religioso não é suprimido, mas toma formas aberrantes, entre as quais se destaca a busca da relação pessaol com Deus, através de figuras carismáticas como, por exemplo, os pregadores de televisão nos Estados Unidos, figuras perversas. Desta análise conclui Vasco Pulido Valente que o futuro da Igreja - a Igreja mediadora - é duvidoso, e o de Deus está ameaçado de perversidade.

Carlos Macedo e Vasco Pulido Valente, dois participantes do colóquio

Mudança e identidade

O padre António Vaz Pinto não duvida do futuro de Deus nem do da Igreja, desde logo porque tem fé. A sua reflexão está, portanto, facilitada, produz-se num terreno outro que o da perspectiva sociológica de Pulido Valente, e ganha contornos de ecletismo quanto aos elementos de análise social. Assim, concorda com Pulido Valente no tocante à hipocrisia da maior parte dos cristãos, repete que não é possível servir a dois senhores, admite que nos países subdesenvolvidos a Igreja é factor de mudança e não vê os nacionalismos necessariamente como um mal.

Para não assentar exclusivamente a sua crença na sua fé, Vaz Pinto salienta que, estatisticamente, aqueles que pensam resolver os grandes problemas do homem sem Deus são uma minoria. Tal disponibilidade exige, todavia, a mudança - a Igreja deve re-situar-se, regressar à prática de alguns valores originais, assumir-se como espaço privilegiado de solidariedade e convivência, de autoridade não coerciva, de unidade não uniforme, de correctivo para o hedonismo, mas rejeitando sempre assumir-se como alternativa ao partido político. É a Igreja lutadora pelos homens, espaço de consciência crítica plural, que Vasco Pulido Valente deseja assim seja, mas contradiz a sua essência (Vaz Pinto lhe dará de algum modo razão mais adiante).

Carlos Macedo introduziu no debate um elemento pacificador. Católico, louvou-se no protestantismo para defender que «não é pecado ser rico». E, em vez de descobrir uma contradição entre a estrutura da Igreja e a democracia (que «para ser igual a si própria não pode ser democrática, conquanto eu não conheça instituição mais anárquica», disse Vaz Pinto), reconhece uma complementaridade indispensável: «Deus é a garantia maior dos direitos do homem».

Um debate como este não podia deixar de se perder na glosa de posições de princípio. A tentativa de Vasco Pulido Valente de preservar a distância do descomprometimento, facilitada, aliás, pela sua condição de não crente, embateu com a dificuldade compreensível dos outros intervenientes em adoptar uma perspectiva despida de toda a apologética. Que, aliás, diga-se em abono da verdade, não caracterizou o debate - os católicos interrogaram-se, apesar de tudo. Debate aliciante e útil, acaso reconduzido a uma questão prévia indiscutida, que se pressupunha arrumada de alguma maneira - e, por isso, estava fora do âmbito da discussão -, pela incómoda declaração de um jovem assistente, invocando Jaspers: «A fé não prova a existência de Deus, prova apenas a existência da fé».

João Paulo de Oliveira

Constâncio, Ernâni e Marcello contestam impunidade dos políticos

A Descolonização e a adesão à CEE são os dois grandes acontecimentos que retratam a mudança operada em Portugal, nos últimos anos. A moralização dos valores de justiça e de

igualdade, bem como dos poderes central e local, a regionalização e a aceitação de uma nova mentalidade europeia, são linhas de força do que deve mudar.

Estas conclusões foram tiradas unanimemente por três figuras distintas da vida política portuguesa, Ernani Lopes, Vitor Constâncio e Marcello Rebelo de Sousa, num debate moderado pelo jornalista Paulo Nogueira, realizado, no sábado passado, no CUPAV, Centro Universitário Padre António Vieira, em Lisboa.

Para além das intervenções mais técnicas e pedagógicas dos dois primeiros oradores, Ernani Lopes e Vitor Constâncio, em que predominou a componente económica, suas implicações e complexidades face aos novos mercados, coube, no entanto, ao ex-candidato à Câmara de Lisboa, Marcello Rebelo de Sousa, lançar para as 200 pessoas da assistência a matéria mais polémica.

A crise das instituições, o financiamento dos partidos, a imoralidade e a corrupção existente a todos os níveis, nomeadamente nas autarquias, a necessidade da sociedade civil intervir, a repartição da riqueza, a indefinição de regras de conduta social, foram os temas que mais impacto tiveram na audiência e que levou um interveniente da geral a comentar:

«A política em Portugal não tem dimensão moral, não existe um código de honra».

«E os senhores que já estiveram no governo com altos cargos, sentiram e aplicaram a justiça social de que tanto se fala ?», perguntou outro assistente.

Mitos e mercenarismo

Constâncio falou dos mitos que se criam quando se pensa no Poder e das dificuldades em levar à prática muitos dos desejos que se tem. Ernani Lopes referiu que esteve num cargo específico, pouco interveniente a esse nível. Marcello respondeu que essa questão não esteve longe do seu pensamento, mas *«sua culpa»*, pouco fez.

Aceitou, porém, o repto sublinhando: *«A política portuguesa não assume, de facto, uma dimensão moral, não existe um código de honra que defina regras. Há uma falta de profissionalismo na vida política, ou se tem dinheiro ou se é financiado e a pessoa se transforma num mercenário»*.

Os três oradores foram contundentes em considerar que a sociedade civil tem um papel fundamental nesta área. Tem que deixar de ser representativa para ser participativa. Não chega eleger e ficar à espera que o eleito cumpra.

«A sociedade civil não pode esperar, é um ponto decisivo. Mas não é uma questão de maior ou menor qualidade da classe política, é uma questão de não existir uma elite política dirigente, com valores de padrões de comportamento que se difundam na vida nacional. Por isso, paga o preço de andar à procura do homem providencial», acrescentou Ernâni Lopes.

«A moral e a política é uma questão complicada, existe ali uma fronteira a que cada pessoa deve dar respostas. Penso que vamos assistir nos próximos anos à deterioração da qualidade dos políticos e da vida política portuguesa, ou seja, sem ofensa, à sua italianização. Muitas coisas passam impunes, por issso, necessitamos de uma comunicação social forte, de orgãos capazes de fazer face a isso», concluiu Vitor Constâncio.

Rui Ferreira e Sousa

INTERNACIONAL

Clima tenso na capital do Azerbaijão

Mais de 80 mortos no fim-de-semana em Baku, após a intervenção das tropas enviadas por Moscovo

Vive-se um clima de extrema tensão em Baku, capital do Azerbaijão, após violentos combates ocorridos este fim-de-semana e que provocaram 83 mortos, entre os quais 14 militares, informou a rádio Moscovo, citando o Ministério soviético do Interior. Embora as tropas controlem praticamente a cidade, cadetes militares nacionalistas continuam a disparar contra as forças de segurança enviadas por Moscovo.

Enquanto isto, dezenas de milhar de pessoas concentraram-se ontem no centro de Baku, prestando homenagem às vítimas da "violenta repressão do levantamento nacionalista", afirmou um representante da Frente Popular do Azerbaijão, que pediu o anonimato.

Os manifestantes ameaçaram fazer explodir um petroleiro que se encontra no porto de Baku se não forem retiradas as tropas soviéticas da cidade, informou a Tass.

Baku encontra-se sem televisão e sem jornais devido à greve geral, enquanto a rádio apenas emite música fúnebre e apelos do comando militar para que se unam esforços tendo em vista o restabelecimento da normalidade na república.

Também em Nagorno-Karabakh, território pertencente ao Azerbaijão, mas de população maioritariamente arménia, a situação é considerada grave, particularmente na região de Shusha, onde está concentrada a minoria azerbaijani.

Segundo a Tass, realizou-se um comício em Shusha em que participaram cerca de duas mil pessoas, exigindo a saída de todas as tropas do Ministério do Interior.

Os manifestantes deram um ultimato a Moscovo para a saída das forças de segurança e ameaçaram com distúrbios maciços se não forem cumpridas as suas exigências.

A tensão reina igualmente na república autónoma de Nakhichevan, que no sábado declarou unilateralmente a sua independência. Nakhichevan, que tem fronteira com o Irão, é um pequeno território com 5.500 quilómetros quadrados, e a sua população de 278.000 habitantes é na sua esmagadora maioria muçulmana.

Situação melhora na fronteira

Entretanto, a situação na fronteira entre a Arménia e o Azerbaijão parece ter melhorado.

Segundo a rádio Moscovo, desde há três dias que não se registam tiroteios e os guerrilheiros arménios começaram a entregar as armas voluntariamente.

Para além disso, um grupo de reservistas enviado para a Transcaucásia após a imposição do estado de emergência regressou ontem à sua região de origem, no Cáucaso setentrional, pertencente à federação russa. No sábado, o líder do PC do Azerbaijão, Abdul-Rahman Vezirov, foi demitido, segundo a Tass. Substituem-no no cargo duas pessoas: o primeiro-ministro azeri, Ayaz Mutalibov, e o segundo secretário do partido, Viktor Polyanichko. O afastamento de Vezirov, indirectamente criticado por Mikhayl Gorbachev na sua comunicação de ontem ao país, foi decidido durante uma reunião da liderança do PC azerbaijani.

Razões da intervenção

O Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, afirmou que Moscovo tentou durante dois anos resolver pacificamente o problema das tensões na Transcaucásia entre azerbaijanis e arménios.

Gorbachev fez uma comunicação ao país algumas horas após a intervenção das tropas soviéticas em Baku.

"Actuamos na persuasão de que a violência gera mais violência", disse.

Apelando a arménios e azerbaijanis para que dêem mostras de "bom senso e moderação", exprimiu o seu pesar pelas mortes registadas nos confrontos e sublinhou que "hoje mais do que nunca é necessária estreita cooperação, auxílio mútuo e conciliação nacional".

"Os militantes nacionalistas recusaram-se a ouvir a voz da razão", disse Gorbachev, acrescentando: "Os acontecimentos tiveram uma viragem particularmente trágica em Baku".

O líder soviético assinalou que eram "crescentes os apelos para a tomada do poder pela força na república".

O primeiro vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Alekzandr Bessmertnikh, também justificou a intervenção das tropas governamentais em Baku, com a necessidade de travar a "actividade destruidora" dos "elementos extremistas".

Redacção "DL"/ Lusa/Reuter

Um tanque soviético reboca uma viatura do exército, após as tropas soviéticas terem entrado em Baku, capital do Azerbaijão

Segundo o jornal «Bild» da RFA

Golpe de Estado em preparação na RDA

Elementos da polícia secreta e das tropas de elite estão a preparar um golpe de Estado na RDA se a oposição convocar uma greve geral, segundo noticia um jornal alemão-federal, o «Bild», na sua edição de ontem. O jornal, que cita fontes da oposição alemã-democrata nesta informação, anunciou com vários dias de antecipação a queda de Erich Honecker e a nomeação de Egon Krenz.

Segundo o «Bild» duas forças de elite estão a ser treinadas e, aparentemente, reuniram-se nos quartéis da antiga polícia secreta (Stasi) em Berlim, Dresden, Leipzig, Gera, Halle e Cottbus. O jornal acrescenta que vários pontos da fronteira com a RFA e algumas cidades alemãs-democráticas estão a ser patrulhadas pelas forças de segurança.

O golpe de Estado viria na sequência da greve geral convocada para a próxima quarta-feira pela oposição, que já teria advertido o Governo comunista de Hans Modrow para modificar a composição do Executivo, entregando-lha as pastas do Interior, da Justiça, a Procuradoria Geral da República e outros altos cargos judiciais, para se certificar do desmantelamento da polícia secreta.

Também em protesto contra o Governo comunista, dezenas de milhar de alemães-democráticos atravessaram ontem a fronteira com a RFA, perto de Goettingen, regressando a casa poucas horas depois. Este êxodo simbólico pretendeu demonstrar a sua disposição de abandonar o país se os comunistas se mantiverem no Poder, após as eleições de 6 de Maio.

Os manifestantes gritavam palavras de ordem a favor da reunificação alemã e empunhavam cartazes onde se lia «A próxima vez será a sério» e «Se o Governo comunista continuar no Poder, desistiremos da nossa pátria».

Cerca de 30 mil alemães da RDA estabeleceram-se na RFA apenas neste mês, juntando-se aos 340 mil que fugiram para o Ocidente durante o ano passado.

Hoje, perante alegações de ter permitido pagamentos ilegais, a ministra das Finanças da RDA, Uta Nickel, pediu demissão. O primeiro-ministro, Hans Modrow, já aceitou o pedido, embora tenha declarado que Nickel não tirou nenhum proveito pessoal dos pagamentos.

Numa medida que, segundo analistas, pretende acalmar a opinião pública, o Partido Comunista da RDA expulsou ontem o ex-líder do país, Egon Krenz e mais 13 membros do antigo Politburo, enquanto o ex-presidente do Parlamento, Horst Sindermann, foi preso.

Krenz sucedeu a Honecker (actualmente a aguardar julgamento por alta traição) em 18 de Outubro, tendo que abandonar o seu posto seis semanas mais tarde, perante a pressão das manifestações populares.

Redacção «DL»/ Lusa

Para solucionar conflitos étnicos e religiosos

Irão promete «medidas concretas»

O presidente iraniano, Hashemi Rafsanjani, condenou ontem a escalada de violência na República Soviética do Azerbaijão e disse que a repressão do movimento nacionalista muçulmano prejudica a política reformista de Moscovo. O presidente instruiu o ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Ali Akbar Velayati, para «tomar medidas concretas que solucionem os problemas e ponham termo ao derramamento de sangue e à violência» naquela república fronteiriça com o noroeste iraniano.

O território do Azerbaijão pertencia à Pérsia até que a expansão russa, ocorrida na época dos czares, forçou a sua divisão, em 1828.

Mikhail Gorbachev culpou sexta-feira os «fanáticos muçulmanos» pela violência, dando voz a velhos receios moscovitas de que os revolucionários religiosos iranianos, que tomaram o poder em 1979, pretendem «inflamar» os 70 milhões de muçulmanos que vivem nas repúblicas soviéticas do sul.

Também o Vaticano, pela voz do seu secretário de Estado, cardeal Agostino Casaroli, desejou ontem que Gorbachev tenha habilidade e força para solucionar de forma justa as crises no seu país enquanto os EUA já apelaram a todas as partes em confronto para actuarem com moderação.

«Lamentamos as já pesadas perdas de vidas humanas e apelamos ao respeito pela lei e pelos direitos individuais», afirmou a Casa Branca em comunicado divulgado na passada sexta-feira.

O documento refere ainda que o «esforço para restabelecer a ordem não deve, contudo, ser uma capa para cercear o exercício dos direitos políticos». Solicitado a comentar esta última afirmação, um porta-voz da Casa Branca recusou-se a fazê-lo.

Enquanto se aguarda a sucessão de comunicados internacionais sobre as conturbadas repúblicas da Arménia e Azerbaijão, as mães soviéticas, que ainda têm viva na memória a guerra do Afeganistão, manifestaram-se em diversas cidades contra a mobilização militar dos filhos.

Os protestos já levaram o ministro da Defesa soviético a prometer que os soldados na reserva que haviam sido chamados ao activo e enviados para as repúblicas do sul seriam retirados o mais brevemente possível.

Lusa

Morreu Barbara Stanwyck

A cerimónia de entrega dos prémios «Globo de Ouro» da Academia de Hollywood foi ontem abalada com a notícia da morte da actriz Barbara Stanwyck, de 82 anos, vítima de um ataque cardíaco. Ao longo de 60 anos de carreira, Stanwyck actuou no teatro de revista, no cinema e na televisão, sendo uma das actrizes mais populares dos EUA.

Gasolina derramada no Alasca

Mais de 200 mil litros de gasolina foram derramados na costa do Alasca, quando um navio cisterna canadiano embateu, sábado, num recife, anunciou hoje a guarda costeira. Segundo a mesma fonte, o desastre, que abriu um rombo de seis metros no casco do navio, não terá consequências significativas para o Meio Ambiente, pois a gasolina evapora-se rapidamente.

O Brasil após as eleições

Um Presidente político e pouco tecni-collor

Especial para o «DL»

O Presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello, vai jogando na surpresa e criando boa impressão pela forma como está a constituir o seu Governo, resistindo a todas as pressões dos poderosos grupos políticos e económicos brasileiros.

Quando todo o país esperava o anúncio de quem vai ocupar a mais importante pasta e a mais decisiva para o futuro do Brasil, a da Economia, Collor apresentou-se à Imprensa, no edifício conhecido por Bolo de Noiva, adjacente ao Palácio do Planalto, em Brasília, para abraçar publicamente aquele que indicou como o seu ministro da Justiça: Bernardo Cabral.

Cabral, de 56 anos, teve papel preponderante na Constituinte, de que foi relator e secretário-geral, sendo geralmente considerado um homem de grande seriedade e de passado impoluto. Mas muito mais do que de Justiça, Cabral está a ocupar o seu tempo na busca de consensos políticos, que permitam a Collor arrancar com força, e com medidas duras, logo a seguir à sua posse, em 15 de Março próximo.

«É necessário madrugar na busca do entendimento. A maioria do que preciso terá de ser construído precocemente. É necessário levar os políticos a ficarem predispostos a aprovar aquilo que eu lhes vou mandar», confidenciou o Presidente eleito a uma fonte fidedigna.

Essa é a tarefa de Bernardo Cabral, um homem geralmente apontado como tendo tendências sociais-democratas, em termos europeus.

Assentimento de cabeça

Com este golpe de surpresa, Collor não conseguiu apagar a curiosidade sobre quem vai ser o seu ministro da Economia. Tanto mais que, entretanto, Zélia Cardoso de Mello, sua assessora económica, passou duas semanas encerrada num hotel de São Paulo, preparando um plano económico que Collor já teria aprovado e que mereceu, entretanto, um assentimento de cabeça do representante do Banco Mundial. Neste plano, Zélia, ela própria apontada como a possível titular do cargo, terá rejeitado a recessão, o que faria tremer grande parte do sector empresarial deste país, que é a oitava potência económica mundial, apesar das terríveis distorções sociais.

Ao mesmo tempo que mantinha um cuidado silêncio sobre quem vai ser o ministro da Economia, Collor voltaria a surpreender tudo e todos ao anunciar quem são os ministros da Marinha, do Exército e da Força Aérea, todos eles oficiais generais altamente respeitados não só na instituição militar, mas também na sociedade civil, em particular junto de sectores intelectuais.

O novo ministro do Exército, general Carlos Tinoco Ribeiro Gomes, é considerado um profissional que nunca se envolveu em política durante a ditadura militar.

O ministro da Marinha, almirante Mário César Flores, de 50 anos, é considerado um intelectual, participando com frequência em seminários organizados por universidades, e integrou a comissão de notáveis que, com Afonso Arinos, esboçou o pré-projecto da Constituição.

Quanto ao ministro da Aeronáutica, tenente-brigadeiro Sócrates da Costa Monteiro, de 59 anos, organizou reuniões com intelectuais de todos os Estados, para discutir novos conceitos de Defesa. Pessoalmente, opõe-se à criação de um ministério da Defesa, pelo peso que o Exército teria neste departamento, o que parece ser também a opinião do Presidente eleito.

Viagens, recreios e despesas

Entretanto, os partidos da oposição, designadamente o PDT, de Brizola, que anunciou querer a impugnação da eleição de Collor, fazem as suas únicas críticas com motivo na recente viagem que este realizou com dois casais amigos e um staff de nove pessoas, às Seicheles, Itália e França. Nessa viagem, o Presidente terá gasto cerca de 70 mil contos, aproveitando restos dos fundos da sua campanha. Collor e a sua mulher são imensamente ricos e a sua campanha centrou-se num ataque aos «marajás», os políticos que acusou de corrupção e abuso de mordomias.

Para a viagem que o levará, já depois de amanhã, aos Estados Unidos, Japão e a seis países europeus, entre os quais Portugal, Collor já anunciou que utilizará aviões de carreira, depois de ter pago do seu bolso 45 mil contos pelo aluguer de um avião particular, que utilizou na sua viagem de recreio.

Este fim-de-semana, voando no seu «jatinho» Challenger, Collor encontrou-se com Menem, em Buenos Aires; com Sanguinetti, em Punta del Leste; em Montevideu com Alberto Lacalle, Presidente eleito do Uruguai, e em Assumpcion (Paraguai) com Adres Rodrigues.

Neste périplo vicinal, Collor tratou de questões da região e naturalmente procurou ouvir e concertar algo quanto à dívida externa. O reescalonamento desta e o reconquistar da confiança de investidores estrangeiros preencherá o longo périplo de 20 dias pelos EUA, Japão e Europa. Como me explicava um assessor do Presidente, «com relação ao Japão, nós estamos falando de um país que acaba de meter mil e 200 milhões de dólares na Hungria...».

Para além do mais, deste jogo na antecipação Collor consegue, com estas viagens, uma magistral fuga às pressões desenfreadas dos diversos grupos de interesses que utilizam todos os modos para influenciarem o futuro da política do Brasil.

Joaquim Letria

A Leste chega a hora da limpeza

A derrocada dos regimes de partido único no Leste europeu permitiu que os graves problemas ecológicos da região fossem abertamente discutidos. Serão necessários elevados investimentos, durante longos anos, para reparar os danos causados pelas sucessivas políticas de industrialização pesada levadas a cabo pelos governos comunistas.

Cerca de 60 por cento dos rios na região estão gravemente poluídos. Mais de 40 por cento das florestas estão a morrer.

Os consequentes efeitos nocivos para a saúde do homem são profundos e a médio prazo tendem a diminuir a esperança de vida. A ocorrência de doenças respiratórias, assim como outras moléstias ligadas à poluição não param de aumentar.

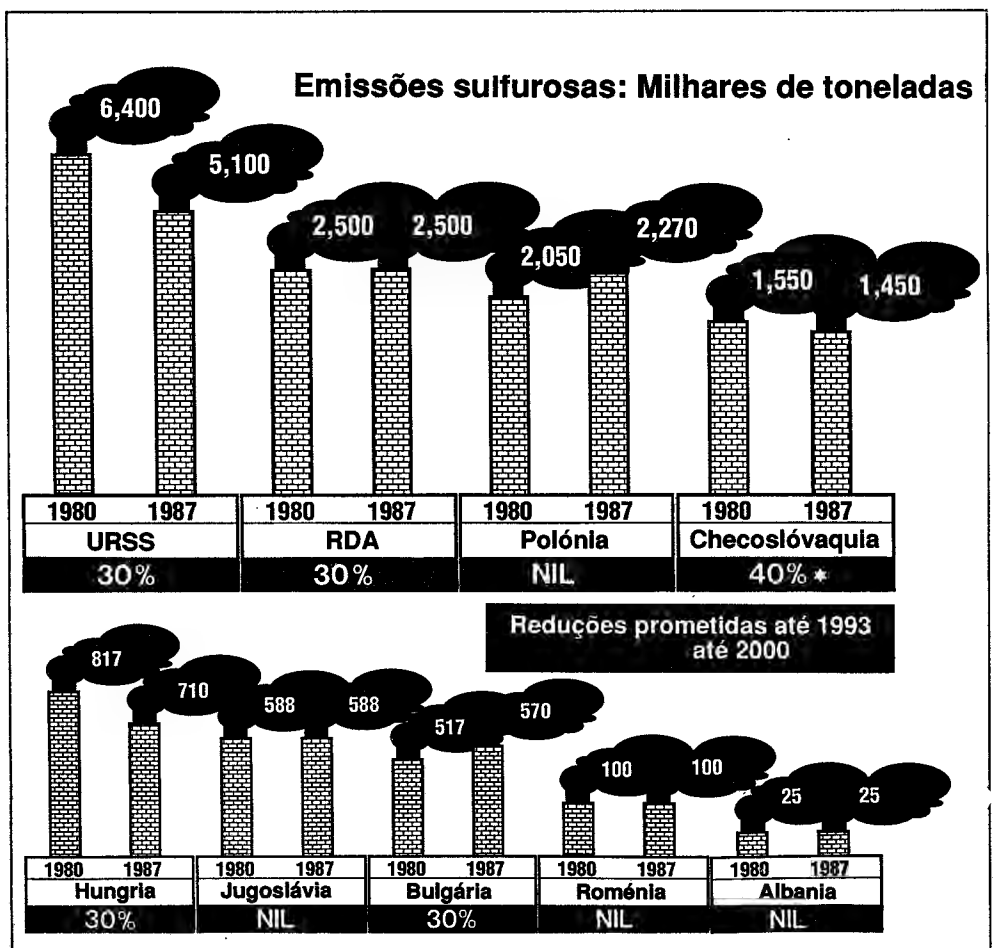
Faltam, no entanto, fundos para lidar com a questão. Uma vasta ajuda é necessária, assim como uma assistência técnica de equipamento anti-poluição. Sem demora, a Alemanha Federal desbloqueou já fundos destinados ao controlo da poluição na Checoslováquia e na Alemanha Democrática. Outros países Ocidentais estão igualmente a preparar meios para ajudar.

Na Europa comunitária, o futuro departamento do Ambiente, ainda a criar pelos Doze, terá o Leste no topo da sua agenda de trabalhos, e prevê-se que inicie contactos caso a caso para resolver o problema global.

A informação recolhida na Europa de Leste não era divulgada até recentemente e, em muitos casos, verificava-se pouco precisa. Medidas apropriadas requerem a instalação de equipamento de filtragem na indústria e estações de tratamento de água. Torna-se urgente a limitação do uso de adubos químicos e o abandono de centrais eléctricas que utilizem lignite (carvão bruto) para reduzir as emissões de anidrido sulfuroso.

Há focos de grande sensibilidade pública em torno de casos regionais.

O desastre nuclear de Chernobyl, em 1986, mantem-se como sendo o ponto de convergência do desagrado quanto à preocupação ecológica dos governos. Organizações não oficiais têm levantado protestos e organizado manifestações contra os governos, porquanto a ecologia se insere habitualmente em preocupações políticas mais vastas e não tem um lugar próprio.



A Eco-Glasnost na Bulgária

Na Bulgária, um dos resultados da vaga reformista liderada pelo dirigente comunista Petar Mladenov foi o levantamento da proibição à popular associação ecologista Eco-Glasnost. O presidente da Eco-Glasnost, Peter Slabakov, afirmou a esse respeito: « Já temos 5000 associados, e agora que as pessoas sabem que fomos oficialmente reconhecidos, prevê-se que esse número aumente.»

Uma nova lei sobre a protecção e restabelecimento do ambiente na Bulgária está em fase de aprovação, tendo o governo elaborado um programa nacional, que ainda não passou à prática. Os objectivos deste plano prevêem que 48 por cento da produção de electricidade seja nuclear. Prevê-se igualmente que a exploração de recursos naturais primários seja reduzida de 10 por cento até ao ano 2000 e que as emissões de anidrido sulfuroso sejam reduzidas de 30 por cento até 1994. Quanto às indústrias químicas e biotecnológicas espera-se que restrinjam a emissão de poluentes gasosos em cerca de 40 por cento até 1995.

É provável que a partir de agora o governo preste mais atenção às questões ecológicas. O primeiro passo desta nova visão foi a passagem ao estatuto de ministério do antigo comité de assuntos ecológicos ligado ao conselho de ministros.

Líder da lista negra

Na Chescolováquia, a situação é de extrema gravidade. A Academia das Ciências avisou que, nos próximos cinco anos, 20 por cento da flora no país morrerá.

Cerca de 70 por cento dos rios estão profundamente poluídos, dos quais 30 por cento ou estão orgânicamente mortos ou atingiram tais níveis de poluição que já não há mais vida aquática.

O governo checo preparou, em Julho de 1989, um projecto lei de protecção do ambiente até ao ano 2000. O executivo preconiza hoje cortes nas emissões de anidrido sulfuroso para tentar reduzir em cerca de 60 por cento os níveis de 1980, e insiste num aumento de 60 por cento na reciclagem de detritos industriais e de 40 por cento no lixo doméstico. Acréscimos na queima de lignite estão proíbidos. Filtros de des-sulfurização estão a ser instalados e as centrais eléctricas a carvão estão a ser substituídas.

Fiona Hamilton/ Gemini,
Trad. e adapt. : N.A.

QUOTIDIANO

SITESE em congresso define condições de recuperação

É necessário ultrapassar erros, atrair novos associados, transformar o mastodonte num sofisticado computador

«O SITESE é um mastodonte sem futuro e não será um sindicato viável se não tivermos a coragem de modificar a nossa estrutura, de forma a dar resposta aos problemas que se nos colocam». Com esta frase, produzida logo na abertura dos trabalhos do IV congresso do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios, Serviços e Novas Tecnologias, o seu presidente, Vítor Hugo Sequeira, resumiria aquilo que viriam a ser os dois dias de trabalho daquele órgão máximo.

Modificar a orgânica de funcionamento e apostar na captação de novos associados é a grande batalha do sindicato para o próximo triénio, se quiser «aguentar-se» e defender quem representa, perante as modificações estruturais que se estão a operar na economia portuguesa, e que serão agravadas com a plena integração de Portugal na CEE, em 1993.

No fundo, aquilo que os cerca de 800 delegados do SITESE discutiram durante o seu congresso foram problemas que se colocam a todo o movimento sindical português e não só a si: o desinteresse de quem entra no mercado de trabalho pelo sindicalismo, e o papel que as suas estruturas representativas têm que desenvolver para fazer face aos novos problemas que se colocam aos trabalhadores. O sindicalismo hoje não pode ser o que era há anos, os interesses dos trabalhadores são vários, as estratégias das entidades empresariais - estatais ou privadas - também.

José Tavares

«O nosso objectivo estratégico é o nivelamento dos trabalhadores portugueses pela média das regalias sociais e salários europeus» - afirmou Torres Couto, no IV Congresso do SITESE.

Problemas internos com crise geral em fundo

O SITESE tem todos esses problemas, a que se juntam questões internas: o «plano inclinado» das suas finanças nos últimos anos, a «sangria» de associados para novas estruturas verticais que entretanto se formaram no seio da UGT, os trabalhadores que se reformaram e as políticas de reestruturação que levaram à extinção ou conversão de postos de trabalho com a consequente perca de sócios.

O sindicato «ainda hoje não conseguiu livrar-se das suas estruturas corporativistas e isso reflete-se negativamente no seu trabalho», afirmou Vítor Hugo Sequeira.

Se as organizações sindicais não se tornarem aparelhos de intervenção dinâmica e eficaz que levem à captação dos jovens que chegam ao mundo do trabalho, «corremos o risco de sermos a última geração de sindicalistas», alertou o presidente do SITESE.

«Nem tudo esteve bem ao longo do último mandato: as questões financeiras foram graves e absorveram-nos, obrigando-nos a trocar a vertente de sindicalistas pela de gestores», acrescentou o dirigente, assumindo erros: «Não tomámos medidas, não introduzimos alterações, não atendemos à realidade».

A nova direcção, que ontem tomou posse, apresentou-se como pronta a assumir os erros passados, combater vícios, encontrar novas formas de sindicalismo: «Não estou disponível para ser o coveiro do SITESE», frisou o seu presidente.

Se novos problemas se põem aos sindicatos, o SITESE é, desse ponto de vista, um dos que mais têm para resolver, pela sua própria composição: nele estão integrados os trabalhadores do sector terciário - com especial destaque para as novas tecnologias -, e a terciarização da economia portuguesa é, como acentuou Rui Oliveira e Costa, uma realidade, com tendência para se desenvolver cada vez mais.

Assistir-se-á com maior frequência «ao desemprego nos sectores primário e secundário e ao aumento de trabalho no terciário... mas aumento também feito à custa da precarização: são os recibos verdes, os contratos individuais de trabalho, etc», disse aquele dirigente.

«É neste campo que temos que estar preparados para podermos intervir. E nesse sentido o SITESE é um sindicato com futuro, e a UGT terá necessidade de uma estrutura forte nesta área», acrescentou.

As alterações no mercado de emprego são particularmente sensíveis na área em que se move o SITESE. Se, por um lado, as novas tecnologias criaram novas profissões, por outro, o patronato optou pela negociação trabalhador a trabalhador, desvinculando-os assim de um contrato colectivo de trabalho, «chantageando-os» quanto aos seus direitos e regalias.

E a instabilidade de emprego que se está a gerar tem consequências negativas na sindicalização.

Como foi referido por um dos técnicos da FETESE (Federação onde o SITESE está filiado), é necessário que «os sindicatos percebam que sindicalismo não é só o 'x%' na tabela salarial, pois não há só uma estratégia empresarial mais várias, às quais têm que corresponder diversas estratégias sindicais. Importam também as questões dos horários de trabalho, da Segurança Social, da contratação».

Já não há trabalhadores «grosso modo», mas diversos tipos de trabalhadores, e a cada grupo correspondem diferentes preocupações, interesses, motivações. Os sindicatos têm que ter esse princípio na sua base de actuação.

Este tipo de relações laborais está a contribuir para a diminuição da sindicalização, e com ela para o risco dos sindicatos. Nesse sentido, o congresso fez da sindicalização (a par da modernização da sua estrutura) a pedra base dos trabalhos.

É para esse caminho que aponta o programa de acção aprovado.

É preciso formar novos quadros sindicais, chamar ao sindicato os jovens trabalhadores, aprofundar o trabalho dos delegados sindicais nas empresas.

Vítor Hugo Sequeira foi peremptório: é necessária uma acção pedagógica junto de quem entra no mercado de trabalho. Os problemas existentes em cada empresa têm que rapidamente chegar ao sindicato, de forma a que a resposta seja rápida e eficaz.

Só assim o actual mastodonte com morte marcada se transformará num sofisticado computador... o «ex libris» das novas tecnologias.

Elsa Andrade

Venham a nós novos sócios ... e dinheiro

Cerca de 40 mil associados que «rendem» todos os meses ao sindicato entre 17 e 18 mil contos não é o suficiente para que o SITESE não tenha enormes dificuldades financeiras e possa ver calmamente o seu futuro assegurado.

Este foi um facto que ficou claro no seu IV congresso, onde foram aprovadas medidas para superar esses dois problemas: crise financeira e falta de novos associados.

Chamar os jovens ao sindicato é uma das suas apostas, concretizadas, já, na integração de 13 elementos mais novos entre os 25 que compõem a nova direcção.

A necessidade de novos sócios nos sindicatos é de tal forma sentida - não só no SITESE -, que levou a UGT a criar, na última reunião do seu Secretariado Executivo, um novo departamento, a quem cabe levar a cabo uma grande campanha de sensibilização para a sindicalização. Este novo pelouro é dirigido por Vítor Hugo Sequeira.

A democratização interna é outra das travessmestras do SITESE, pelo que, à habitual coligação das tendências socialista e social democrata na direcção, se lhes juntou agora a democrata-cristã. «Cada um tem a sua opção política - a minha é conhecida - mas isso não deve interferir nas tomadas de decisão do sindicato, que queremos ver transformado num espaço aberto a todos os trabalhadores do sector», foi frisado na reunião magna da estrutura.

O SITESE, considerado um sindicato histórico que esteve ligado à formação das duas centrais sindicais - e não foi por acaso que o congresso se realizou nas instalações da Voz do Operário, onde também decorreu o primeiro - foi, nos anos 70, um dos maiores sindicatos portugueses, dado o elevado número de associados: 67 mil.

Quanto à situação económico-financeira, «há já vários anos que tem resvalado em plano inclinado», o que se acentuou em 1986. A partir de então, «tem sido o acumular de resultados negativos», segundo refere o relatório de actividades da direcção cessante, que tomou posse em Março de 1988.

Segundo o mesmo documento, «o ano de 1989 apresentará também um resultado negativo», mas perante as medidas assumidas pela direcção interina, «os resultados já alcançados dão-nos a certeza de estarmos no caminho certa para a total recuperação do SITESE».

As causas que levaram a estrutura àquela situação foram, segundo o relatório, «a diminuição do número de associados», os «elevados custos com o pessoal» e «erros de gestão»

EA

QUOTIDIANO

Porto Santo louva ajuda estrangeira

Barreiras oceânicas para conter o crude, cisternas de vácuo e máquinas para limpar as rochas poderão salvar o ano turístico e o futuro da ilha

Do nosso enviado especial

Porto Santo vive essencialmente dos estrangeiros. São eles, e também centenas de continentais, que lhe dão vida ao longo do ano, que enchem a Residencial Colombo, a Palmeiras, o Marques, os Arsénios, a Baiana e o Forno. Arrendam quartos e casas, reservam lugares nos dois hotéis (um deles de luxo) em serviço -- Hotel Porto Santo e Praia Dourada --, alugam carros no «Moínho», solicitam os taxistas - que são muitos aqui nesta altura, mas que no Verão não chegam para as encomendas.

Estrangeiro é sempre bem vindo para os portosantenses. Mais que os madeirenses. Não espanta que, antes da chegada dos dois aviões fretados pela CEE com equipamento especial para recuperar Porto Santo e defender a Madeira, se dissesse já que só com equipamento estrangeiro a limpeza avançaria. Na passada sexta-feira, quando cerca de três centenas de homens se apresentaram para a operação (entre eles alguns que trabalham no alargamento do aeroporto local), não se previa mais um atraso. Bem simples: os bidões não aguentavam o peso do crude, as barreiras não tinham força, as mangueiras de nada (ou para muito pouco) serviam.

Seis dias depois da tragédia anunciada pelos serviços oficiais, e oito do alerta dado por dois pescadores e um empilhador de areia, desembarcava em Porto Santo (ilha com 41 km2, cinco mil habitantes, três picos famosos e o mais alto - do Facho - com 516 metros), material suficiente para um primeiro ataque ao crude, para ver como pararão as coisas. Material vindo de França, Inglaterra e Dinamarca, a partir dois aviões dos primeiros dois países. Material e técnicos, três ingleses e três franceses.

Não é em vão que os jovens dizem: «É com os estrangeiros que nos entendemos melhor», como ouvi no «Zarco», local de convívio a poucos metros da capitania do Porto. O desabafo pouco ou nada tem a ver com o facto do equipamento que veio de Lisboa para combater a «maré negra» se encontrar num armazém, à espera de melhores dias. Para a segunda fase desta operação, como nos disse o comandante Caetano Dias.

Remoção e transporte

Acções tão elementares, como a remoção, transporte e armazenamento de crude passaram, a partir de hoje - desde a chegada de um avião inglês, ontem de madrugada, e de um francês, ao fim da noite - a ser possível, mercê dos trabalhadores mobilizados para esta operação pela Marinha, Câmara Municipal e o padre de Porto Santo.

Alguns ainda se queixam de que não dispõe de roupa, protecção e defesa total para o serviço - nomeadamente fatos de borracha, botas a preceito e luvas -, mas são menos os que se lamentam. Ninguém estava, aqui, nesta ilha-vila cheia de carências, preparado para tal. Carências que vão desde fatos de borracha para o trabalho a bidões, mangueiras, gasolina e outras coisas mais.

As barreiras de contenção inicialmente usadas - e que não serviram para nada - vieram de Lisboa, porque aqui nada há. De Lisboa vieram ainda homens, técnicos ligados a este problema, bem como o Hércules C-130 e o «São Miguel», que hoje mesmo aqui chegou e tem tarefa destinada: fixar-se a sul da zona mais afectada, para despejar ou diluir eventual camada consistente de crude que ultrapasse as barreiras oceânicas que já ontem começaram a ser colocadas.

Com *dumpers* , jipes e outras máquinas, apoiadas por bombas de alta viscosidade (para uma sucção fácil e rápida) e cisternas de vácuo, mais valas plásticas, serão possíveis as acções referidas: remoção, transporte e armazenamento.

Provisoriamente, as equipas de trabalho disporão de um terreno cedido pelo Governo Regional (que ainda não fez deslocar à ilha Alberto João Jardim, mas tem aqui o seu representante permanente, que não falha a nenhuma das reuniões que os comandos efectuam ao fim da tarde de cada dia para fazerem o ponto da situação para a Comunicação Social), onde provisoriamente acumularão o produto - à espera de melhores dias e envio para local seguro.

Retiradas ontem 850 toneladas

O jovem empresário hoteleiro que ontem nos acompanhou, numa rápida viagem ao Funchal a bordo de um avião da LAR para 40 pessoas que liga o Funchal a Porto Santo e vice-versa - e como nós viu a mancha e lençóis de crude entre o Sul da ponta da Calheta e uma faixa marítima a Norte da Madeira, com variação para o Machico e Santa Maria, está preocupado com a situação. Vive do turismo e dos turistas, do que lhes vende, e não sabe como substituir, nesta altura, o apuramento que isso lhe proporciona. Não é só ele: o mesmo se passa com quase 70 por cento de quem vive em Porto Santo.

Há mais pessoas preocupadas, nomeadamente o delegado de Saúde (Francisco Jardim, que ultrapassados os 70 anos trabalha mais de quinze horas por dia), o presidente da autarquia, o comandante do Porto e da capitania a pároco local, os dez pescadores que fainam por conta própria, o homem que chefia a ampliação do aeroporto de Porto Santo que a NATO tanto anseia, José Assunção, que se deslocou com os seus homens para o combate ao crude.

Ontem foram retiradas - ainda com pouco material da CEE em acção - cerca de 850 toneladas de crude, o que permite encarar o futuro - caso as condições climatéricas se mantenham - com franco optimismo. O presidente do Governo Regional da Madeira está desde há dias com essa convicção, quando admitiu convidar, um destes dias, os jornalistas a tomarem um banho com ele em águas já límpidas. Não será para já, mas espera-se que isso possa acontecer em breve, antes dos noventa dias que chegaram a ser anunciados.

De facto, com a instalação das barreiras oceânicas - milhar e meio de metros de material sofisticado e eficaz -, mais as cisternas de vácuo, mais as máquinas para limpar rochas (os alemães ofereceram-se ao presidente da Câmara para esse fim), a esperança renova-se e redobra em Porto Santo, que Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira descobriram em 1418 e que Bartolomeu Perestrelo mais tarde povoaria.

Costa Nordeste vestida de negro

De qualquer modo, a costa Nordeste da ilha continua vestida de negro carregado, espesso, viscoso, do Furadouro/Ponta dos Ferreiros ao Pedrogal/Pedra Preta. Marcas sombrias e densas do desastre ecológico são visíveis e estão impressas em vários pontos dessa parte da costa, desde o Calhau da Serra de Faro à Ponta de São Miguel, Pedra Rachada, Ponta da Galé, mesmo na praia de Porto Santo (depois do Porto de Abrigo), Vila Baleira para sermos mais precisos. Pasta espessa e de luto arrastada pela maré, que aumentou de força e fez recear o pior.

Se antes era difícil descer ao mar - técnicos e trabalhadores queixam-se das dificuldades de acesso -, por entre falésias e arribas irregulares e escorregadias, mais difícil se tornou agora, com o crude que corta qualquer visibilidade mais profunda na serra de Fora, onde homens sobem e descem na encosta de terra cavada a seguir da estrada, a ladeira ao lado.

Fazem-no, agora com os carros a abarrotar de crude que depositam nos tanques flexíveis que a Inglaterra/CEE enviou, bem mais consistentes que as valas escavadas na terra com plástico na base e rede de fio em volta.

As Desertas parecem fora de perigo, pois agora com mais segurança, «é possível retirar todo o petróleo (crude)», como nos disse J. A. Joseph Nichols, director da Federação Internacional dos Proprietários de Navios Tanques Poluidores, que apura a quem caberá pagar a factura dos estragos da catástrofe e parece muito inclinado para a firma armadora do petroleiro «Aragón».

Júlio Rodrigues

QUOTIDIANO

Homens da Marinha acusam Aragón

Calcula-se que cerca de 20 mil toneladas tenham sido largadas pelo Aragón petroleiro espanhol que estará na origem deste desastre ecológico

Do nosso enviado especial

«A situação é bem pior aqui que em Sines», disse o comandante Caetano Dias ao «DL», numa primeira abordagem pública ao problema da poluição das praias do Porto Santo e ante a ameaça de que a «maré negra» se alargue à Madeira (Funchal). Não está fora de causa, essa situação, se bem que João Jardim tenha quase jurado ser impossível.

Enquanto não chegava o material proveniente da Inglaterra, Dinamarca e França, os homens que sobre os seus ombros têm a responsabilidade de devolver Porto Santo (ilha com cinco mil habitantes, tempo ameno, sol todo o ano, turismo como forma de subsistência e alegria), privaram de perto com os representantes da Comunicação Social, desmentindo um pouco a ideia de entre ambos os sectores haver um fosso.

Alardeando notável descontracção -- depois de frustradas as tentativas para retirar muito, e depressa, crude da Serra de Dentro e Serra de Forau, e ainda do Furadouro, Ponta da Galé e Vila Baleira, e, sobretudo, evitar a sua passagem da Ponta de Incão para o Ilhéu de Cima - Caetano Dias conversou amena e demoradamente com os jornalistas, este fim-de-semana. Traçou um quadro da situação, não escondeu as suas esperanças na ajuda da CEE, exaltou os técnicos que a Comunidade nos enviou (Jean-Yves Huet e Joseph A. Nichols), e realçou que, com os meios de que dispomos, nada mais poderíamos fazer.

Apesar de uma ligeira inflexão do vento, a ponto das águas entre Porto Santo e a Madeira estarem infestadas de crude, pode dizer-se que a situação é estacionária

O enviado do «DL» a Porto Santo já por mais de uma vez tratou de questões de poluição, em situação de ameaça de catástrofe, com o director do Serviço de Combate à Poluição que a Marinha, de que é elemento, dispõe. Sines foi o último exemplo, em condições muito semelhantes às de Porto Santo. Foi nessa base que trocámos impressões. O que nos deixou perceber é pouco menos que aterrador - se se confirmar, como aposta, as indicações e números de que dispõe.

Está hoje praticamente provado, e julga-se que o técnico Joseph A. Nichols o irá confirmar por toda esta semana, que o crude derramado a nordeste de Porto Santo - por onde passam cerca de quatrocentos barcos diariamente, sem qualquer espécie de controlo ou medida preventiva - é do petroleiro espanhol «Aragón». O director-geral da Marinha, vice-almirante Martins Cartaxo não tem dúvidas e quase o diz abertamente, e o comandante Caetano Dias dúvidas não tem.

Daí que, três dias depois de se ter furtado a uma opinião peremptória sobre essa hipótese, então por falta de alguns dados, não tenha vacilado em fazê-lo este fim-de-semana, depois de se inteirar mais atentamente sobre as qualidades do produto, denso e viscoso: tem mais asfalto, não se emulsiona facilmente com a água, é de mistura difícil.

Já antes, e num primeiro prenúncio de que poderia ser o *maya crude*, isto é, o «crude mexicano» que o petroleiro espanhol «Aragón» foi buscar ao México, Caetano Dias se tinha debruçado sobre algumas das suas características, nomeadamente o facto de ser rico em parafinas, para além de viscoso, espesso e fresco. No entanto, ainda não possuia um dado importante: o do seu comportamento nos ultimos quinze dias, antes de ser derramado.

É com fundamento em todas essas situações que considera que a «maré negra» foi provocada pelo «Aragón», o que o técnico J. A. Nichols deve confirmar um destes dias, para que Portugal receba a devida indemnização que, sem atenuar os efeitos - e o cancelamento de muitos contratos turísticos para Porto Santo - negativos que a situação criou de uma forma geral, pelo menos aliviará a sensação de culpa que ninguém poderá atribuir à Madeira.

Ninguém bem entendido, é exagero: passam cerca de quatro centenas de barcos por dia na nossa costa e não há vigilância. Uma lancha e um barco-patrulha da Marinha portuguesa são motivo de escárnio e provocação, por parte de barcos mais rápidos e submarinos que sulcam aquelas águas marítimas, como nos admitiram responsáveis navais.

Talvez vinte mil toneladas

Sabe-se que o «Aragón», que o vice-almirante Martins Cartaxo acusa de ser o responsável por esta tragédia, transportava 25 mil toneladas de crude. É muito provável que todo ele, ou pelo menos grande parte dele, tenha sido derramado.

Apesar de uma ligeira inflexão do vento, a ponto de as águas entre Porto Santo e a Madeira estarem infestadas de crude, mas em lençóis finos, fluidos, de pouca espessura, pode dizer-se que a «situação é estacionária», com tendência para melhorar caso se mantenha a mesma direcção dos ventos e da corrente - em conjugação com as medidas que já ontem se tomaram, utilizando boa parte do material de contenção e dispersão chegado, horas antes, ao aeroporto de Porto Santo a bordo de um avião inglês turbo-hélice, com quatro hélices, como primeira remessa da ajuda comunitária. Os técnicos estrangeiros que se encontram entre nós não se têm cansado em prodigalizar elogios aos portugueses. «Estão a fazer aquilo que deviam e muito bem», disse Ives Huet.

Júlio Rodrigues

Um «pirata» que veio de África

As novas tecnologias podem ser muito eficazes, mas, por vezes, pregam das suas e estas coisas de satélites têm muito que se lhe diga. Um facto exemplar ocorreu no passado sábado, na RTP, quando o jornalista José Eduardo Moniz apresentava o bloco informativo das 20 horas. A dada altura, após uma breve notícia sobre o arquipélago da Madeira e o crude derramado em Porto Santo, Eduardo Moniz referiu que a 5 de Outubro ía fazer a ligação directa com o Funchal. E eis que surgiram as imagens mostrando a tragédia ecológica, mas... em diferido.

José Eduardo Moniz reaparece no écran e diz que tal facto se devia a problemas com o satélite. Este estava a ser utilizado por um «pirata», algures, em parte incerta, que impedia a ligação com a Madeira - acrescentou.

Hoje, o DL contactou com a Rádio Marconi numa tentativa de saber que «pirata» era esse que impediu a comunicação televisiva entre o continente e as ilhas. Nesta companhia asseguraram-nos que «não havia qualquer problema com satélites», não tinham registos de nenhum «pirata», nem de uma avaria que impedisse tal comunicação.

Entretanto, um contacto com a central técnica da RTP esclareceu todas as dúvidas: «existia realmente um "pirata" que estava a utilizar individamente o satélite. Foi localizado, ontem, em África».

Segundo a mesma fonte da RTP, o problema foi desbloqueado, e hoje as ligações com a Madeira deverão fazer-se normalmente.

G.O.

COMENTÁRIO

As liberdades submetidas

«Reconheço a liberdade de imprensa, o direito à informação, mas é um direito que tem de submeter-se a outros direitos e eu estou muito preocupado com o turismo...»

(Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira - Telejornal RTP de sexta-feira)

A credibilidade, o prestígio e, muitas vezes, os próprios cargos dos políticos são mantidos por força de um código de comportamento que tem como regra de ouro nunca dizerem o que pensam, se tal não fôr o que deveriam pensar.

À luz desta sábia doutrina, só se pode achar justificação para a afirmação do presidente do Governo Regional da Madeira acima citada numa das três hipóteses seguintes: 1 - O sr. Jardim não conhece a regra; 2 - O sr. Jardim não sabe o que deve pensar; 3 - O sr. Jardim não pensa no que diz. Ressalva-se a possibilidade de acumulação.

O facto do sr. Alberto João Jardim exercer funções governativas com grau de autonomia alargado numa região onde vivem cerca de um quarto de milhão de portugueses justifica que se aprofunde esta questão.

1 - Conhece o sr. Jardim a tal regra? - É, evidentemente, uma questão a que só ele pode responder. Nunca a saberá, no entanto, se a procurar nos tratados mais densos ou nos manuais mais práticos. Não são os livros que a ensinam, mas qualquer aprendiz de político a deduz, com um mínimo de senso comum. Ora, o presidente do Governo Regional da Madeira desempenha o seu cargo há tempo mais que suficiente para não poder ser considerado um aprendiz da política. Fica em aberto a questão de ter ou não senso comum. E ficará assim, porque isso nos levaria a demoradas e confusas divagações.

2 - Sabe o sr. Jardim o que deve pensar? - Longe de nós a ideia de negar a liberdade de pensamento ao sr. Alberto João Jardim ou de, copiando o seu estilo, a submeter ao que quer que seja. A liberdade de pensamento só conhece um imperativo: a coerência. E é em coerência com os seus princípios de democrata que há coisas que deve pensar e, sobretudo, coisas que não deve pensar.

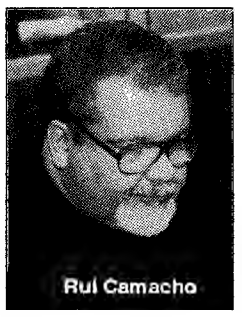
De que o presidente do Governo Regional da Madeira é um democrata não temos nós dúvidas. Já o ouvimos afirmar repetidas vezes que o é e de forma exemplar. Se os seus conceitos de democracia parecem, por vezes, pouco ortodoxos, não é de estranhar. O sr. Alberto João Jardim, como a maioria dos portugueses, viveu grande parte da sua vida arredado das práticas democráticas. Tem, além disso, vivido a maior parte dos anos do pós-25 de Abril numa democracia moldada pelos seus critérios pessoais. Tem, forçosamente, de ser um democrata original.

Só que afirmar que a liberdade de expressão e de informação se deve submeter a interesses económicos é coisa que não cai dentro dos mais magnânimos limites da democracia, tal como é entendida nos regimes ocidentais. Equivale isso a dizer que é mais importante comer do que pensar, um princípio que impôs o silêncio e a ignorância nos regimes totalitários chamados democracias populares que hoje se esboroam no leste europeu.

3 - Pensa o sr. Jardim no que diz? - Sobretudo, pensará onde o diz? Ter-se-ia esquecido que falava para um canal de televisão com audição nacional e não na sua simpática terra e para a «sua» simpática imprensa, onde as suas palavras têm aplauso garantido, aos seus passos é sempre dado largo relato; onde todos tremem com as suas fúrias e se riem com as suas graças?

Parece-nos que não. O sr. Alberto João Jardim não escorregou em qualquer afirmação impensada. O conceito das liberdades fundamentais subordinadas é apenas mais uma das originalidades políticas com que constroi a lógica de, em nome de uma democracia repetidamente apregoada, governar segundo a sua vontade soberana. Mas disto, em boa verdade, não são dele as maiores culpas.

Reconheça-se-lhe a qualidade quase certa de ser sincero. O chefe do Governo Regional da Madeira não deve mentir. Cometer graves heresias políticas, é evidente que as comete, mas pecados, certamente que não. Doutro modo, não estaria em tão boas graças com os deuses que lhe providenciam um corte acidental dos cabos telefónicos, logo que manifesta desagrado pela forma como a televisão e a imprensa estão a fazer a reportagem da «maré negra» do Porto Santo.



Rui Camacho

Populares cortam linha de Cascais

Populares cortaram esta manhã a linha de Cascais a partir das oito e 45.

O problema esté relacionado com a greve dos maquinistas, que reduziu consideravelnente o número de comboios.

A CP tinha colocado 40 autocarros a partir de vários pontos da linha mas o trânsito caótico na estrada marginal não permitiu o escoamento rápido dos passageiros.

Estudantes do Barreiro concentram-se em Lisboa

Uma delegação da Escola Secundária de Santo António, do Barreiro, constituída por alunos professores e membros das associações de pais, desloca-se amanhã a Lisboa com o objectivo de ser recebida pelo Ministro da Educação, Roberto Carneiro.

O Presidente da Associação de Pais da Escola, José Vasconcelos, afirmou, hoje ao «DL» que as aulas continuam interrompidas, «pelo menos até amanhã, altura em que seremos recebidos pelo senhor ministro para se tentar resolver a situação.»

Na sexta-feira, recebemos o seguinte telegrama daquele Conselho Directivo: «Desmentido referência vossa notícia sobre encerramento escola no Barreiro. 1) apenas um bloco encerrado parcialmente 2) todas as casas de banho se encontram em funcionamento, apesar de degradadas 3) biblioteca permanece aberta dado o seu carácter essencial 4) cantina não afectada pela falta de funcionários. Solicitamos rectificação.»

Recorde-se que foram os alunos, pais e professores que transmitiram à jornalista do «DL», que se deslocou ao local, toda a matéria noticiosa publicada, quinta-feira no nosso jornal. Nesse dia, o «DL» contactou o Conselho Directivo, o qual se recusou a prestar informações.

Jornalista Alda Mafra foi ontem a sepultar

Realizou-se na tarde de ontem o funeral da jornalista Alda Mafra que, com 58 anos, faleceu há três dias no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde estava internada desde a véspera de Natal.

Filha do jornalista Aprígio Mafra, entrou para o nosso colega «Diário de Notícias» na sequência da morte de seu pai. Trabalhou como redactora naquele matutino mas foi na secretaria da Redacção, cuja chefia assumiu durante vários anos, que deu provas de uma grande capacidade de acção e dinamismo, granjeando respeito e amiração de todos que com ela contactavam.

Esteve nos últimos anos ligada às empresas Infoplan e Infoplus, e pertenceu também aos quadros dos joprnais «O Dia» e «A Luta».

À família enlutada o «DL» apresenta as mais sentidas condolências.

Cálculos sobre riqueza visível

Património imobiliário da Igreja ultrapassa cem milhões de contos

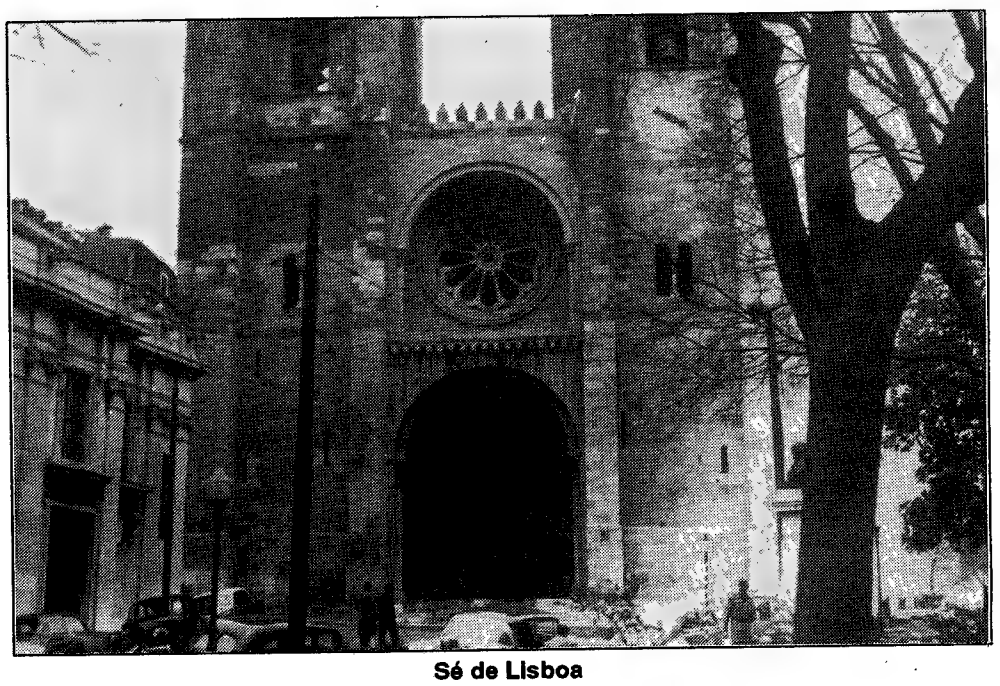
O património imobiliário representa a riqueza visível da Igreja Católica em Portugal, um valor não contabilizado oficialmente, mas que, em termos práticos, ascende a mais de uma centena de milhões de contos, não só em valor directo, mas também pelo que arrecada em receitas regulares.

Ainda hoje, depois do Estado, a Igreja Católica é a maior instituição privada a gerir a posse de terrenos e edifícios, um valor patrimonial que, em termos latos e arredondados por baixo, deve ultrapassar os 100 milhões de contos, segundo um trabalho da Lusa, assinado por Serafim Lobato.

Oficialmente, a Igreja não tem uma ligação formal com qualquer instituição bancária, nem há registo da sua presença directa em conselhos de administrações de empresas industriais e comerciais de envergadura.

Todavia, alguns órgãos de imprensa económica têm noticiado que, pelo menos, uma instituição bancária, o Banco Comercial Português (BCP), é gerida por membros da *Opus Dei*, uma congregação religiosa submetida à hierarquia do Vaticano.

As receitas principais da Igreja, segundo o Patriarcado de Lisboa, provêm de peditórios e dádivas, mas também se verifica que a instituição recebe dinheiro, pelo menos, do arrendamento de prédios, como é o caso do edifício onde funciona a sede do CDS, em Lisboa, cuja renda este ano é de 200 contos mensais.



Sé de Lisboa

Recentemente, a revista económica «Classe» publicou um trabalho, abrangendo particularmente a Diocese de Lisboa, onde se escrevia que, na capital, a Igreja Católica tem 52,5 hectares de terreno, ocupados por irmandades, congregações, obras e igrejas.

A revista estimou, e isto em 1989, que os terrenos na posse da Igreja, em Lisboa, ascendem a 34 milhões de contos, com um valor médio de 80 contos por cada metro quadrado.

Mas, é fora de Lisboa que a Igreja tem uma das maiores áreas de terrenos e edifícios sob a sua jurisdição. Só o Santuário de Fátima, com uma área próxima dos 31 hectares, recebe anualmente perto de quatro milhões de visitantes.

Este lugar de peregrinação de fé religiosa – um dos muitos existentes no País – contribui, através de esmolas, também anualmente, com largos milhares de contos para os cofres da Igreja. A revista «Classe» estimou, em 1989, um valor monetário, por ano, de um milhão de contos.

Aliás, as esmolas representam uma fatia elevada para as receitas das diferentes dioceses. Contudo, o seu valor não é do domínio público. Públicos são os donativos recolhidos em 1988 em nome do que vulgarmente se chama as bulas – hoje denominadas «Renúncia quaresmal», os quais atingiram 34 mil contos na província eclesiástica de Lisboa, e que reverteram, segundo as autoridades eclesiásticas, para as crianças pobres de Angola e Moçambique.

Outra fonte de receita provém dos serviços religiosos cobrados aos fiéis: missas, baptismos, casamentos e funerais.

Na década de 80, a Igreja Católica retomou a direcção e gestão da maior parte das santas casas de misericórdia espalhadas pelo País, que no período posterior ao 25 de Abril lhe tinham sido retiradas. O Estado tem canalizado larga soma de dinheiro – mais de 30 milhões de contos – para apoio a esses estabelecimentos.

Ainda no domínio da vida social, a Igreja Católica gere outras instituições de assistência, como casas de repouso, lares e albergues, entre outros.

QUELUZ-ÉVORA

✝

Celestino Garcia

Faleceu

PROCARLEITE LDA —, participa o falecimento do seu ex-sócio-gerente, e que o seu funeral se realiza hoje 22/1, pelas 16.00 horas, da Igreja de Santiago em Évora, para o cemitério local.

Ag. Funerária Cardoso e Filhos, Lda
Pra. 5 Out., 26 — BELAS

NINGUÉM TROCA 5 POR 4★ A MENOS QUE...

Seja um Hotel de 4 * que disponha em todos os quartos: ar condicionado, mini bar, telefone directo ao exterior, janelas duplas, rádio AM/FM, secador, TV a cores via satélite (para sua maior comodidade c/ controlo à distância).

E ainda... oferta de pequeno almoço buffet Americano, 24 horas room service, centro de negócios com apoio de secretariado, serviço de telex, telefax, fotocopiadora e micro computador.

A grande diferença para o Hotel de 5 está no preço...*

Quarto individual ou duplo ..... 7.950$
(A 2.ª pessoa é nossa convidada).
Preço de Promoção válido para Nacionais e Empresas até 28 de Fevereiro de 1990.
Consulte a sua Agência de Viagens ou o nosso serviço de Reservas.

HOTEL LISBOA PLAZA
★★★★

JUNTO À AV. DA LIBERDADE UM NOVO CONCEITO DE HOTEL

Av. Liberdade / Tv. Salitre – 1200 LISBOA – PORTUGAL
Tel. 346 39 22 / 347 41 51 – Telex 16402 P – Fax: 371630

Grevista da fome à espera de recurso

Libertação depende da Relação de Évora

A esperança na libertação a curto prazo de José Ramos dos Santos, que hoje completa 43 dias de greve da fome no hospital-prisão de Caxias, reside agora na decisão do Tribunal da Relação de Évora. Segundo uma fonte da comissão Solidariedade Contra a Repressão (SCR), o juiz Pulo Rijo Ferreira, do tribunal judicial de Évora, indeferiu sexta-feira o requerimento apresentado pela advogada de defesa.

«Resta-nos aguardar que a Relação de Évora agende a apreciação do recurso para a sessão de trabalho que realiza amanhã» disse ao DL a referida fonte. O recurso foi entregue pela advogada Lídia Leitão Correia, solicitando a libertação de Ramos dos Santos , implicado no caso FUP/FP-25, com base no excesso de prazo relativo à prisão preventiva. Face ao estado de saúde do detido, aquele membro do SCR afirmou esperar «que prevaleça uma certa noção de bom senso e de responsabilidade».

A comissão SCR informou que o juiz Rijo Ferreira indeferiu o requerimento alegando que os problemas relativos ao estado de saúde do detido não decorriam das condições prisionais mas de um acto voluntário. É o terceiro requerimento a solicitar a libertação que é indeferido pelas instâncias judiciais.

José Ramos dos Santos tem sido vigiado pelos médicos do hospital-prisão de S. João de Deus. O seu estado de saúde foi considerado como configurando uma situação de pré-coma, de acordo com um relatório elaborado por um dos médicos.

Em greve da fome encontram-se ainda mais quatro presos do caso FUP/FP-25, já em cumprimento de pena, que se solidarizaram com Ramos dos Santos.

QUOTIDIANO

Lisboa é uma cidade armadilhada resultante de uma gestão de interesses fundiários

Vai a capital renascer das cinzas?

O sociólogo Vítor Matias Ferreira considera que a política camária desenvolvida em Lisboa seguiu um modelo de gestão liberal, «ligado aos interesses fundiários e imobiliários de uma clientela». A capital é hoje, assim, uma «cidade armadilhada; qualquer pequena alteração num ponto vai provocar grandes perturbações noutros», salientou este especialista numa discussão travada por ocasião da apresentação pública do número comemorativo do 10º aniversário da revista «Sociedade e Território». Acrescentou, no entanto, que «hoje, a cidade pode vir a renascer das cinzas».

O debate, realizado no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE), teve um assistente privilegiado, Jorge Sampaio, que saiu tão discretamente como entrou.

Os conferencistas, António Fonseca Ferreira, Vítor Matias Ferreira, Nuno Portas (técnicos partipantes na campanha de Jorge Sampaio), Jorge Gaspar e a assistência dialogaram sobre o processo de urbanização e as políticas urbanas, o desequilíbrio entre as zonas periféricas e a possibilidade de uma maior continuidade do tecido urbano, a ligação da cidade à margem Sul do Tejo e a competividade entre Lisboa e o Porto.

Tendo reunido especialistas do assunto, que se dedicaram mais a confrontar ideias do que pedir explicações, o encontro quase se tornou numa reunião dos amigos de Lisboa.

A manutenção do tecido urbano constitui uma necessidade inadiável

Os organizadores deste colóquio entendem que, depois de uma década de actividade, vai iniciar-se um novo caminho. A revista, dirigida por António Fonseca Ferreira, pretende ter um papel activo numa «época que se quer intelectualmente fecunda, culturalmente criativa e urbanisticamente inovadora», como é salientado no editorial.

Para Nuno Portas , a existência de um programa para negociação do Plano Director de Lisboa é um «facto histórico», traduzindo uma mudança radical no futuro da capital portuguesa. Este arquitecto alertou, ainda, para dois aspectos difíceis de serem resolvidos em qualquer planeamento: «jogar com o factor tempo e os diferentes modelos de vida urbana.»

Lisboa, na década de 90, terá cada vez mais importância no sistema económico português. Segundo Nuno Portas, «as nacionalizações levaram à emergência do poder nortenho, as desnacionalizações podem originar o precurso inverso».

Jorge Gaspar, confessando-se sem conhecimentos científicos do problema, fez uma intervenção bem humorada, lembrando que a evolução da capital está profundamente influenciada pelas alterações que se venham a verificar no resto do mundo, «as vertentes africana e americana vão ser fundamentais», salientou.

A gestão de uma câmara, os meios e capacidade de realização dos projectos adoptados terão ainda de contemplar o esforço e as políticas governamentais de um país. O poder local pouco pode fazer se o poder central não contribuir para a concretização dos projectos.

Não nos foi possível saber que ensinamentos tirou o novo presidente desta conferência. Mas, o espaço foi mais de reflexão do que apresentação de soluções viáveis, problema levantado por Fernando Nunes da Silva, redactor da revista.

Para este, o debate apenas prolongou a discussão levantada na «Sociedade e Território», nº10/11. sobre o tema «Lisboa, que futuro?», acabando por ser «frustrante» ao não apresentar os cenários de uma política cultural para a capital.

C.N.

As Boas-Festas ao D L

Amigos, leitores e anunciantes do «Diário de Lisboa», continuam a enviar-nos votos de boas-festas que agradecemos e retribuímos.

Registamos hoje, com agrado, as mensagens de: Alexander Gallee, J.P.M. Consiglieri Pedroso, António Salavessa, José Carlos Tristão Luna, José A. Cordeiro de Castro, Álvaro Baptista Esteves, Manuela Botelho, João Cordeiro Pereira, António Manuel de Castro Fernandes, Luísa Caldeira Castel-Branco, Maria Emília Taret, Avelãs Coelho, Raul Rodriguez Macchi, Centro de Documentação e Informação, TSD, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Secretariado Nacional do MDM, Sociedade de Língua Portuguesa, Cruz Vermelha Portuguesa, Escola Superior de Comunicação Social, Editorial Verbo, Metropolitano de Lisboa, Citroën, Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, EDIFIL, LONGAVIDA, SOVIPE - Soc. de Desenvolvimento Turístico de Vidago e Pedras Salgadas, AXIMAGE, Imagem e Comunicação Média Alta, Control Data, Grafiprisma, Horwath & Horwath, Premier Holland, Revista Alimentar, Associação Portuguesa de Artes, Lions Clube de Amadora, Núcleo de Árbitros de Futebol do Concelho de Oeiras, Grupo Sportivo de Carcavelos, Associação de Futebol de Salão de Lisboa, Nova Harmonia Portuguesa, Victor M.F. Macieira, Fernando Pereira, Embaixada da República Popular da Bulgária, Revista Communio, Radiodifusão Portuguesa, Mundicenter - Soc. de Empreendimentos Comerciais SARL, Câmara Municipal de Viana do Alentejo, CENFIC, Sociedade Propaganda de Cascais, CANON e Relações Públicas da TAP AIR PORTUGAL.

Prevenção afastada dos hábitos

Maioria dos portugueses tem deficiências visuais

Cerca de 80 por cento dos portugueses vêem mal. Poucos têm conciência disso e menos ainda recorrem aos médicos para corrigir a vista. Este é o primeiro passo de prevenção que qualquer cidadão deve ter quando tem problemas de visão. Ver televisão muito perto do écran e usar óculos de sol sem o mínimo de qualidade são práticas frequentes que contribuiem para as perturbações oculares. Depois dos 40 anos é urgente visitar um oftamologista. Quem já usa óculos deve consultar um especialista de dois em dois anos.

Estes dados foram coligidos pela Associação Portuguesa de Prevenção Visual (APPV), a partir de um rastreio a 20 mil pessoas, realizado em 1989. Uma acção importante, mas que se revela insuficiente para os problemas visuais que afectam a população. Apenas 33,3 por cento dos portugueses usam óculos, valor longe dos 40 por cento da média da CEE.

A razão principal que leva as pessoas a não tomarem as precauções necessárias relaciona-se com os fracos recursos financeiros. Para José Fonseca, da APPV, os serviços sociais deveriam dar uma maior comparticipação económica. Actualmente, os utentes tem uma ajuda de 300 a 600 escudos para a compra de um par de óculos, que custa, geralmente, mais de oito mil escudos. Por outro lado, é urgente fazer uma campanha de divulgação nos meios de comunicação social para «melhorar a saúde dos olhos dos portugueses», à semelhança do que acontece com os nossos parceiros da CEE.

Fabricantes e importadores de produtos ópticos, máquinas e equipamentos, participaram no passado fim de semana no 1º Congresso Nacional da Óptica Ocular. Realizado na Feira Internacional de Lisboa, o certame constituiu «o ponto de partida para a criação de um conselho que congrega todas as associações do sector, APPV, Associação Nacional dos Ópticos, Associação Portuguesa dos Fornecedores de Artigos de Óptica e União Profissional dos Ópticos e Optometristas Portugueses. Só assim poderemos fazer os contactos com as entidades que em políticas de prevenção, começando por uma ampla divulgação a nível nacional», afirmou José Fonseca.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

I R S - 1990

TABELAS DE RETENÇÃO

Informam-se as entidades interessadas de que as tabelas de retenção sobre rendimentos de trabalho dependente para o ano de 1990 estão a ser divulgadas, por antecipação, através da Circular nº 2/ 90, de 4 de Janeiro, da qual poderão ser obtidos exemplares nas Repartições de Finanças e nos Serviços de Apoio ao Contribuinte.

GRUPO DE TRABALHO SOBRE I

A reunificação alemã e o fim do comunismo

A questão da reunificação reuniões, que se reali conclusões e levantar p Maria de Lourdes Pi Constitucional, Jaime Ga Estrangeiros no IX, C da Fundação Gulbenk Estratégicos e Interna

Saber se a reunificação alemã é um dado assente e definitivo foi a primeira motivação do debate. **Lourdes Pintasilgo** considerou que o problema da reunificação está intimamente dependente da velocidade que a CEE imprimir ao processo da união económica e política. À partida, importa reter que a reunificação está consagrada na própria Constituição da RFA.. De qualquer modo, ela «só pode contribuir para um equilíbrio europeu estável e permanente no quadro do avanço da CEE. Logo, nesta altura o desafio está do lado da Comunidade», considerou a antiga primeira-ministra.

Mas, interrogou-se **Álvaro Vasconcelos,** será a reunificação uma probabilidade muito grande? Estará num horizonte próximo? Do lado da RFA a opinião maioritária é favorável. Resta saber se do lado oriental a opinião é a mesma. «Ora, parece que a opinião da RDA tem vindo a caminhar no sentido da reunificação. Embora, anteriormente, houvesse sectores de oposição ao regime vigente que não a

Álvaro Vasconcelos e Victor Sá Machado

considerou. Do lado ocidental, apesar da subtileza, **João Soares** constata «um certo receio da reunificação, o medo de uma Alemanha agressiva que iniciou as guerras de 1871,1914 e 1945».

Na RFA, o Instituto de Munique fez uma sondagem e apurou que 87 por cento da população é favorável à reunificação. Antes de Gorbachev era de 65 por cento. Embora não haja dados disponíveis, **João Soares** acredita que na RDA a população também é favorável à reunificação.

Medeiros Ferreira, por sua vez, mostrou-se de acordo com **Lourdes Pintasilgo** ao considerar que só uma aceleração da união económica europeia poderia levar a que a unificação da Alemanha se faça em termos de equilíbrio e pacificação. Há quem questione a designação «reunificação» e prefira, como Willy Brant, «nova união». Federação ou confederação são outras hipóteses, mas não deixam de confrontar-se com a exigência de uma política externa e de defesa comuns.

De modo que, para **Medeiros Ferreira,** «não está dito que vai haver reunificação alemã se por tal se entende uma pura e simples junção dos actuais dois Estados alemães. Poderá haver uma mais vasta do que esta e poderá haver outra mais minguada em que cada parceiro exterior à Alemanha tentará jogar para os outros a responsabilidade pela reunificação».

A este propósito, **Álvaro Vasconcelos** recolocou a questão. «Quem tem a responsabilidade da decisão são os alemães, mas quem decide como ela irá decorrer não são só os alemães».

Constatando que este é um problema que está na agenda europeia há mais de 30 anos, o embaixador **Calvet de Magalhães** percorreu a história da reconstrução da soberania alemã federal no pós-Guerra para realçar a importância dos acordos de Paris celebrados em Outubro de 1954. Na sua opinião, estes acordos regulam juridicamente a inserção alemã no campo ocidental. Aí se diz que o Governo da RFA era o único que a Nato reconhecia como representante da Alemanha. E esta, para **Calvet de Magalhães,** é ainda a posição vigente.

Os acordos de Paris defendiam ainda a constituição por meios pacíficos de uma Alemanha livre e unificada que não poderia recorrer à força para a reconstrução ou para alterar as suas fronteiras. O problema é, pois, «complexo» e o embaixador confessou-se «pouco optimista» quanto à sua rápida resolução. A evolução dos tempos desactualizou aqueles acordos. Se assim não fosse a RDA não teria sido reconhecida internacionalmente.

O fim do comunismo e a rapidez das mudanças levaram **Sá Machado** a falar de uma nova era, e a considerar que estamos a viver uma revolução tão importante como a de 1917. Neste contexto importa repensar entendimentos firmados depois da guerra. «O pós-Guerra acabou e deve reequacionar-se toda a situação, designadamente nos seus aspectos político, militar e económico» - afirmou.

Para ele, a reunificação depende sobretudo da RDA, ou melhor, «da maneira como a União Soviética vai reorganizar o seu espaço político, do que vier a constituir como alternativa para justificar no caso da RDA um Estado cuja base ideológica é agora posta em causa». Uma alternativa terá assim que ser encontrada por Gorbachev. «Porque se ele a não encontrar, a reunificação vai fazer-se à sua revelia e de maneira irreversível» - acrescentou.

Para **Jaime Gama,** a reunificação depende do ritmo das reformas na RDA. «Não faz sentido sem a sua consolidação.» Depende também da posição da URSS face à reunificação. As suas declarações intransigentes tornam-se nos últimos tem-

Francisco Paraíso

«Existe um certo receio da reunificação, o medo de uma Alemanha agressiva que iniciou as guerras de 1817, 1914 e 1945»

João Soares

«O problema da reunificação está intimamente dependente da velocidade que a CEE imprimir ao processo de união económica e política»

Maria de Lourdes Pintasilgo

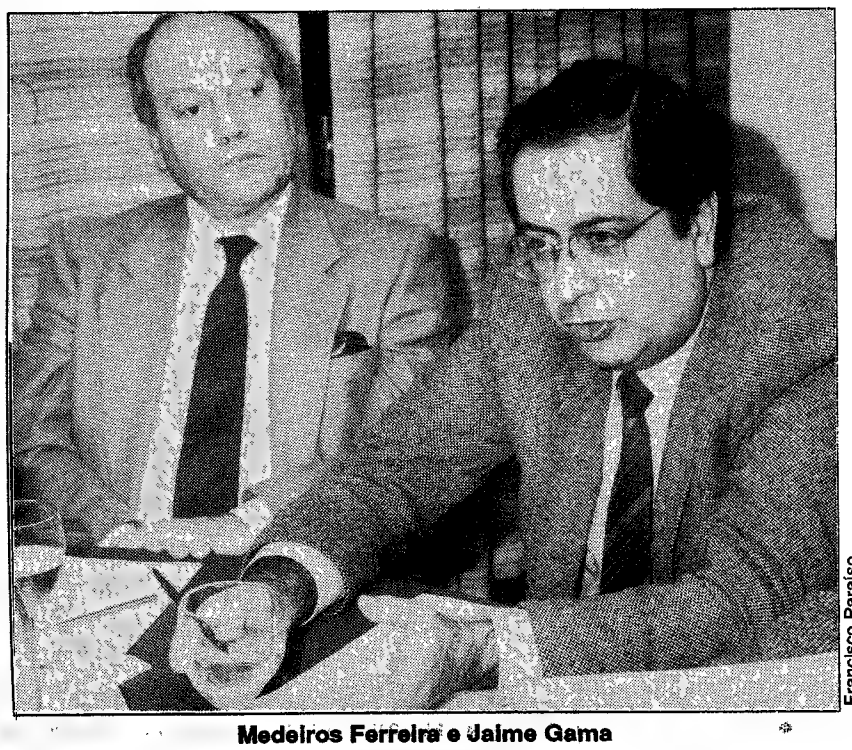
«Os acordos de Paris regulam juridicamente a inserção alemã no campo ocidental»

Calvet de Magalhães

«Persiste em alguns sectores da RDA o medo de que a autonomia da Alemanha Oriental seja impossível no quadro de uma confederação com o gigante que é a RFA»

Álvaro Vasconcelos

Lourdes Pintasilgo



Medeiros Ferreira e Jaime Gama

Francisco Paraíso

aceitavam. Com o descalabro do governo este-alemão a vontade de reunificação parece ter crescido» - afirmou **Álvaro Vasconcelos.**

Para ele, no entanto, «embora persista em alguns sectores, nomeadamente na igreja protestante, maioritária e muito influente, na RDA, o medo de que a autonomia da Alemanha Oriental seja impossível no quadro de uma confederação com o gigante que é a RFA».

«A reunificação é inevitável.» Peremptório, **João Soares** questionou apenas a sua oportunidade. E esta não depende apenas das duas Alemanhas, mas também da CEE, da URSS e dos EUA. A União Soviética já deu «um não rotundo» -

OBRE POLÍTICA INTERNACIONAL

nificação alemã foi o tema da primeira reunião do grupo de trabalho sobre política internacional do «Diário de Lisboa». O objectivo destas eali ão mensalmente, consiste em reflectir sobre os mais importantes acontecimentos da cena internacional, tentando desta forma tirar antar pistas sobre as suas consequências em Portugal e no Mundo. O grupo é constituído pela embaixadora e antiga chefe do Governo, rdes Pintasilgo, José Medeiros Ferreira, docente na Universidade Nova de Lisboa e ministro dos Negócios Estrangeiros do I Governo ime Gama, presidente da Comissão de Defesa Nacional, ministro da Administração Interna no II Governo Constitucional e dos Negócios o IX, Calvet de Magalhães, embaixador, João Soares, comentador de política internacional na RDP, Victor Sá Machado, administrador Gulbenkian e ministro dos Negócios Estrangeiros no II Governo Constitucional, Álvaro Vasconcelos, director do Instituto de Estudos Internacionais, Mário Mesquita, director do «DL», que coordenou o debate, e ainda os jornalistas Dina Soares e António José Teixeira.

A primeira reunião do grupo de trabalho sobre Política Internacional

terminou. Qual é a Nova Ordem?», interrogou-se, acrescentando: «O termo de um regime não é tudo. Não é um rótulo que de repente se tira. Um regime é também uma cultura, um modo de trabalhar. Por que é que nesta altura a Polónia não tem outra ambição senão a de ter os seus operários treinados em empresas ocidentais?»

Esta questão está a colocar-se na RFA de um modo surdo, ao nível do tecido social, ainda que sem tradução jurídica. As pessoas chegam e não têm a mesma atitude perante o trabalho que os ocidentais. Estão à espera que os orientem. Têm uma atitude passiva. «Paralelamente a uma ordem política está em causa um tipo de organização de sociedades. Da dicotomia Capitalismo/Comunismo, outra ordem está a nascer para a qual ainda não temos resposta» - considerou **Lourdes Pintasilgo**.

A este propósito, **Medeiros Ferreira** não teve a mesma opinião. Para ele, o que está a acontecer «ainda é Yalta», pois o que ficou acordado foi que a Leste os regimes seriam democráticos. «Esses compromissos parece que agora é que vão ser cumpridos» - defendeu.

«A maior responsabilidade pela reunificação cabe à Alemanha Ocidental»

Jaime Gama

O docente da Universidade Nova relembrou, a propósito, a Acta Final de Helsínquia, considerando que ela tinha o vício de aceitar as ditaduras europeias, tanto a Ocidente como a Leste. «Este tratado tem que ser agora repensado com um novo dado: o facto de as ditaduras estarem a desaparecer», considerou. O curioso, deu conta **João Soares**, é que a democratização, salvo na RDA, não se põe em termos de perda de identidade nem de desaparecimento do país.

A «inevitável reunificação», para **João Soares**, daria uma «mini-superpotência» no centro da Europa que teria um enorme efeito desestabilizador, sobretudo na área económica. Apesar dos actuais compromissos da RFA, **João Soares** considera inevitável um certo desinteresse da Alemanha Federal pela Comunidade face «ao deslumbramento da abertura de novos mercados a Leste». Neste pressuposto, du-vida da aplicação em 93 do Acto Único Europeu, não só pelas reticências da Grã-Bretanha, mas pela morosidade do processo de modo a garantir «a integração da RFA e o seu afastamento desses desígnios de unificação e constituição de uma superpotência». Realidade considerada «desestabilizadora» para o equilíbrio europeu.

(continua amanhã)

«O que está a acontecer ainda é Yalta, pois o que ficou acordado foi que a Leste os regimes seriam democráticos»

José Medeiros Ferreira

terá
ada
e se
uni-
sua
ir-
u.
reu-
mo
Não
ton-
am-
RSS
uas
ntes
em-

pos mais subtis. É que a sua perspectiva é ditada por razões de segurança, de equilíbrio, por imperativos de gestão das relações Leste-Oeste e, sobretudo - sublinha **Jaime Gama** -, por fortes razões de natureza económica. Razões que se relacionam também com uma necessidade de relacionamento com o motor económico da Europa Central no sentido de desenvolver a sua própria sociedade.

«Se Gorbachev não encontrar uma alternativa, a reunificação vai fazer-se à sua revelia e de maneira irreversível»

Victor Sá Machado

A maior responsabilidade pela reunificação cabe à Alemanha Ocidental, diz **Gama**, discordando de contrariando **Sá Machado**. A RFA vive duas contradições graves. Por um lado, considera o presidente da Comissão de Defesa Nacional, «ela é o motor da economia comunitária, por outro lado, sente-se com capacidade diminuida no seu relacionamento internacional, até por estar dividida».

Além disso, é simultaneamente o país que mais atenção dá ao Leste e, paradoxalmente, através da precipitação da sua conduta, pode pôr em causa o relacionamento da Europa Ocidental com o Leste». Para **Jaime Gama**, a grande questão é saber como é que a RFA vai resolver os objectivos permanentes da sua política com vista à reunificação e ao mesmo tempo salvaguardar a estabilidade na Europa Central, no relacionamento Leste-Oeste e na articulação entre alianças.

Isto numa altura em que o desanuviamento internacional é uma realidade e a URSS e os EUA se preparam para concluir um acordo de redução de armas convencionais. Daí que a reunificação traga dados novos à procura de um novo equilíbrio.

Terminado o pós-Guerra e ultrapassada a Conferência de Yalta, embora haja referências que permanecem, importa «reinventar uma Nova Ordem europeia». Esta a opinião de **Lourdes Pintasilgo**. «Yalta

Calvet de Magalhães e João Soares

Francisco Paraíso

A.M.A.
Auto Monumental de Arcos S.A.
AUDI
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ANÚNCIO

Dado que foi devolvida a carta registada com aviso de recepção enviada em 10/1/90 a Carlos Manuel Conceição Ferreira Marques para o 2.º andar direito do prédio com número 20 da Rua Alexandre Herculano, em Lisboa, avisando este de que no dia 23/1/90 pelas 15 horas seria celebrada no 15.º Cartório Notarial de Lisboa a escritura de compra e venda do prédio misto (parte rústica e parte urbana) identificado no contrato promessa de compra e venda de novo prédio, celebrado um 6/4/89, vêm os promitentes vendedores do dito prédio avisar formalmente e para todos os legais efeitos o promitente comprador, Carlos Manuel Conceição Ferreira Marques, de que a escritura será efectuada na data e Cartório Notarial acima indicado e que a sua não comparência à mesma escritura terá como efeitos a perda do sinal e a resolução do citado contrato promessa compra e venda.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1990

Os promitentes vendedores
(assinaturas ilegíveis)

DL 22/1/90 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução sumária, n.º 915 — 2.ª secção. Exequentes — Manuel Vidal. Executado. JOSÉ CARLOS DA ROCHA RAMOS, agente n.º 3836 da PSP com domicílio na PSP do Aeroporto, 1800 LISBOA.

Lisboa, 90/1/15

O Juiz de Direito
Jaime Manuel Belém Santana Guapo

Pel' O Escrivão de Direito
Eduarda Maria Pereira O. Cruz

DL 22/1/90 1.ª Pub.

«MERCEARIA CHARCUTARIA A FLOR DO ALVA, LIMITADA».

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 16 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 93 verso a folhas 95, do livro de notas número 38-F, de escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, — Álvaro Maia Rodrigues e Maria Arminda Teixeira Rodrigues, como únicos sócios que são da sociedade com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, na Rua António Patrício, número 9-D, de comum acordo aumentaram o capital da dita sociedade de 50000$00 para 400 000$00 sendo o aumento no montante de 350 000$00, subscritos pelos referidos sócios e por eles realizado, em dinheiro, com as importâncias, respectivamente de 315 000$00 e 35 000$00, e em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade, quanto ao artigo 3.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas, sendo uma de trezentos e sessenta mil escudos, pertencente ao sócio Álvaro Maia Rodrigues e outra de quarenta mil escudos, pertencente à sócia Maria Arminda Teixeira Rodrigues.» Está conforme.

DL 22/1/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO/..... .ªVARA

ANÚNCIO

FAZ-SE PÚBLICO, que neste 17.º Juízo Cível — 3.ª secção, foi proferida sentença nos AUTOS DE DECLARAÇÃO DE MORTE PRESUMIDA E SUCESSÃO NOS BENS N.º 5224 sendo requerente MARIA TERESA DE ALBUQUERQUE SANTOS DUARTE LEÃO e requerido CARLOS DOS SANTOS DUARTE, julgando por morte presumida o requerido já anteriormente mencionado, com última morada conhecida na Rua Tomás Ribeiro, Vila Pinto, n.º 3-R/C-Esq.º em Lisboa, bem como a entrega de todos os seus bens aos seus herdeiros universais Maria Adelaide de Jesus Albuquerque, Pedro Manuel de Albuquerque Santos Duarte e Maria Teresa de Albuquerque Santos Duarte Leão.

Lisboa, 05 de Dezembro de 1989

O JUIZ DE DIREITO

Dr. João Cordeiro Dias

A ESCRITURÁRIA

M.ª Zita Paula

«DL» 22/1/90

AUTO REPARADORA DE BRAGA SENA & IRMÃO, LIMITADA

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 31 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 68 verso a 69 verso, do livro de notas número 39-E, de escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada em Direito Maria Filomena Marques da Cruz, António Braga Sena, e Jaime Braga Sena, como únicos sócios da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe, com sede e estabelecimento em Lisboa, na Av. Elias Garcia, n.º 5, Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, aumentaram o capital social da dita sociedade de 200 000$00 para 400 000$00, sendo o aumento no montante de 200 000$00, subscrito por ambos os sócios e por eles realizado em dinheiro e em partes iguais, ou seja com a quantia de 100 000$00 cada um, e em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade, quanto ao seu artigo terceiro, o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais de DUZENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada sócio.»

Está conforme: — Lisboa, Vigésimo Segundo Cartório Notarial aos seis de Novembro de mil novecentos e oitenta e nove.

O Ajudante
(assinatura ilegível)

«DL» 22/1/90

«ALBERTO SIMÕES & SILVA, LIMITADA».

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 20 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 58 verso a folhas 60, do livro de notas número 39-E, de escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas com a firma em epígrafe e sede e estabelecimento em Lisboa, na Rua Tomás Ribeiro, loja 10, números 34-A e 34-B, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, de 100 000$00 para 400 000$00 sendo o aumento no montante de 300 000$00, subscrito por os únicos sócios Alberto Coelho Simões e Maria da Conceição Antunes Domingues Simões e por eles realizado, em dinheiro, em partes iguais ou seja, com a quantia de 150 000$00, cada um, e em consequência, foi alterado o respectivo contrato de sociedade, quanto ao seu artigo 3.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais de DUZENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada um dos sócios.»

Está conforme.

Lisboa, aos vinte e seis de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove.

O 2.º Ajudante
(Assinatura ilegível)

DL 22/1/90

REIS & LOURENÇO, LIMITADA

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 16 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 92 a folhas 93 verso, do livro de notas número 38-F, de escrituras diversas do VIGÉSIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, a cargo da Notária, Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, foi mudada a sede da sociedade com a denominação em epígrafe da **Avenida dos Estados Unidos da América, números 14 a 18**, em Lisboa para a Praça de Alvalade, número 15, 4.º andar, freguesia de São João de Brito, desta cidade e concelho de Lisboa;

Pela mesma escritura Manuel Gomes Lopes e Maria Antunes Gaspar Gomes Lopes, como únicos sócios que são da referida sociedade de comum acordo aumentaram o capital da dita sociedade de 10 000$00 para 400 000$00 sendo o aumento no montante de 390 000$00, subscrito por ambos os sócios e por eles realizado, em dinheiro e em partes iguais, ou seja, com a quantia de 195 000$00, cada um, e em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade quanto aos seus artigo 1.º e 2.º os quais passaram a ter a seguinte redacção:

«PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma REIS & LOURENÇO, LIMITADA, tem a sua sede e estabelecimento na Praça de Alvalade, número quinze, quarto andar, freguesia de São João de Brito, da cidade e concelho de Lisboa, e o seu início conta-se desde a data da sua constituição.

SEGUNDO

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais de DUZENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada um dos sócios.»

Está conforme. Lisboa aos vinte e três de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove

O Ajudante
(Assinatura ilegível

«DL» 22/1/90

«MARIA JOSÉ, LIMITADA»

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 50 verso a folhas 52 do livro de notas número 39-E, de escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas sob a firma em epígrafe e sede e estabelecimento na Rua da Beneficiencia, números 98 e 100, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, desta cidade e concelho de Lisboa, de 300 000$00 para 450 000$00, sendo o aumento no montante de 150 000$00, subscrito por todos os sócios e por eles realizado em dinheiro, na forma seguinte:

Os sócios Adriano Martins e Jaime Augusto Cerdeira, entraram com a quantia de 50 000$00 cada um;

Os sócios António Santos Gaspar e João Manuel da Fonseca Lopes, entraram com a quantia de 25 000$00 cada um; e em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade quanto ao seu artigo 4.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«QUARTO

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração, é de QUATROCENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de quatro quotas, sendo duas iguais de CENTO E CINQUENTA MIL ESCUDOS, pertencentes uma ao sócio Adriano Martins e outra ao sócio Jaime Augusto Cerdeira e duas iguais de SETENTA E CINCO MIL ESCUDOS, pertencentes uma ao sócio António Santos Gaspar e outra ao sócio João Manuel da Fonseca Lopes.»

Está conforme. — Lisboa, aos vinte e três de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove.

O 2.º Ajudante
(Assinatura ilegível)

DL 22/1/90

«MARIGRÍCOLA CANTINA DO MERCADO ABASTECEDOR, LIMITADA»

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 95 a folhas 96 verso, do livro de notas número 38-F, de escrituras diversas do VIGÉSIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, a cargo da Notária, Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, — Mário Soares Lopes e Rosária Maria Joaquim Lopes, como únicos sócios que são da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe e sede na Porta Principal do Mercado Abastecedor do Campo Grande, freguesia do Campo Grande, em Lisboa de comum acordo aumentaram o capital da referida sociedade de 200 000$00 para 400 000$00, sendo o aumento no montante de 200 000$00, subscrito pelos referidos sócios, em dinheiro e em partes iguais, ou seja, com a quantida de 100 000$00, cada um, e em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade quanto ao seu Artigo 3.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais de DUZENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada um dos sócios.»

Está conforme. Lisboa, aos vinte e três de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove.

O 2.º Ajudante
Dulce Padre Santo Ramalho

«DL» 22/1/90

CASA DE REPOUSO E REABILITTAÇÃO BEM ESTAR DO LARGO DO CALVÁRIO, LIMITADA

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 19 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 98 a folhas 99 verso, do livro de notas número 38-F, de escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária, Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe com sede na Rua dos Bacalhoeiros, número 99, 1.º andar freguesia da Madalena, desta cidade e concelho de Lisboa, de 200 000$00 para 400 000$00, sendo o aumento, no montante de 200 000$00, subscrito por todas as sócias e por elas realizado em dinheiro, da forma seguinte:

A sócia Maria Amélia Louro Braga Sena, entrou com a quantia de 80 000$000; e as sócias Maria Fernanda Braga Sena da Silva e Maria Helena Braga Sena, entraram com a quantia de 60 000$00 cada uma; e, em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade quanto ao seu artigo 3.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de três quotas, sendo uma de CENTO E SESSENTA MIL ESCUDOS, da sócia Maria Amélia Louro Braga Sena e duas iguais de CENTO E VINTE MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada uma das sócias Maria Fernanda Braga Sena da Silva e Maria Helena Braga Sena.»

Está conforme. Lisboa, aos vinte e três de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove.

(assinatura ilegível)

«DL» 22/1/90

«ABREU & CUNHA, LIMITADA»

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 48 verso a folhas 50, do livro de notas número 39-E, de escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas com a firma em epígrafe e sede, na Rua General Taborda, números 55 e 57, freguesia de Campolide, desta cidade e concelho de Lisboa, de 300 000$00 para 400 000$00, sendo o aumento no montante de 100 000$00, apenas subscrito pelos sócios António Santos Gaspar e João Manuel da Fonseca Lopes e por eles realizado, em dinheiro, em partes iguais ou seja, com a quantia de 50 000$00, cada um, e, em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade quanto ao seu artigo 3.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO»

O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, está totalmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma de quatro quotas iguais de cem mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada um dos sócios.

Está conforme. Lisboa, aos vinte e três de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove.

DL 22/1/90

J. ALMEIDA & AMARAL, LIMITADA

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 96 verso a folhas 97 verso, do livro de notas número 38-F, de escrituras diversas do VIGÉSIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, a cargo da Notária, Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, — José Carlos da Silva Almeida e Luís Manuel de Oliveira Amaral, como únicos sócios que são da sociedade com a firma em epígrafe e sede no Campo Grande, número 232, letra D, freguesia do Campo Grande, desta cidade e concelho de Lisboa, de comum acordo, deliberaram aumentar o capital da referida sociedade de 200 000$00 para 400 000$00, sendo o aumento no montante de 200 000$00, subscrito por ambos os sócios e por eles realizado, em dinheiro e em partes iguais, ou seja, com a quantia de 100 000$00, cada um, e em consequência foi alterado o respectivo contrato de sociedade quanto ao seu artigo 3.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais de DUZENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada um dos sócios.»

Está conforme. Lisboa aos vinte e três de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove

O Ajudante
Assinatura ilegível

«DL» 22/1/90

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 2.º JUÍZO

Proc.º n.º 603-A/86-Ex. Sent.

ANÚNCIO

3.ª Secção 2.ª Pub

A Doutora Helena Lopes, Juíza de Direito do Segundo Juízo e Terceira Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

FAZ SABER, que por este Juízo e Secção correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos da Executada DIASTÉCNICA — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES EMPREENDIMENTOS E REALIZAÇÕES DE TURISMO, LDA., com sede conhecida na Av. António Augusto de Aguiar, n.º 3-2.º C e D em Lisboa, para no prazo de DEZ DIAS posteriores aos dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto do seguinte bem penhorado — Fracção autónoma, designada pelas letras AA, que constitui o 6.º andar, letra D, do prédio urbano sito na Urbanização da Arroja, designado por lote n.º 73, freguesia de Odivelas, concelho de Loures inscrito na respectiva matriz sob o n.º 30 464 do livro B-87 da Conservatória do Registo Predial de Odivelas, sobre que tenham garantia real, nos autos de Execução de Sentença em que é Exequente Carlos António Dias, residente na Urbanização da Arroja, Lote-3-2.º Frente, em Odivelas e nos termos do Art.º 864º e seguintes do CPC.

Lisboa, 05 de Janeiro de 1990
A Juíza de Direito
Helena Lopes

O Escriturário Judicial
Fernando Correia Estêvão

DL 22/1/90 1.ª Pub

«CASA DE REPOUSO E REABILITAÇÃO DE MARIA AMÉLIA & FILHAS, LIMITADA».

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 19 de Outubro de 1989, lavrada de folhas 52 a folhas 54, do livro de notas número 39-E, de escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária, Licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe e sede na Rua dos Bacalhoeiros, número 99, 1.º andar, freguesia da Madalena, desta cidade e concelho de Lisboa, de 200 000$00 para 400 000$00 sendo o aumento no montante de 200 000$00, subscrito por todas as sócias e por eles realizado, em dinheiro, da forma seguinte:

A sócia, Maria Améiia Louro Braga Sena, entrou com a quantia de 80 000$00; e as sócias, Maria Fernanda Braga Sena da Silva e Maria Helena Braga Sena, entraram com a quantia de 60 000$00 cada uma; e alteram o respectivo contrato de sociedade quanto ao seu artigo 3.º o qual passou a ter a seguinte redacção:

«TERCEIRO:

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de três quotas, sendo uma de CENTO E SESSENTA MIL ESCUDOS, da sócia Maria Amélia Louro Braga Sena e duas iguais de CENTO E VINTE MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada uma das sócias, Maria Fernanda Braga Sena da Silva e Maria Helena Braga Sena».

Está conforme. Lisboa, aos vinte e três de Outubro de mil noventos e oitenta e nove.

DL 22/1/90

ECONOMIA

Habitação económica penalizada com juros

Organizações do sector da construção protestam contra política do Governo

«Alguns milhares de habitações, já concluídas, vão ficar sem comprador se o Governo não alterar a sua política financeira para este sector», disse ao DL Carlos Silva, presidente da Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica, FENACHE.

O recente aumento das taxas de juro do crédito à construção, efectuado pelo INH, Instituto de Nacional de Habitação, veio criar uma situação de ruptura que justificou já protestos daquela federação e um pedido de audiência ao novo secretário de Estado da Habitação e Transportes Interiores, Rui Vicente.

Trata-se de uma situação bastante gravosa para um sector, o das cooperativas de habitação económica, que se destina nomeadamente a pessoas com menor poder de compra e a necessitar, com urgência, de um tecto para habitar condignamente.

As taxas aumentaram de 17 para 19,5 por cento, mantendo a bonificação de um terço. Só que esta bonificação se mantém para uma taxa de 17,5 por cento e não para a nova tabela. Em declarações ao DL, aquele secretário de Estado diz, por sua vez, que *«as taxas de juro de crédito do INH mantém-se dois pontos abaixo do juro normal, o que ,com a bonificação ,vai aos 13,5 por cento»*.

Somando esta situação de disparidade entre números e a conjuntura actual de elevadíssima inflação na construção civil, a qual no ano passado atingiu cerca de 40 por cento, não se consegue descortinar como é que o Governo quer resolver um problema de indiscutível interesse nacional.

Registe-se que, mesmo a custos controlados, as condições de crédito, afirma Carlos Silva, *«foram agravadas no ano de 1989 em 50 por cento o que leva à falência total do sistema»*.

Meia secretaria

A AICE, Associação dos Industriais da Construção de Edifícios, contesta, por sua vez, a recente transformação orgânica da Secretaria de Estado da Construção e Habitação para secretaria de Estado da Habitação e Transportes, considerando tratar-se da constituição de *«uma meia secretaria»*.

Não estando em causa a personalidade e a competência do novo secretário de Estado afirma a AICE, duvida, no entanto, que esta *«consiga conciliar o tempo e a atenção necessários para dispensar a todos sectores»*, cada um deles *«tão eivado de problemas e dificuldades que, para além do mais, nada têm de comum»*.

Aquela associação critica, igualmente, o modo como o Governo *«menoriza o problema social da habitação»*

A AICE faz questão em lembrar que há poucos anos a habitação merecia já um ministério próprio. Agora passa de uma secretaria de Estado para *«meia secretaria»*, acrescentando que em breve será lícito pensar que *«não tardará a ficar reduzida a uma Direcção-Geral»*

Manuel Gamito: «Trabalhar bem e sem formalismos»

Comércio: modernização vai custar 15 milhões

Modernizar o comércio português é o objectivo do grupo de trabalho empossado na passada sexta-feira pelo secretário de Estado do Comércio Interno, Jorge Antas. Como meta final, o estabelecimento da aplicação de um orçamento de 15 milhões de contos, dos quais seis são provenientes da CEE.

O grupo, que tomou posse perante Isabel Mota, secretária de Estado do Desenvolvimento Regional, e de Manuel Gamito, presidente da Confederação do Comércio Português, irá cruzar o documento da CCP «Linhas estratégicas de um programa de modernização do comércio português» com os dinheiros comunitários destinados a incentivar esta modernização.

A ideia patente na cerimónia foi de que o sector sente urgência nos dinheiros do programa. Manuel Gamito disse que espera que o grupo *«trabalhe bem e sem formalismos»*, para que sejam elaborados rapidamente os «papéis» a enviar a Bruxelas.

Jorge Antas frisou, na altura, o facto dos apoios comunitários a Portugal serem caso único na Comunidade e de ser a primeira vez que o comércio beneficia de subsídios de investimento. Quanto a Isabel Mota disse ser preciso *«força e vontade nacionais»* para concretizar os objectivos.

O grupo de trabalho é composto pelo coordenador José Tavares e ainda por Jorge Pereira, ambos da Direcção-Geral do Comércio Interno, e por Blanco de Morais, da Federação do Comércio Grossista, João Navega e José Cortês, da CCP, Caranova Júnior, da Federação do Comércio Retalhista, Cristina Pires, da Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, Guerra e Silva, do IAPMEI, Mendes Leal, do IEFP e Amadeu Pires, da CGD.

Conjuntura portuguesa determina crédito do BEI

A situação e a economia nacionais são os factores determinantes para os créditos que serão concedidos a Portugal, este ano, pelo Banco Europeu de Investimento (BEI), em função das propostas governamentais. Quem o afirmou foi o seu vice-presidente com o pelouro das questões portuguesas, o espanhol Miguel Arnedo Orbananos, em conferência de Imprensa dada ao fim da manhã da passada sexta-feira.

No encontro com os jornalistas, para o qual estava prevista a presença do presidente do BEI, Ernst-Gunter Broder, que regressou a Luxemburgo por motivos de última hora, o vice-presidente, que lamentou não saber ainda quais os montantes finais dos créditos para Portugal, disse também que não há qualquer diferendo entre a instituição comunitária e o Governo português e que a remodelação nada tem a ver com a análise que está a ser feita.

Perguntas insistentes tentaram levar os representantes do BEI a afirmar haver algum diferendo, pelo menos de conceitos, ente o banco comunitário e o Executivo português. Mas a questão foi permanentemente torneada, com a afirmação de que, em nenhum país da CEE, se estabelece, em Janeiro, as formas e montantes dos apoios e de que o BEI é uma entidade que não determina a sua actuação a partir de situações internas passageiras dos Estados membros.

Os contactos agendados foram todos efectuados e, segundo dito, *«não conhecemos todos os membros do Governo e nem temos de dialogar com todos»*. Cumpriu-se, assim, o programa da visita anual a Portugal do Conselho do BEI, que tem o objectivo de fazer a análise da actividade do banco, em geral, e da sua intervenção na economia portuguesa, em especial, com destaque para os níveis de inflação e a estratégia macroeconómica.

Intervenções

Para além de ter como objectivo que as linhas de crédito sejam em escudos, o que permitirá evitar alterações de câmbio, o BEI irá fazer uma emissão, em moeda portuguesa e de montante ainda a determinar, no primeiro semestre deste ano, a que se seguirá uma outra, na segunda metade de 1990.

Miguel Orbananos, ladeado por elementos do BEI, em conferência de Imprensa

A determinação dos montantes será feita tendo em consideração as condições macroeconómicas portuguesa, acrescentou Miguel Arnedo Orbananos.

Contudo é conhecido --e foi reconhecido -- que o BEI não descura o que se passa nos países onde está presente. Mas questões como a aplicação atempada de dinheiros disponibilizados ou o cumprimento de projectos apresentados não são da sua competência. Cada Governo tem de gerir os dinheiros em função das suas capacidades ou disponibilidades.

Foi também lembrado que o BEI não é uma instituição comunitária com funções iguais a outras que afectam verbas para programas específicos de apoio e desenvolvimento e às quais é preciso dar contas pormenorizadas, de cumprimento de projectos e de prazos.

Cooperação com o Leste

Depois de ter pormenorizado os montantes dos financiamentos a Portugal, por anos e por áreas, Miguel Arnedo Orbananos acrescentou que, embora a maior tarefa do BEI seja apoiar o desenvolvimento comunitário com vista ao Mercado Único, não pode deixar de ser destacado o papel que lhe cabe na cooperação com os países de Leste.

Nesse sentido insere-se, numa primeira fase, a autorização de financiamento de mil milhões de ecus à Polónia e à Hungria e, em segunda fase, já em curso, a colaboração na preparação de um banco de desenvolvimento dos países de Leste, com vista a facilitar *«a transição de uma economia planificada para uma economia de mercado»*.

O processo a seguir será o da absorção das capacidades desses países e a reformulação de reinvestimentos. *«Não será transferir dinheiro, mas aproveitar as potencialidades e capacidades existentes»*, disse o vice-presidente do BEI. As negociações em curso deverão terminar em Março próximo.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$20	55$20
ALEMANHA FED. (marco)	86$85	88$05
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	3$966	4$216
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$90	128$40
(notas de 5 a 1000)	126$40	128$90
DINAMARCA (coroa)	22$45	22$85
ESPANHA (peseta)	1$306	1$426
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$95	152$45
(notas de 5 a 1000)	149$45	152$95
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	25$55	26$25
HOLANDA (florim)	77$15	78$25
IRLANDA (libra)	231$85	235$85
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$979	1$034
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	245$33	249$85
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	97$90	99$40
VENEZUELA (bolívar)	3$237	4$037

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Utopia o nome errado da esperança

Da ilha da Utopia de Thomas More às contra-utopias de hoje - eis a essência do colóquio que, durante quatro dias, decorreu no Centro de Arte Moderna. Ciência, Arte, Religião, Sociedade - tudo foi posto em causa. Que indicação ficou para um mundo melhor situado no milénio que se aproxima? Esperança, já que a Utopia foi o seu lado obscuro

O Colóquio sobre «Utopia - Mitos e Formas», inaugurado quarta-feira passada no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, e que sábado terminou, é o primeiro de um conjunto que irá atravessar a Europa, ao longo da próxima década, subordinando-se à temática mais ampla do Imaginário Europeu do Projecto Social. O encontro, com a participação de professores de Universidades portuguesas e estrangeiras, especializados em diversas áreas do saber, teve como objectivo, dentro dos limites do discernimento humano, descortinar que espécie de utopia se irá explanar pelo milénio que se aproxima, nos campos da Ciência, das Artes, da Sociedade. Muitas foram as sensibilidades presentes na magna reunião, pelo que, sem as querermos ferir, apontaremos desde já dois limites (aliás desenvolvidos por Manuel Lourenço Forte, como, mais adiante, se lerá) que nos parecem demarcar o espaço em que eventuais utopias se poderão desenvolver: a **transcendência** e a **imanência** divinas, conceitos esses que exporemos de forma clara e simples.

Antes de nos adiantarmos, porém, em pormenores (que nunca serão os bastantes para a temática em questão), digamos, desde já, que Yvette Centeno, do Gabinete de Estudos de Simbologia da Universidade Nova de Lisboa, e coordenadora do Colóquio, se mostrou optimista nas palavras de introdução do mesmo, afirmando que as utopias contribuem para que «a sociedade seja mais justa e perfeita», e que, «através do saber e da criatividade», se impunha «uma nova dimensão europeia» no dobrar da década de 90. Esta, por consequência, a primeira fala, pela positiva, de um colóquio que ficará nas actas culturais do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

A lição inaugural (ver mais adiante) centrou-se sobre a figura de Thomas More e a sua «Utopia», mas foi a comunicação de Manuel Lourenço Forte, da Fundação Esprit - Icarus, especialista em Neurobiologia e doutorado em Psicofisiologia, intitulada «Génese da Verdadeira Heresia Europeia», que verdadeiramente captou a atenção dos presentes ao precisar com rigor o espaço de quaisquer possíveis utopias, ou sistemas de pensamento, ou ainda corpos doutrinários que porventura possam vir a surgir no futuro.

Segundo Manuel Lourenço Forte (que na sua exposição se serviu de "slides", os quais, por assim dizer, funcionavam como sumários ou "fichas"), a civilização europeia distingue-se das outras por a Utopia nascer da Sabedoria. Ou por outras palavras: tudo quanto, num primeiro momento, se apresenta como utópico, não procede de qualquer súbita inspiração, mais ou menos transcendental, e sim da ponderação de dados adquiridos pela indagação e experiência humanas.

Além disso, essa mesma civilização europeia vive o problema religioso de forma permanente - e isso porque «o homem tem direito a ser Deus». Tem esse direito por, em certa medida, ser **omnisciente** e **omnipotente** - omnisciente «por recolher dados de todos os lados», e omnipotente por, dentro da mais sofisticada tecnologia, «poder falar e ver à distância (...), «viajar pelo espaço» (...), «ir à Lua» (...), «gravar e filmar a realidade», etc. Mais ainda: a vida eterna, um outro requisito de Deus, é também potencialmente "requisito" do homem, uma vez que o homem «combate as causas da morte», se atreve à vida in vitro, estuda as epidemias até à exaustão para as vencer. Por outro lado, o homem é também criador: em todas as Artes, por exemplo.

Um outro aspecto, segundo o orador, a considerar: o de Deus, através de Cristo, ter encarnado no homem. «Encarnando no homem, igualou-se Deus ao homem» - diria Manuel Lourenço Forte. Pelo que, em última análise, e sempre de acordo com o orador, não há um Deus transcendente, e sim um Deus imanente, «algo em si mesmo», que somos todos nós.

Conclusão da exposição: só na imanência se torna possível a criação de um sistema que contribua para a felicidade de todos os homens num espaço ideal (utopia). Quanto mais nos aperfeiçoemos (depreende-se das palavras do orador), mais seremos o Deus perfeito que vela pela sua própria perfeição ao longo de um tempo ideal (ucrania). Mas também (palavras agora de Yvette Centeno) «talvez utopia tenha um "sinónimo" que mais não é do que a palavra **esperança...**» Logo: a esperança que sempre nos habita é o espaço ideal para toda e qualquer utopia.

Manuel Lourenço Forte: «Encarnando no homem, igualou-se Deus ao homem» (Cabeça de Cristo da autoria de José Régio)

Poesia: liberdade suprema

Aliás, este problema relativo à esperança, como caminho aberto para a possível felicidade humana, seria mais tarde exposto, de outra feição, por Fernando Ribeiro, professor da Universidade Nova de Lisboa, através de uma comunicação intitulada «Anarquismo / Alemanha / Primeiro quartel do século XX / Erich Mühsam».

O orador (servindo-se igualmnete de "slides", e também de música e poemas) apresentou à atenção dos presentes a personalidade anárquica e boémia do poeta Erich Müsham, a quem Hitler não perdoou a liberdade de espírito: encarcerado, morreu na prisão em 1934.

Mas antes de assim se sumir do seio dos vivos, Erich Müsham, que considerava a utopia como elemento transformador da realidade (pelo que não admitia o modelo soviético, bem como o socialismo doutrinário e muito menos ainda quaisquer formas de capitalismo), defendia a individualidade de cada um como bastião necessário para que uma comunidade se mantivesse e não afectasse qualquer dos seus membros.

Fora da Alemanha, e depois de ter viajado pela Áustria e França, veio a radicar-se em Itália, onde, na povoação de Ascona, concretizou o seu sonho: a fundação de uma comunidade. Poeta revolucionário (embora a componente lírica subsistisse no seu íntimo), pregou, por assim dizer, a libertação da sociedade face ao Estado. O "dolce farniente" italiano, que muito se assemelhava a uma atmosfera paradisíaca, levou-o inclusive a opor-se ao movimento operário alemão e a todos os "ismos" então em vigor. Para ele, um juízo se impunha antes de tudo: assim como há gente (profetas) que anuncia o que está para vir, também o artista, apesar de todos os contratempos, anuncia «a felicidade do género humano em liberdade».

«Qual a trave mestra do espírito humano...?» - perguntaram-lhe um dia.

E Erich disse:

«A trave mestra do espírito humano é a esperança.»

A utopia, como ele a encarava, exigia, efectivamente, a esperança (o que há-de vir), pois só a esperança conferiria à função utópica «um processo dinâmico e aberto».

Dinâmico e aberto, isento de qualquer espécie de aparelho de Estado, pois que só desta maneira «o artista se sentiria apto a produzir (...) em prol da dignidade humana.» Daí, pois, uma tríade que sempre fez parte da sua vida: liberdade, fraternidade, igualdade. Como resolver, no entanto, os problemas "comezinhos" de todos os dias...?

Para Erich Müsham, poeta anarquista, «tudo começa e acaba no indivíduo» - pelo que, boémio como era, não tolerava qualquer sistema social impresso em códigos, cartilhas, livros, etc. Ser homem, para Erich, era ser-se excepção: era ser o poeta dentro da cidade - e não fora da cidade como Platão exigia na «República». Ascona, a comunidade surgida do sonho de Erich Müsham, era, em certo sentido, um reflexo paradisíaco isento de lugar - e para sempre ficou, doce e dolorosamente, como um lugar onde a esperança se ergueu tal um exemplo a seguir pelos homens de boa vontade. Será tal possível...?

Pedro Alvim

Thomas More e Portugal uma certa influência

A lição inaugural foi proferida por José V. de Pina Martins, professor de Letras da Universidade Católica de Lisboa, que se pronunciou sobre «A Utopia de Thomas More e Portugal», especificando as fontes portuguesas daquela obra e o reflexo da mesma na cultura portuguesa do século XVI.

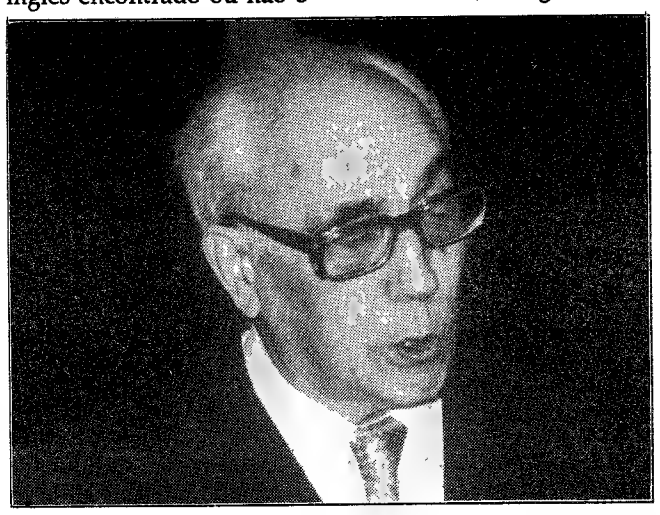
Ao longo da sua comunicação (aqui obviamente resumida) foi-nos proporcionado saber que a ilha da Utopia, cuja descrição Thomas More atribui ao marinheiro português Rafael Hitlodeu (que conheceu em Antuérpia no ano de 1515 quando aquele que foi chanceler de Inglaterra ali se encontrava em missão oficial), era um país onde os homens se sentiam felizes, vivendo segundo a natureza e a razão.

Pormenores: não existia a propriedade privada, o trabalho era obrigatório (6 horas por dia), todos tinham acesso aos bens comuns, as leis eram pouco numerosas e de uma grande clareza, etc.

«Thomas More deixa, porém, entender - acentuou Pina Martins - que essa terra longínqua, integrada por cinquenta e quatro cidades (à semelhança da Inglaterra, que contava então cinquenta e quatro condados)», usufruía de uma justiça, devido a uma boa administração, que não existia, de maneira nenhuma, nas ilhas britânicas. Os mais elementares princípios da humanidade eram feridos em Inglaterra: «Os bandos de vadios e ladrões enxameavam os bairros londrinos, já que a conversão da pequena agricultura em pastagens ocasionou a fuga do campo e das aldeias por parte de tantos pobres que, roubando uma e muitas vezes, acabam por ser enforcados...» Hitlodeu apresenta, relativamente à ilha da Utopia, uma eficiente organização social e de costumes austeros na «cidade que não há», como escreveria (um caso da influência de More em Portugal) Fr. Heitor Pinto. Tenha o humanista inglês encontrado ou não o dito marinheiro português, uma coisa parece certa: More, idealizando ou não, «prestava homenagem às navegações portuguesas» (fontes nossas, por consequência, na escrita de «Utopia»).

A Ilha da Utopia

Fontes essas que, segundo Pina Martins, emergem fundo da nossa cultura de então. Por exemplo: é provável que o autor inglês tenha lido o «Itinerarium Portugalensium» (Milão, 1508), onde há relatos de viagens portuguesas (e espanholas também). Outras obras foram ainda citadas pelo orador, bem como o facto de edições do livro de More terem circulado em Portugal (em francês, inglês, italiano) pelos séculos XVI, XVII e XVIII. Logo: se os Descobrimentos influenciaram Thomas More, a «Utopia» não deixou também de afectar, no bom sentido do termo, a nossa intelectualidade ao longo dos tempos.


Pina Martins

Objecções de Russell

Já que um português assim falava de Thomas More, pareceu-nos interessante saber o que do autor de «Utopia» pensaria um intelectual inglês - e, pura e simplesmente, terminado que foi o primeiro dia do Colóquio, recorremos, no arrumo das notas tiradas no Centro de Arte Moderna, a Bertrand Russell.

Humanista, sim, era More (1478-1535) - e homem também de grande piedade. Advogado, tal como o pai. Membro do Parlamento (a partir de 1504), liderou a oposição ao pedido de novos impostos por Henrique VII. O monarca não lhe perdoou, mas... Por morte deste, More alcançou o favor do sucessor, Henrique VIII, sendo então colocado em várias embaixadas. (Nesse seu itinerário, não só se daria conta dos Descobrimentos Portugueses, como também conheceria Erasmo de Roterdão, o autor de «O Elogio da Loucura»). Longe da pátria, apercebeu-se então das injustiças que por lá se pratica-

continua na pág.26

COMENTÁRIO

O fantasma

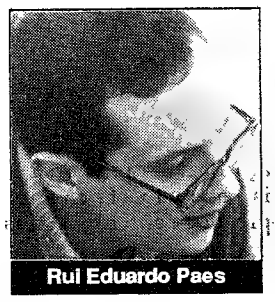
Karl Manheim não pôde dizer tudo. Ao distinguir ideologia de utopia, o ensaísta não sabia o que no futuro permaneceria de utópico na ideologia ou o que haveria de ideológico na utopia. Não viveu o suficiente para ver o que nós vimos. Hoje, que se identifica a pretensa morte das ideologias com o desaparecimento das últimas grandes utopias, sem prezar as diferenças entre a premonição desejante e a justificação operativa dos Estados, torna-se natural, lógico até, que os estudiosos dos vários ramos do saber social e humanístico se interessem pelas suas malhas.

É o «socialismo real» que cai em ruínas, o pensamento anarquista que se torna simplesmente libertário, o liberalismo que aparenta estar emancipado de qualquer condição ideológica. Os velhos valores e princípios que definiram as caracterizações e estratégias das esquerdas como das direitas desde a Revolução Francesa perdem importância, quando confrontados com as evidências da sua concretização no mundo real. Não basta que os órfãos dos nobres ideários do século ainda argumentem que os desvios às linhas estabelecidas não as desvirtuam no seu íntimo, porque esses «desvios», afinal, sempre estiveram pressupostos. A utopia é uma prefiguração do absoluto, ainda que a achemos bem intencionada, e toda a utopia que se converte em ideologia, ou seja, toda a utopia que se pretende razoável, só pode ser a concretização do terror.

Daí que nos apaixonemos, todos, mais pelo texto utópico do que pela utopia, mais pela narrativa ideológica do que pela ideologia em si. As utopias históricas, de Thomas More a Campanella, de Proudhon a Marx, mesmo quando fundamentadas «cientificamente», como é o último caso, não deixam de corresponder ao relativismo das contextualizações históricas (o marxismo de cartilha é explicado em grande parte pelo positivismo economicista e sociologizante, por exemplo). Na base, a circunstância mantém-se, e essa preferimos conhecer antologicamente, como se já não tivesse nada a ver connosco.

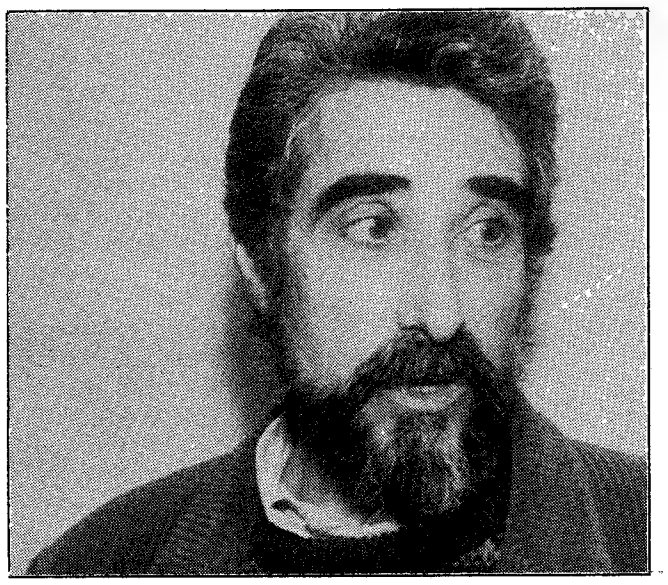
Ninguém poderá dizer, nos dias que correm, aquilo que Carlo Rosselli disse nos anos 30, em ruptura com a «perversão» estalinista: que o verdadeiro socialismo é um liberalismo «em acto». Será uma decorrência ao nível da História das Ideias, mas mais nada. E no entanto, em tempo como este em que mesmo os mitos socialistas alternativos se sentem esgotados e em que a desideologização proporciona um fenómeno que convém à regulação política do sistema pelos mecanismos do mercado que vemos acontecer é a emergência das «contra-utopias», que à sua maneira, mesmo anulando-se pela negativa, não deixam de ser utopias. O socialismo, qualquer socialismo, perde militância, e percebemos que é a própria democracia que em seu lugar ideologizamos, esta, transportando-a para o horizonte ideal como outra. Pierre Clastres, primeiro trotzkysta, depois neolibertário, agora um teorizador da democracia liberal, foi isso que prenunciou com o seu percurso. Com «A Terceira Vaga», um «best-seller» nada brilhante (antes pelo contrário), Alvin Toffler não fez mais do que misturar os temas liberais com uma prospectiva utopista.

Ser de esquerda em 1990 não é mais, assim, do que ter ideias sobre a democracia, o que, convenhamos, não a diferencia particularmente da direita, se excluírmos as suas preocupações ao nível da Justiça Social. Não significa isso que a esquerda já não é capaz de utopia: a democracia como fim é que surge como a única alternativa à democracia enquanto método. Não nos libertámos do fantasma.


Rui Eduardo Paes

CULTURA

João Barrento: «O estalinismo foi uma perversão»



A comunicação que o professor inglês Krishan Kumar proferiu durante o colóquio «Utopia: Mitos e Formas» acerca da evolução da utopia desde a Antiguidade até ao presente século, terminara numa atmosfera de questões e reparos apaixonados. Entre os «contestatários» (se assim se lhes pode chamar) esteve também João Barrento, docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a quem o «DL» lançou algumas interrogações a propósito dos pontos mais contestáveis da comunicação que acabara de ser apresentada .

Ao invés do que fora afirmado por Kumar, João Barrento acredita, por exemplo, que o século XX não assinala o decair do conceito em estudo neste colóquio. Pelo contrário, recorda «todas as utopias ligadas à Europa pós-industrial, os mitos dos robots que fazem tudo e que vêm ao encontro da necessidade de libertação sentida pelos homens. Não é à toa -acrescenta- que já no século XIX começam a aparecer livros intitulados "O Elogio da Preguiça" e "O Louvor do Ócio".

As observações do professor português à comunicação de Kumar não se quedam, todavia, pelos aspectos a que acabámos de aludir. Ao elogio da recente derrota do comunismo nos Estados de Leste, onde os povos abominam o conceito de utopia porque, e mais uma vez segundo o docente britânico, o identificam com a morte e com o regime caído em desgraça, João Barrento contrapõe o efectivo ressurgimento da dita utopia nessas paragens conturbadas. «Antes ela não existia no Leste» - afirmou ao «DL»- «pois o estalinismo não foi uma utopia, mas sim a sua perversão, no sentido em que fez tábua-rasa de muita coisa escrita por Karl Marx; no sentido em que ao privilegiar o colectivismo, esqueceu outros momentos importantes da tradição marxista como a dignidade humana e os valores do indivíduo.»

João Barrento fez questão de salientar, no entanto, que entre a realização desta iniciativa e as riquíssimas transformações político-ideológicas que se estão a verificar neste momento, há apenas «uma convergência feliz». «Não há uma pertinência imediata no colóquio - declararia a propósito- trata-se de um trabalho universitário que se vai desenvolver nos próximos anos em vários países europeus e que tenta ir discutindo de que maneira a Europa moderna foi construída no plano do imaginário. Claro que existem também as nossas próprias motivações, inteiramente relacionadas com o trabalho desenvolvido desde há alguns anos pelo Gabinete de Estudos de Simbologia da Universidade Nova» e, aproveitando o ensejo para nos recordar algumas iniciativas passadas, falou-nos muito brevemente do colóquio sobre o imaginário da cidade e de um outro que tomou as viagens como tema.

A alguém muito próximo da coordenação do colóquio, a questão impunha-se: porquê este título, porquê este relacionamento entre a utopia e os mitos, por um lado, e as utopias e as formas, por outro?

Para o nosso interlocutor, o mito relaciona-se com as utopias, na medida em que se afigura «como uma das formas que sustentam certo tipo de questões que elas vão levantando ao longo do tempo». A designação «formas» propriamente dita não estabelece, por seu turno, uma relação imediata com o complexo sistema filosófico que delas fala, formulado por Platão, o autor de «República». De acordo com João Barrento, «são o suporte geralmente literário de que o «género» utópico se vai servindo. É deste modo que podemos falar de utopias expressas em tratados políticos, relatos de viagens ou romances».

Maria João Martins

Yvette Centeno: «Produzimos sobretudo sonhos»

O nome é, de certeza, conhecido de todos aqueles que se sentem enamorados das muitas questões erguidas pela evolução do pensamento e da filosofia. Yvette Centeno, coordenadora deste colóquio e docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, foi a interlocutora que elegemos para nos elucidar um pouco sobre o papel das utopias no pensamento português. Papel que muitos têm na conta de escassamente relevante, ao mesmo tempo que sabemos que Rafael Hitlodeu, marinheiro de ofício e fado, e português de nascimento deu a conhecer a Thomas More, a ilha da utopia.

Não obstante, Yvette Centeno considera que «a tradição utópica em Portugal é pouco importante como género literário. Enquanto noutras regiões ela se desenvolveu muito, no nosso país» -acrescentou- « produziu sobretudo sonhos, como o do Padre António Vieira que na "História do Futuro" aspirava à realização do sonho do milénio por via portuguesa». Mas há mais. Há os testemunhos que o Professor Manuel Caravaneira encontrou na Biblioteca Nacional acerca dos «regimes políticos ideais no século XIX».

A propósito do lugar da utopia na cultura portuguesa, há quem acredite que este é um país pensado e projectado na utopia, devido à constante necessidade de realizar os seus mais altos ideais em espaços que lhe são externos (o Império e, quando este ruiu, a Comunidade Europeia). Para Yvette Centeno, não estamos diante de um facto inédito. «Nenhum país pode estar voltado para o interior, pois sem diálogo também não poderá haver evolução» -comentou. «Devo acrescentar, aliás, que a capacidade de conviver com outros sistemas é das nossas características mais interessantes».

Permitir-nos-à esta faceta contribuir com elementos que nos são peculiares, para a edificação de uma nova utopia, tal como no século XVI contribuímos com o mundo que íamos desvendando aos olhos da Europa? Yvette Centeno pensa que «neste momento em que a Europa de Leste fez as viragens que todos conhecemos, talvez possamos dizer que o modelo português pode ser ponderado no mundo e na sociedade. Houve uma época» -diria ainda- «em que a descoberta do mundo por esses mesmos portugueses proporcionou à Europa uma visão ampla do dito mundo. É o momento de a Europa nos descobrir, de importar de nós algo de útil».

O optimismo de Yvette Centeno é notório. Para ela, dizer na apresentação deste colóquio que «os anos 90 serão uma década de utopias» é o mesmo que afirmar que «nesta viragem do século, ao mesmo tempo que ruem velhos sistemas, estão a surgir também novas maneiras de ver o mundo que serão, afinal, o contributo da nossa época para o futuro». Uma última curiosidade: enquanto mulher, como encarou a conhecida professora a declaração (quase bombástica) de Krishan Kumar , segundo a qual o feminismo é apenas uma utopia ? Com naturalidade, evidentemente, pois «ante o processo da razão, da religião e do intelecto, há que dar voz às emoções e aos sentimentos que partem muito da imaginação feminina»

M. J. M.

Roger Navarri: «As pessoas acreditam na poesia»

Professor da Universidade de Bordéus III, Roger Navarri debruçou-se sobre a poesia contemporânea e a utopia propriamente dita. Segundo o autor da palestra, esta relação explica-se pelo facto de, para ele, «a poesia ser um discurso fundamentalmente utópico que descobre a verdade fechada das coisas».

«As pessoas acreditam na poesia, como quem acredita na religião, porque essa mesma poesia -acrescentou- tem, tal como a utopia, uma lógica muito própria, baseada na sensação, uma lógica que, para muitos, é ilógica, mas em que acreditamos, mesmo que os poetas venham contradizer os nossos princípios mais profundos».

M.J.M.

Thomas More e Portugal

continuação da pág.25

vam. Ao escrever a «Utopia», o seu propósito era só um: educar os cidadãos ingleses.

Sucede, no entanto, que ascende a chanceler - e breve cai no desagrado de Henrique VIII. Porquê? Pelo simples facto (embora tenha tido contactos com a Reforma) de se opor ao divórcio. Ora o Rei, por essa altura, pretendia divorciar-se de Catarina de Aragão a fim de se consorciar com Ana Bolena. Que fazer? Uma só coisa: resignar do cargo de chanceler, o que se verificou em 1532.

Dois anos depois, Henrique VIII exige do Parlamento o Acto de Supremacia, isto é, não o Papa, e sim o Rei como chefe da Igreja em Inglaterra. Tal medida exigia o juramento ao monarca de todos os membros do Parlamento. More não se prestou ao juramento - e, acusado de traição, foi decapitado. Correram os tempos - e em 1935 foi canonizado por Pio XII.

Russell, após elogiar o carácter do seu compatriota, debruça-se sobre a «Utopia» - e, com grande poder de análise, chega à conclusão de que a «Utopia» era (passe o pleonasmo) soberbamente utópica, e, daí, a sua inviabilidade para a felicidade do género humano. Boas eram as intenções, mas...

A vida familiar, por exemplo: patriarcal. Filhos casados vivem em casa do pai, que é quem tudo governa. Se uma família aumenta de mais, os filhos em excesso vão para outra família. Se uma cidade cresce demasiadamente, alguns habitantes vão para outras. Se todas crescem, constrói-se outra em terreno baldio. Aqui pergunta Bertrand Russell (in História da Filosofia»): «E quando o baldio se esgotar...?»

Ora é precisamente este limite físico (além de outros motivos) que põe termo a uma efabulação generosa, acrescendo ainda o facto, por a vida comum ser regulada quase matematimente, da erupção de uma grande insipidez no relacionamento humano. Embora salvaguardando as devidas distâncias, somos levados a traçar um paralelismo entre a ilha da Utopia (algures situada no hemisfério sul) e as sociedades fechadas de Leste, que no virar da década de 80 para a de 90 foram desfazendo a atmosfera utópica em que foram vivendo por quase meio século...

P. A.

Entrevista com Jorge Ferraz, guitarrista dos «Santa Maria Gasolina Em Teu Ventre»

A Liberdade não tem nome

Caleidoscopia, cibernética, vida, genética, *on the road* interior, são conceitos, palavras, que fazem parte do universo de Jorge Ferraz. A inteligência, embora rara nos tempos que correm, não espanta, o que espanta é a forma lúcida e organizada que ela tem neste jovem de 25 anos. Jorge Ferraz prova, aos ainda incrédulos, que o rock é cultura. Ele é a imagem pública dos Santa Maria Gasolina Em Teu Ventre, grupo que editou recentemente o álbum "Free Terminator", fazendo parte ainda dos Acidoxi Bordel. Sociólogo, poeta, guitarrista, figura polémica tanto quanto a sua música, começou por falar deste trabalho dos Santa Maria:

- «Os Santa Maria não fazem barulho, nem têm guitarras distorcidas. Não há distorção no disco. Se não percebem nada de frequências nem de equalização, e se o que eu faço não tem nada a ver com o que estão habituados a ouvir, e se não têm nenhum padrão de referência a não ser o *noise rock*, então são completamente idiotas. É evidente que tenho influências de espaço, de comunicação ou de vibração com algum *noise rock* americano, mas não com todo. Ao contrário do que dizem os críticos, eu detesto música industrial. Acho que é uma fraude. Pelo facto de haver um efeito global de muito volume, isso não quer dizer que a estrutura que está no meio tenha alguma coisa a ver com isso.»

P - *Há quem afirme que fazes o elogio da decadência, comparando-te com o João Peste, se bem que apontem diferentes influências: no teu caso americana, no de Peste germânica. Como comentas esta afirmação?*

R - Não sou nada decadente, nem depressivo, nem negativo. Que mania que as pessoas têm de identificar a ideia da violência com a negatividade, com a depressão ou a morte! A violência pode ser uma exaltação física, pode ser movimento e transformação. O LP dos Santa Maria Gasolina Em Teu Ventre tem tanto barulho que as pessoas acabam por o identificar de forma muito errada. Só entenderam um lado do disco, o que me tem chateado imenso. Todas as críticas, mesmo as mais positivas, foram todas ao lado. A mim importa-me mais que se fale com exactidão do que bem.

O disco tem sido entendido de um ponto de vista apocalíptico, depressivo. Não é rigorosamente nada disso. Considero a minha música como uma caleidoscopia, uma multiplicidade da vida, da sensibilidade. Sermos perturbados, ou de alguma forma incomodados, não tem que ser uma coisa negativa ou chocante. Aliás, a estética do choque acho-a tão redutora...

P - *E já teve a sua época...*

R - Claro! Não sou nada depressivo. Posso ter um determinado tipo de características muito pouco divertidas e de falta de humor, que se reflectem na música, mas a música também reflecte não só as características dos outros indivíduos com quem toco, como inclusive o outro tipo de intenções que tenho. E a coisa de que mais gosto é da vida e de viver. Se pudesse escolher uma outra época, eu preferiria ser um daqueles personagens do Oeste, daqueles solitários que entram sozinhos no início do filme, e saem sós no fim, com um livro do Rimbaud a sair do bolso das calças.

P - *No tema «Os nossos presos políticos nunca usaram jeans» senti influências orientais, concretamente indianas. Há ou não um piscar de olho?*

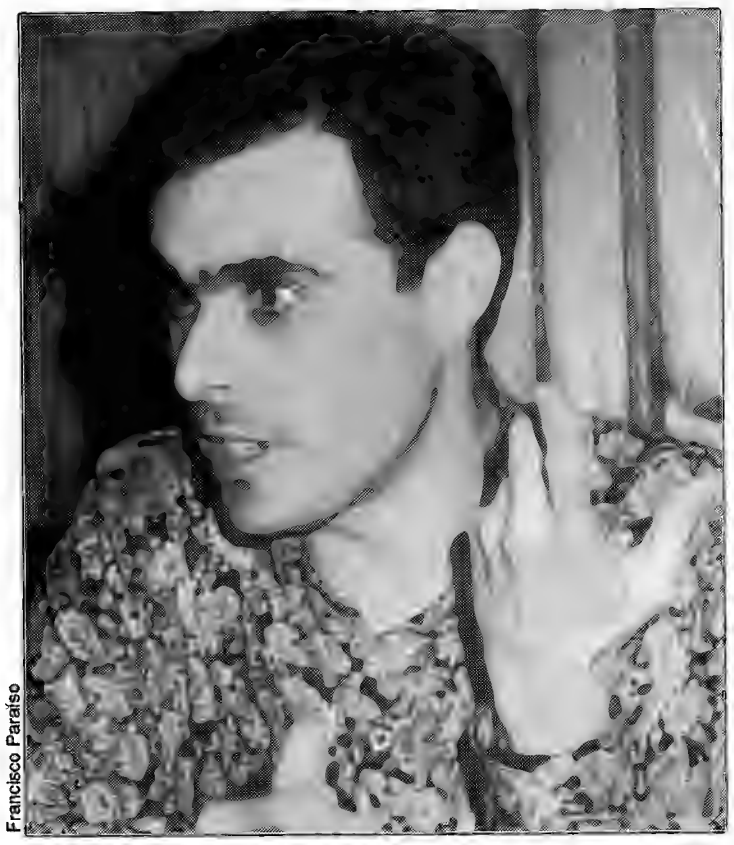
R - Ainda bem que falas nisso. Há um determinado número de harmonias que utilizo: umas são propositadamente referências, outras... Não sei em termos teóricos como se fazem as harmonias orientais, sei das ocidentais e dessas eu fujo. Sei o que quero fazer, há quem pense que tenho a guitarra desafinada, mas não é verdade. Afino-a é em quartos de tom, e as divisões microtonais são típicas da música oriental.

P - *Tendo vivido em África, quais as influências que essa experiência tem na tua música?*

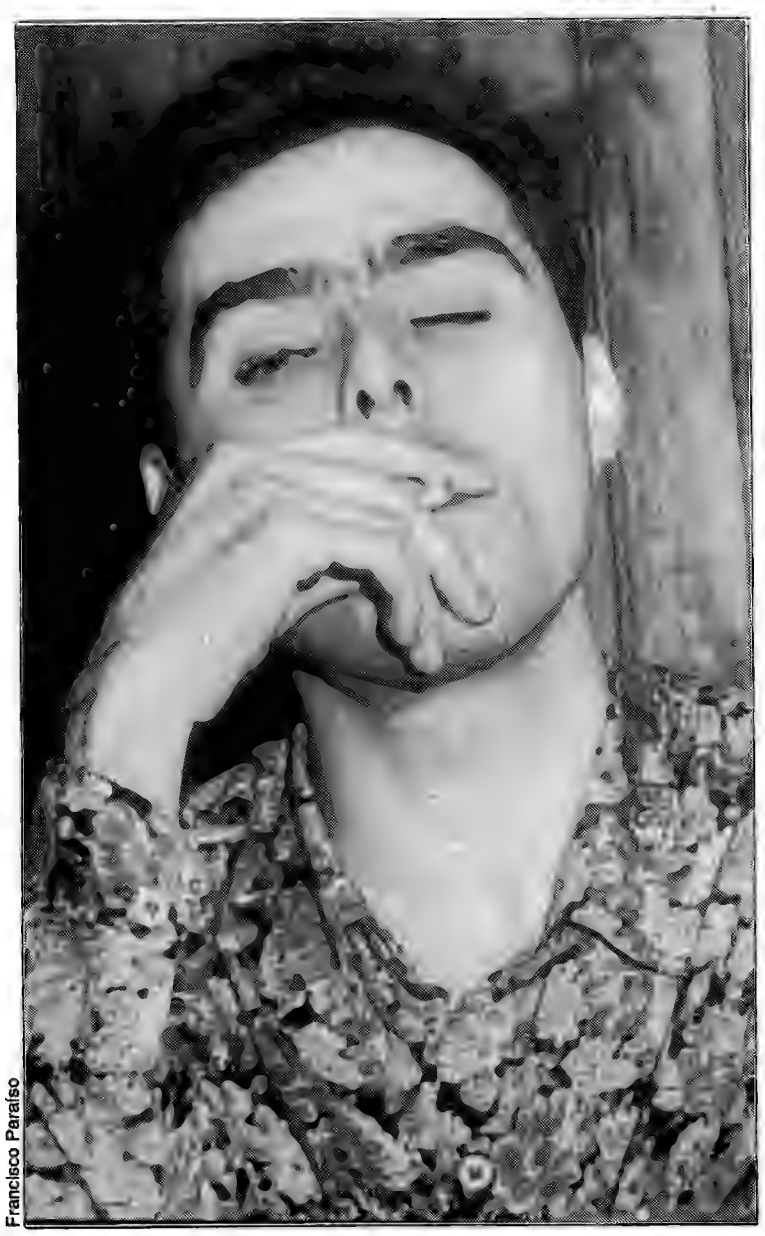
R - Nas baterias do "Era uma vez um preto com Sida" há uma equalização parecida com o tambor africano. Isso é propositado. Por acaso sonho trabalhar com músicos africanos, mas talvez eles não estejam interessados em fazer mais nada do que a música que fazem.

P - *Este disco dos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, com dois temas falados, é um disco de poesia?*

R - É a coisa mais bonita que me podiam ter dito. Evidentemente que é um disco de poesia, porque joga muito com uma série de sensibilidades e imagens, mais do que com *clichés* sonoros típicos. Se a poesia tiver a função de te puxar para um tipo de palavras que são indizíveis e não jogar com as linguagens dominantes ou com as linguagens de comunicação existentes, então é um disco de poesia. Eu e o Vítor, o baixista do grupo, conhecemo-nos por causa da escrita. Comecei a escrever muito antes de tocar música, e a minha primeira actividade, embora solitária, é a escrita. Eu era daqueles putos que, feliz ou infelizmente, passava o tempo a devorar livros. Li, por exemplo, aos onze anos "A História d'O".



Francisco Paraíso



Francisco Paraíso

Jorge Ferraz: um olhar caleidoscópico

P - *Actualmente o que lês?*

R - Neste momento estou a ler, de Lucius Shepard, "Life during wartime", que é um dos últimos romances daquilo a que se chama ficção científica *cyberpunk*, mas já com elementos de ruptura em relação aos clássicos, aqueles que agora os nossos ilustres jornais e intelectuais descobriram, caso de William Gibson e de Bruce Stearling - aliás, o Lucius Shepard foi músico rock antes de ser escritor. É um livro que mistura algumas das características dominantes da *cyberpunk* com elementos típicos do realismo fantástico sul-americano. Costumo ler três ou quatro livros ao mesmo tempo. Misturado com tudo o resto, está uma carrada enorme de livros de *cowboys* e FC, aquelas novelas dos anos 60 que deram origem a muitos filmes. Acho-as, na maior parte das vezes, muito más, mas os mitos para mim são fascinantes.

P - *És coerente, assumindo lucidamente a contradição?*

R - Isso remete-nos para a política: fala-se nos fascismos e nos totalitarismos, identificando-os com um fenómeno político, cultural e social que aconteceu nos anos 30/40, e à luz da ideia da contradição -que é um termo que vem da filosofia grega, mas passa por Hegel e Marx- os sistemas totalitários não são contraditórios, têm antes uma lógica interna. No caso dos totalitarismos presentes, atrás da assumida contradição esconde-se uma espécie de totalitarismo de linguagem. Não o totalitarismo que te exclue ou que te mata quando não concordas com ele, mas um ainda mais perigoso que te obriga a reduzir toda a multiplicidade de linguagens às que são para usar obrigatoriamente. A contradição é um símbolo da liberdade de comunicar da maneira que se entender, inclusive de mentir e introduzir *nuances* nas linguagens dominantes. Faça o que fizer, não tenho que ficar castrado com qualquer tipo de comportamento unidimensional. Acho que a liberdade não pode ter nome.

P - *Uma das tuas contradições flagrantes está à vista: a forma como te vestes, demodé, calças sóbrias, estreitas, camisas largas de flores e sapatos e penteado convencionais. É mesmo?*

R - Isso é mais uma imagem da contradição: não aparecer a camisa de acordo com o resto da roupa. Há um gozo meu em introduzir elementos de perturbação nas coisas. É uma espécie de alucinação positiva, não é um pesadelo. E é disso que eu gosto.

P - *O que conheço da tua prática diária, em termos participativos, nomeadamente em reuniões anti-racistas, permite-me considerar-te um militante. O racismo, o neonazismo, a Sida, são para ti assuntos determinantes?*

R - E muito, muito, preocupantes. Passamos a maior parte do tempo em discussões estéticas fúteis, à mesa do café. A Sida é um fenómeno que, penso, vai entrar em normalização, como o cancro. O cancro mata mais pessoas do que a Sida, só que as pessoas já vivem com ele. A Sida, mais do que uma doença, é um fenómeno social com cargas moralistas, que tem permitido perseguições arbitrárias. Penso que os homossexuais poderão dar a volta ao problema e continuarem livremente a sua prática sexual, sem que isso seja considerado uma aberração. A Sida foi um achado para a administração Reagan, só que o tiro saiu-lhe pela culatra. Com os *junkies* e as prostitutas será mais complicado. Aí, há que arranjar outro inimigo político. Qual? Essa é a questão preocupante.

P - *E o racismo?*

R - Mais grave, e mais importante, do que o assassinato do militante do PSR, que teve uma determinada repercussão política, é o racismo. O que se passa no Porto, a criação inevitável de *gangs* em resposta às agressões dos *skinheads* e o ataque seleccionado a pessoas de cor diferente, é que me incomoda. Fui educado, apesar de ter vivido em África, sem qualquer permissão de comportamentos racistas. Não consigo suportar o racismo. E isso ultrapassa os *skinheads*, tem que ver com o comum dos cidadãos que têm esse tipo de ideologia. Quando tirei Sociologia fiz estudos sobre o fascismo e o nazismo: as minhas teses de licenciatura foram sobre os totalitarismos do século XX. Na ideologia nazi matar pessoas é secundário comparado com o fim a atingir, e é o fim que tens de pôr em causa.

P - *Falas muito em espiritualidade. Que importância tem ela para ti?*

R - Há um autor muito importante para mim: o Artaud. Ele utilizava a energética típica do surrealismo, ou seja, encontrar para além de toda a materialidade uma linguagem oculta do que não se consegue dizer, do que está para além da nossa capacidade de significar com os bens materiais que temos à disposição.

No fundo, eu gosto de coisas triviais. Aliás, o que mais me fascina nas pessoas são as pequenas fraquezas banais, as coisas simples, os ridículos que não se mostram em público. Quando as pessoas são capazes de ter esse comportamento comigo fascinam-me. O mais importante é viver de forma tão intensa que não seja possível explicar nada.

Maria José Belo Marques

olhar de mocho

Um clássico da TV

O «Acerto de Contas» de Pere: Metelo apresenta um caleidoscópio de virtudes jornalísticas e televisivas: prir eiro, não é um programa para especi listas em matéria económica onde só os iniciados se podem dar ao luxo de saborear o pitéu; em segundo lugar, ão é pregação de missas dominicais a t ntar impingir receitas de investimentos ue nos levem ao Paraíso terrestre; depo s, também é navegação cuidada entre s vários rochedos das teorias políticas - ão encalha em nenhum deles; finalme te, fornece meia hora de informação tot lmente isenta de indoutrinação. Em suma, é um programa «clássico» que já se implantou no mercado dos trabalhos produzidos e realizados pela RTP.

Gostaríamos que António Metelo, um dia, em anexo ao programa, nos revelasse a escola que frequentou, não só para esclarecimento da opinião pública mas também para suscitar vocações e aderentes aos que se queiram candidatar a autores de programas clássicos. Acrescente-se também, por contraste, que o «Acerto de Contas» nada tem a ver, em matéria de informação tratada, com as «salsichas» de números e de índices que rematam o Telejornal e o Jornal das 9.

No último fim-de-semana, tivemos informações sobre Moçambique com a nudez dos factos - a guerra civil, o terrorismo - que não pretende ser portabandeira de nenhuma ideologia.

Depois, também ficámos a saber coisas mais concretas sobre a delicada questão da moeda europeia, problema este que diz respeito ao magno nó górdio da soberania nacional. Repete-se: não se defenderam teorias políticas, mas apresentou-se um facto que no decurso desta década, para sim ou para sopas, terá de ser resolvido.

Não se entende bem porque é que a recente estruturação de programas quase colocou o «Acerto de Contas» em posição de «fora de jogo». Na sexta-feira às 23 horas, quando as pessoas que ficam em casa, procuram mergulhar nas delícias relaxadoras do fim-de-semana e aliviar os humores biliosos acumulados durante cinco dias de trabalho, não é a melhor ocasião para um programa informativo e pedagógico. E aqui abrem-se portas à especulação: estarão eles lá na 5 de Outubro a pretender marginalizar alguém? Pretenderão dar primazia à novela brasileira em detrimento da criação e informação feita por nacionais? Será um cartão amarelo para autores intelectualmente independentes:

São só pergu as e não se pretende com elas insinuar da. Mas custa a aceitar o deslocamento do rograma económico de um horário que já foi digno para outro, muito mais afas ado da *pole position*. Sublinhe-se que este «clássico da TV» está a ser muito mal tratado, ao ser colocado quase na abertura do «Rotações» - esse sim, um monstrozinho de alienação sem fronteiras definidas entre desporto e publicidade de grandes agentes económicos poluidores.

José S. Monteiro

Após o grande sucesso obtido no Festival de Avignon/88, Luís Miguel Cintra e Maria de Medeiros acabam de estrear em Paris, no «Théâtre de La Bastille», o espectáculo «La Mort du Prince et Autres Fragments», de Fernando Pessoa, com encenação do actor

Fernando Pessoa em Paris

São aventuras raras para os actores portugueses, apresentações como esta. Mas será fácil dizer que são dois bichos muito raros que estão em causa. Maria de Medeiros, que se tornou actriz sobretudo em França, e que está portanto no seu meio ambiente natural; Luís Miguel Cintra, que além do excepcional talento tem já surpreendido, sobretudo como actor de cinema, pelo seu domínio de línguas estrangeiras, sobretudo o francês, justamente. Dois grandes actores, de idades tão diferentes e timbres de voz tão opostos que se encontram, num monólogo a duas vozes do qual o mínimo que se poderá dizer é que é um momento de teatro e de vida devastador e de uma profundidade para: pela qualidade do trabalho, pelo fabuloso texto, pela excelente tradução para francês, da autoria de Patrick Quillier.

Eric Didym

Maria de Medeiros e Luís Miguel Cintra

1. Entrevistei Maria de Medeiros, rapidamente, na véspera da estreia. Perguntei-lhe, por exemplo, como é que conseguia ter aquele ar tão descontraído, o que muito a surpreendeu, confessando-me que estava nervosíssima. Que com o passar dos anos, cada nova estreia se sente mais nervosa do que na estreia anterior. Diz-me que isso é natural, porque se vai tendo uma consciência crescente da enorme responsabilidade em jogo.

Maria, com o seu ar facilmente adolescente, já não é no entanto a menina que aos 16 anos nos surpreendera a todos com a sua presença em «Silvestre» de João César Monteiro. Amadureceu, tanto na aparência, como no estar, e o facto de neste espectáculo lhe ser dado um aspecto de estrela de cinema dos Anos 30 vem apenas realçar o seu charme delicado que faz dela a presença peculiar que poucos portugueses viram, ao vivo.

Foi nesse ambiente de grande nervosismo que me falou um pouco da sua recente experiência interpretando o papel de Anais Nin no mais recente filme do realizador Philip Kaufman, (que anteriormente fizera «A Insustentável Leveza do Ser); diz-me que Kaufman é um excelente director de actores, com quem gostou imenso de trabalhar. O ambiente da rodagem, embora se tratasse de um filme americano, acabou por ter características sobretudo europeias. Antes, entrara na peça «Sophonisbe» de Corneille, encenada por Brigitte Jacques, a encenadora de «Elvire Souvet 40» com a qual Maria obteve enorme sucesso, e que fez digressões quase pelo Mundo inteiro, a mais recente das quais em África. Ao que parece, o público africano foi extremamente caloroso, e o sucesso continua.

Quanto a este trabalho, «A Morte do Príncipe», Maria diz-me que gostou imenso de trabalhar com Luís Miguel Cintra; que tudo nasceu gradual e naturalmente, tratando-se de uma montagem de textos de Pessoa, alguns dos quais já previstos para teatro mas de qualquer modo de características muito poéticas e extremamente subjectivas.

Foi preciso encontrar, pouco a pouco, que personagens iriam surgir, e para isso uma das coisas que ela e o Luís Miguel fizeram foi faltar ao respeito ao texto, ir até às últimas consequências, até que o próprio texto, de uma maneira muito pouco racional, lhes indicasse o caminho.

Pergunto-lhe se este texto, não como actriz mas a nível pessoal a toca muito e diz-me que não, que a zona que talvez a toque mais directamente seja aquela em que por momentos faz de Salomé, talvez por ser a mais directamente teatral.

E o público francês? É frio, entusiasta, melhor ou pior que o nosso? A isso responde-me que acha que de qualquer modo há mais portugueses interessantes por metro quadrado do que franceses. É que por isso mesmo, gosta muito de ser portuguesa.

Há mais de um ano que não tocava neste papel, mas voltou, a pouco e pouco, a encontrá-lo nos ensaios, embora talvez diferente, pois é obrigatório que algo em si tenha mudado neste ano. Aliás, diz-me que toda a equipa achou que tanto ela como o Luís Miguel estavam muito mais soltos do que quando da estreia em Avignon.

2. Quanto a Luís Miguel Cintra, confessou-me mais tarde que o nervosismo foi tremendo.

Talvez, penso eu, o facto de representar em francês seja para ele uma responsabilidade maior do que para Maria, uma dificuldade maior. E Paris será sempre Paris. O que não sentirá um actor habituado sobretudo aos palcos de Lisboa ao estrear uma encenação sua que vai estar dez dias em Paris...

3. Depois vem a estreia. A sala do «Théâtre de La Bastille» completamente cheia.

No palco, um homem e uma mulher falam. Mas nem sempre é diálogo, o que dizem. Por vezes, as suas vozes sobrepõem-se, como tantas vezes na vida, sem se ouvirem mutuamente. Outras vezes, o que um diz continua a viver na fala do outro, pois não se trata, no fundo, de um homem e de uma mulher mas sim de uma voz, uma voz que procura o sentido das coisas. E procura sem parar, mas nunca encontra totalmente, que a vida é sobretudo o grande poder de procurar. E o público, atento, silencioso, imóvel, acompanha ora com interesse, ora com estranheza este diálogo possível e impossível de dois seres, ou duas partes de um ser que se encontram e desencontram sem cessar.

É um espectáculo comovente. O jogo labiríntico de gestos e de ocultações transforma-o numa espécie de bailado de voz e corpo, como se a vida, e o mundo que a contém, fossem um turbilhão de pormenores infildável, uma sensação de amor e de morte que, ao se perseguirem mutuamente, não chegam nunca a verdadeiramente existir.

É espantoso e embriagador ver essa malha de gestos que Maria de Madeiros e Luís Miguel Cintra tecem, encontrando-se, tocando-se, manipulando-se um ao outro e fugindo, por vezes para se esconder ora no enorme canapé de costas para o público, ora atrás do trono tão teatral mas ao qual se deixou uma orelha quebrada, sinal perturbador de que algo, ali, ou é verdade por ser falso, ou exactamente o contrário.

Para tudo isto contribui grandemente a cenografia de Cristina Reis, sem dúvida uma das suas mais perturbadoras, talvez pela maneira como, através de elementos tão concretos, ela serve um espectáculo tão ambíguo e subjectivo:Duas cortinas de veludo grená emolduram o espaço cénico, uma de lá para cá, outra invertida, mostrando o seu avesso ao espectador.

Um trono e um canapé, por sua vez, repetem esse jogo, como se não houvesse público, e o único espaço em jogo fosse o espaço interior. Por fim, dois enormes jarrões e uma pele com cabeça de tigre ornamentam este vazio, este vazio de que o texto tanto fala, referindo-se ao interior do interior e a um ser que nega, e verifica ao mesmo tempo pela negação, a existência de um Deus que existe por não existir. Cenografia portanto de uma pujança e de um rigor implacáveis. Cristina Reis, cuja discreta presença, como sempre, terá sido essencial para esta construção.

Referira-se ainda a música de Paulo Brandão, criando ambientes, através de sons e de sopros, que muito contribuem para a correcta leitura do espectáculo.

4. Quando, já no camarim, ao ser muito felicitado pelo director do Festival de Outono, que, extremamente comovido, não parava de tecer elogios tanto ao texto como aos dois actores, Luís Miguel Cintra explicou que não tinham nunca feito este em português, o espanto foi grande. Ao que Luís Miguel acrescentou: «Seria preciso fazer um outro trabalho. Além disso, temos imenso medo...»

Manuel Cintra

DESPORTO

Nacional de futebol da I Divisão

FC Porto já tem meio campeonato no papo

Sinto-me um português envergonhado: como é que, para os cidadãos do amanhã que mergulhem sobre o futebol deste fim de século, podemos deixar qualificação de um campeonato com 18 emblemas que, ao ficarem arquivados oito espectáculos (doze horas, uma bela dúzia de voltas em torno do ponteiro grande) apenas se marcaram onze tentos, autêntica vergonha para quem se intitula «ponta de lança» e, exigindo as astronómicas quantias que fazem colocar em polvorosa (no cume da indignação) o mortal comum, paulatinamente passeia no palco verde entre dois vectores: ou já está altamente cotado internacionalmente e pensa (em exclusivo) no amanhã mundialista que vai viver-se em Itália, ou repousa soberanamente, porque o contrato apenas terá de ser activado muito perto do cair do pano da temporada e, enquanto o tempo corre, a fortuna vai escorrendo das depauperadas tesourarias clubistas que (honesta e credivelmente) se batem contra os exageros legais que o fisco (e adjacentes) fazem tombar sobre os seus ombros, mas nada se importam de continuar importando pé-de-obra de ínfima qualidade, apenas procurando (sob várias bandeiras) encobrir nebulosas negociatas que todos firmam mas ninguém garante no próximo futuro.

Vergonhosamente, assiste-se a uma abstinência atacante que nasce no início da semana, com cada treinador que sente o pescoço sujeito a degola logo preparando artimanha para continuar no pósto, mesmo que seja à custa de uma torrente de pontapés para os céus ou para a mais distante bancada. Castigo: os mais últimos continuam na cave, em função dessa quietitude os dianteiros conseguem mais bela vantagem.

Morava na prateleira o Estrela da Amadora-Marítimo (3-0) quando se continuou desembrulhando o insólito em qualquer pontinha do mundo do pontapé na bola ter somente nove «shows» em cartaz e alongar-se, dilatar-se, dançar sobre seis diferentes etapas.

Exacto: dois diálogos no sábado, boa dose espalhada em horas diferentes de domingo solarento, ainda marcado para a tarde de amanhã (15 horas) o Boavista-Feirense, que a RTP levará por essas terras fora.

Começava a tarde, lá pelos Barreiros, e continuava o trivial: Nacional, 1-Penafiel, 1.

Águas: tiro e queda aveirense

A mais estranha e total inépcia funchalense, descalabro inegável nos propósitos madeirenses de continuarem no opíparo banquete. Quem (em casa própria) desperdiça ganhos do festim que oferece autoautoriza-se a sair do leilão.

Na noite do Bonfim, aconteceu futebol morno e calculista: nem o Vitória se atirou desvairadamente para a baliza contrária (embora colocando no prato dois credenciados atiradores ao golo) nem, na franja adversa, os «leões» ousaram chamar inicialmente a terreiro um dos seus caros e bem rotulados conquistadores da baliza contrária, com o espectador menos enfronhado nas cogitações de Raul Águas a não entender bem da razão porque o *bibota de ouro* Fernando Gomes e o *prateado* Paulinho Cascavel moravam na linha lateral, sonolentamente entediados pelo lento andar da carruagem. Tardio foi o apelo a Cascavel? Incógnita para a eternidade. Certeza apenas uma: Silas (na ausência de um Carlos Manuel também em abstinência) assume-se como novo patrão do futebol sportingue. E, no parque vitoriano, o sinal final: a equitativa divisão pontual foi lógica e bem compreendida.

Ontem, com diferença de poucos minutos, avançaram quatro «shows» de diferente paladar e calibragem. Em Guimarães, bateram-se os portimonenses com genica e garra mas, no período complementar, a entrada no palco de Caio Júnior desequilibrou imediatamente o orçamento de Quinito: e foi um ar que deu aos profissionais recrutados pelo presidente Manuel João nas mais diversas confrarias.

Na bonita Aveiro, magro tento (por Rui Águas) chegou e sobrou para manter em respeito beiramarenses que se lamentam asperamente da arbitragem de Pinto Correia, com um dirigente da turma de Abdel Ghany a rotular com cobras e lagartos o nome do juiz que vai receber as insígnias fifeiras, num acelerar de carreira que fica assim a modos que um pouco rápido demais...

Adiante. Surpresa (ou talvez não) aconteceu em Santo Tirso: porém, sabendo-se que até este degrau a paridade residia nos dois símbolos, previamente se aceitava que quem conseguisse tocar nas malhas contrárias e logo resguardasse essa vantagem sairia airosamente do rectângulo.

No Restelo, um vivo e activo Belenenses deu réplica corajosa ao Benfica em hora e meia de largas palpitações cardíacas apenas travadas quando (entre os apaixonados *azuis*) a ovação saltava para uma defensiva que conseguia conter em respeito Magnusson e seus pares. Curioso despique a terminar branco no marcador, mas positivo para os dois estandartes: não será facilmente que qualquer embaixada sai da beira Tejo sem mácula, tal como é de prever surgirem mais competidores dando água pela barba aos restelianos, dentro do seu próprio castelo.

O cartaz deu mais um pulinho na Madeira e, como espelho de mútuas cautelas, a paritária divisão pontual acabou por contentar os dois esgrimistas: bracarenses sobem na escadinha, unionistas persistem em viajar nos fundos de comboio.

E, enquanto boavisteiros e feirenses aguçam o apetite para amanhã, «dragões» firmam-se como campeões de Inverno. No Norte, prossegue a esgrima directa pelo título, com vimaranenses mantendo legítimas credenciais para exibir na hora da verdade. Benfica estuda a situação, com o olhar virado para a dura campanha uefeira que vai tocar pela asa, lá para Março. «Leões» e setubalenses marcam passo. Depois, é um cortejo de esperanças, aqui e além mescladas com angústias. Afinal, o panorama cíclico de qualquer campeonato quando vira de página para a recta final.

Neves de Sousa

Resultados

Resultados dos jogos da 17.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão:
Beira Mar-FC Porto, 0-1 (0-1 ao intervalo)
Belenenses-Benfica, 0-0
Guimarães-Portimonense, 2-0 (0-0)
União da Madeira-Braga, 0-0
Tirsense-Chaves, 0-1 (0-0)
Nacional-Penafiel, 1-1 (0-1)
Setúbal-Sporting, 1-1 (0-1)
Estrela da Amadora-Marítimo, 3-0 (1-0), realizado na 4.ª feira
Boavista-Feirense, (amanhã, às 15 horas)

A 2.ª volta inicia-se no próximo fim-de-semana, com os jogos seguintes: Boavista - Tirsense, União da Madeira - Feirense, Estrela da Amadora - Braga, Belenenses - Marítimo, Setúbal - Benfica, Guimarães - Sporting, Beira Mar - Portimonense, Nacional - FC Porto e Penafiel - Chaves.

Rui Águas sobe

Na lista dos melhores marcadores, não houve alterações significativas e o sueco Mats Magnusson (Benfica), continua a liderar (somando 21 golos), seguido de Mladenov (Setúbal), Guetov, (Portimonense), e Ricky (Est. da Amadora), todos com nove golos e de Tanev (Chaves), Chiquinho (Guimarães) e Rui Águas (FC Porto), com oito. Depois: Vata (Benfica), Jorge Andrade (Boavista) e Demol (FC Porto), com 7 golos.

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

	J	V	E	D	G	P
1.º F.C. PORTO.....	17	13	3	1	34- 5	29
2.º Guimarães.....	17	12	4	1	27-10	28
3.º Benfica.....	17	11	5	1	46- 7	27
4.º Sporting.....	17	10	5	2	19- 8	25
5.º V. Setúbal.....	17	8	4	5	22-15	20
6.º Belenenses.....	16	7	3	6	16-17	17
7.º Braga.....	17	5	7	5	15-18	17
8.º Chaves.....	17	5	7	5	20-24	17
9.º Amadora.....	17	6	4	7	22-16	16
10.º Boavista.....	16	5	5	6	24-18	15
11.º Tirsense.....	17	3	9	5	8-15	15
12.º Beira Mar.....	17	4	5	8	8-20	13
13.º Marítimo.....	17	2	8	7	13-24	12
14.º Penafiel.....	17	4	4	9	13-27	12
15.º União.....	17	3	5	9	12-24	11
16.º Feirense.....	16	3	4	9	9-23	10
17.º Nacional.....	16	0	9	7	10-27	9
18.º Portimon.....	17	3	3	11	13-33	9

TOTOBOLA

A «Chave»

B. Mar-FC Porto 2
Belenenses-Boavista X
Nacional-Penafiel X

V. Setúbal-Sporting X
V. Guimarães-Portimonense .. 1
União-Braga X

Tirsense-Chaves 2
Freamunde-P. Ferreira 1
Joane-Varzim 1

Rio Ave-Famalicão X
Águeda-Espinho 1
Sintrense-Farense 2
Portalegrense-Lusit. VRSA .. X

NOSSA APOSTA
CONCURSO N.º 04/90
28-01-90

Nacional-Porto 2
Guimarães-Sporting X
Setúbal-Benfica X

Boavista-Tirsense 1
U. Madeira-Feirense 1
E. Amadora-Braga 1

Belenenses-Marítimo 1
Beira-Mar-Portimonense 1
Penafiel-Chaves 1

Leixões-Gil Vicente 1
U. Leiria-Académica 2
Mangualde-Salgueiros X
Lusitano-Louletano X

TOTOLOTO

4, 10, 13, 32, 41 e 44 + 16

UEFA interdita as Antas

A direcção do FC Porto vai estudar em pormenor o processo que originou o castigo aplicado pela UEFA, punindo os «dragões» com a interdição do Estádio das Antas, por um jogo.

Reinaldo Teles, chefe do departamento de futebol do FC Porto, admitiu que «*a direcção do clube deve reunir na próxima semana para analisar todo o processo*» que considerou ser «muito estranho» face ao elementos recolhidos pelo executivo portista.

«*Perante as provas que temos em nosso poder as causas deste castigo podem constituir uma autêntica vergonha para os verdadeiros portistas*», disse Reinaldo Teles ao comentar o castigo aplicado pela UEFA.

A punição da UEFA determinou que os portistas terão de efectuar o seu próximo jogo das competições europeias pelo menos a 250 quilómetros do Estádio das Antas. Reinaldo Teles acrescentou ainda que o FC Porto poderá efectuar o próximo jogo das competições europeias em Setúbal face» ao bom relacionamento entre a direcção do FC Porto e do Vitória de Setúbal».

O chefe do departamento de futebol do FC Porto afirmou que «*existem indícios de que um ex-vice-presidente do clube possa ter sido o causador voluntário da interdição do estádio ao ter afirmado antes do jogo que o árbitro poderia ser agredido, o que, na verdade, veio a acontecer*». Para Reinaldo Teles, «*tal procedimento do ex-dirigente portista poderá estar relacionado com o facto de a direcção lhe ter recusado os convites que ele pedira para o encontro FC Porto-Hamburgo*».

A UEFA castigou o clube portista com a interdição de um jogo alegando os incidentes ocorridos no encontro FC Porto-Hamburgo dirigido pelo suíço Rotz Liberger.

Multa recorde foi para Espanha

A UEFA sancionou a Federação Espanhola de Futebol com uma multa recorde de 1,5 milhões de francos suíços (cerca de 160 mil contos), a pagar em 30 dias, por «grave violação» da regulamentação sobre direitos de transmissão televisiva.

A UEFA multou a Federação Espanhola por ter ignorado repetidos protestos das suas congéneres francesa e holandesa e da própria União Europeia de Futebol contra a transmissão de jogos do campeonato nacional em estações privadas de televisão de França e Holanda.

«*Esta multa recorde demonstra que, no respeito pelos interesses vitais do futebol, a UEFA declarou guerra contra a transmissão não autorizada de jogos dos diferentes campeonatos nacionais europeus em estação de televisão*», afirmou o comunicado da UEFA.

Atlético de Madrid e Valência empataram a um golo

Futebol lá fora

Real cede em Gijon

No campeonato espanhol, o Real Madrid deslocou-se a Gijon, tendo regressado com apenas um ponto e com a curiosdade de o tento do empate ter sido obtido (através de Hugo Sanchez) quando restavam quatro minutos para o termo da partida. Quanto ao Atlético (de Paulo Futre) fez igual resultado (1-1) frente ao Valência em confronto realizado no palco madrileno. Vejamos os resultados: Castellon - Oviedo, 1-1; Maiorca - Osasuna, 2-2; Barcelona - Valladolid, 1-0; Rayo Vallecano - Saragoça, 2-2; Real Sociedad - Atlético de Bilbau, 0-0; Tenerife - Sevilha, 1-2; Celta - Málaga, 1-1; Logroñes - Cádiz, 1-1; Atlético de Madrid - Valência, 1-1; Gijon - Real Madrid, 1-1.

Após a 20.ª ronda, o Real Madrid soma 32 pontos, seguindo-se o Barcelona (27), Atlético de Madrid (25), Valência, Osasuna e Real Sociedad (25).

• O Atlético Madrileno (clube onde actua o ex-boavisteiro João Pinto) perdeu em Huelva por 1-2.

Rui Barros ganhou

Juventus (de Rui Barros) venceu o Ascoli por 2-1. O Nápoles (de Maradona) triunfou, em casa, frente ao Verona por 2-0. Resultados: Ascoli, 1-Juventus, 2; Atalanta, 3-Roma, 0; Bari, 0-Bolonha, 0; Cesena, 4-Lecce, 0; Génova, 4-Cremonese, 0; Inter, 2-Sampdoria, 0; Lazio, 1-Fiorentina, 1; Nápoles, 0 e Unidese, 0-Milão, 2.

O Nápoles lidera com 32 pontos, sendo seguido pelo Inter (30), AC Milão (29 e menos um jogo), Sampdoria (28), Juventus (26) e Roma e Atalanta (25).

PSV comanda

O PSV Eidhoven continua no comando da classificação após ter empatado (fora) com o Den Bosch, na 19.ª jornada do campeonato, somando 26 pontos, enquanto o Roda JC se encontra na 2.ª posição com 25 e o Ajax e o Vitesse no 3.º posto com 24 pontos.

Resultados: Haarlem - Volendam, 2-1; Willem - MVV Mastricht, 1-1; Nec - Sparta, 1-2; Fortuna Sittard - Vitesse, 0-0; Roda JC - Twente Ensched, 2-0; Den Bosch - PSV Eindhoven, 1-1; FC Groningen - RKC Waalwijk, 1-2; Feyenoord - FC Utrecht, 0-0.

Goleadas na Bélgica

O Anderlecht goleou o Waregen por 5-0 e mantém a liderança em igualdade pontual (28) com o FC Bruges, sendo o Malines o 3.º com 36 pontos.

Resultados da 18.ª jornada: Ghent - Malines, 0-0; Antuérpia - Lokeren, 5-0; Waregem - Anderlecht, 0-5; FC Liège - SK Bruges, 0-0; Beveren - St. Truiden, 0-0; Lierse - Beerschot, 3-2; FC Bruges - Standard, 2-1; Ekeren - Kortrijk, 2-0; RC Malines - Charleroi, 1-1.

Liverpool à frente

O Aston Villa, ao bater, em casa, o Southampton por 2-1, igualou o Liverpool no comando da pauta, com 46 pontos, após a 23.ª ronda. O Arsenal ocupa o 3.º lugar com 42 pontos.

Resultados: Arsenal - Tottenham, 1-0; Aston Villa - Southampton, 2-1; Chelsea - Charlton, 3-1; Crystal Palace - Liverpool, 0-2; Derby - Nottingham Forest, 0-2; Everton - Sheffield Wednesday, 2-0; Luton - Queens Park Rangers, 1-1; Manchester City - Coventry, 1-0; Millwall - Wimbledon, 0-0.

Pimenta Machado pretende suspender o portista André

O presidente do Guimarães, Pimenta Machado, afirmou estar disposto a recorrer ao artigo 45.º do Regulamento de Disciplina da FPF, com vista a determinar se houve ou não intencionalidade de André, do FC Porto, no lance que provocou lesão grave ao Vimaranense René.

Em declarações ao programa 24.ª Hora da Rádio Comercial, Pimenta Machado, defendeu que «*quem viu as imagens do lance no último jogo FC Porto-Guimarães verifica que houve intencionalidade (de André) em magoar um colega de profissão*». «*É por isso que o Vitória de Guimarães é capaz de levantar o problema do artigo 45.º do Regulamento de Disciplina, segundo o qual se se provar que houve intencionalidade de um jogador em magoar o adversário, este será obrigado a ficar inactivo o mesmo tempo que o outro (lesionado), ficar*».

Nomes e números da jornada

Nacional, 1-Penafiel, 1

Jogo no Estádio dos Barreiros, dirigido (e bem) por Donato Ramos (Porto).

NACIONAL: Gilmar; Heitor, Rui Duarte, Leiz e Toninho; Dinis, Vieira (Edu, aos 61 m) e Ladeira; Sylvanus, Dino e Edmilsson (Murphy, aos 46 m).

PENAFIEL: Cerqueira; Carlos Alberto, Vasco, Martins e Artur; China, Rui Manuel, Rebelo (Vinha, aos 89 m) e Secretário; Amâncio e Coelho.

Marcadores: China (17 m) e Heitor (80 m de grande penalidade).

Acção disciplinar: amarelo mostrado a Rebelo.

Beira-Mar, 0-Porto, 1

Jogo no Estádio Mário Duarte em Aveiro.

Árbitro: Pinto Correia (Lisboa).

BEIRA-MAR: Quim; Redondo, Ivan (Sunesson, 70 m), Carvalhal (Abdel Ghany, na 2.ª parte) e Dinis; Augusto, Bozinovski, Sousa e João Gouveia; Alain e Freitas.

FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Geraldão, Demol e Paulo Pereira; Jaime Magalhães (Nascimento, 64 m), Semedo, Bandeirinha e Branco; Rui Águas, Jorge Couto (Kiki, 89 m).

Marcador: Rui Águas (15 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Carvalhal (2 m), Redondo (31 m), Silva Vieira (32 m), João Gouveia (47 m) e Sousa (77 m).

Guimarães, 2-Portimonense, 0

Estádio Municipal de Guimarães, em Guimarães.

Árbitro: João Simãozinho (Leiria).

GUIMARÃES: Neno, Nando, Germano, William, Bene (Caio Júnior, 46 m), Cerqueira, Carvalho (João Baptista, 46 m), N'Dinga, Soeiro, Silvinho e Chiquinho.

PORTIMONENSE: Figueiredo, Matos, Justiniano, Floris, Aurélio, Bezinski, Major, Adalberto (Demirev, 85 m), Luciano, Skoda e José Pedro.

Golos: Caio Júnior (52 e 77 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Aurélio (59 m).

União, 0-Braga, 0

Jogo no Estádio dos Barreiros, no Funchal.

Árbitro: Fernando Correia, de Lisboa.

UNIÃO: Valente; Duarte, Perduv, Mota e Casimiro; Júlio César, Jairo, Markovic e Nimbo (Rogério, 76 m); Renato e Carlos Ferreira (Ricardo Jorge, 2.º parte).

SP. BRAGA: Luís Manuel; Chico Silva, Laureta, Vítor Duarte e Quim I; Santos (Radi, 63 m), Quim II, Rui Manuel e Fernando Pires; Maside e Vermelhinho (Tiano, 53 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Valente (14 m), Quim I (78 m), Chico Silva (82 m) e Maside (87 m).

Tirsense, 0-Chaves, 1

Jogo no Estádio Abel Alves de Figueiredo.

Árbitro: Vítor Pereira (Lisboa).

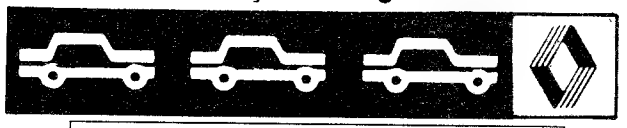
TIRSENSE: Lúcio; Bio (Tueba, 64 m, Sérgio, Louro e Jorge; José Maria, Eusébio, Quim e Kipulu; César e Vieira (Vitinha, 74 m).

CHAVES: Jesus; Vicente, Figueira, Jorginho e Rogério; Manuel Correia, David, Diamantino (Miranda, 75 m) e Vukovic; Slavkov (Rudez, 89 m) e Tanev.

Marcador: Tanev (67 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Jorginho (29 m) e Diamantino (44 m).

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem



VIATURAS USADAS
OFERTA ÚNICA!
DE 15 DE JANEIRO A 16 DE FEVEREIRO
0% DE JUROS
VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO JUNTO AO COLISEU
INCLUINDO FINS SEMANA
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
RENAULT

Belenenses, 0-Benfica, 0

Um xerife bem armado

O xerife (Moisés Andrade gosta que o tratem assim) sacou de um novo «colt» e travou a marcha da diligência benfiquista, porque tanto o estreante Oliveira como o matreiro e sagaz Macaé contribuíram lautamente para o treinador **azul** ficar envaidecido e, de peito feito para novos assaltos ao tesouro que vier pela estrada.

De facto, ainda que se torne obrigatório colocar Mihaylov em pedestal (aquela defesa a **tiraço** de Thern valeu o ordenado) terá de se tirar o chapéu ao belo labor de Oliveira no comando da defensiva resteliana e ao modo como, durante uma prolongada horinha, Macaé **secou** Valdo, o maestro da filarmónica rubra. Ora, como igualmente Magnusson não teve a sorte na bota ou na testa, pelo zero se ficou o Benfica que, notando as oscilações da balança, rendeu o ontem desajustado César Brito pelo regressado Hernâni,com o tom gritante de ficar contente com o pontinho no bornal.

Bolas esbarraram na madeira (espampanante «livre» por Juanico, soberba cabeça de Aldair), aconteceram defesas de alto calibre (novamente em disparo de Juanico, uma vez por Valdo), fixaram-se na retina aquela generosa entrega de rosto com que Oliveira evitou um golo sueco mais a falha de José Mário que obrigou Edmundo a ter quatro metros de comprimento, mas tudo acabaria por saldar-se na soneca do homem do marcador, que podia estar sossegado da vidinha e a escutar pelo **garrafão da música** o que ia sucedendo por aí fora.

Para o afundamento breve do espectáculo contribuiu em dose pesada a pouca vergonha com que se apresentou aquele-ex-tapete relvado, que continua a garantir que serve para qualquer equipa de mediana técnica mostrar o equilíbrio no arame. **Peladas** por tudo o que é lado davam, cá de cima, sensação de estarmos vendo um tabuleiro de xadrez, a verde e branco. Por isso se terá de moderar qualquer crítica aos **craques** que, amiúde e porque a **picada** entre as duas balizas não serve para mais, davam a sugestão de terem enfiado ovos nas meias, estarem obrigados a primeiro pensarem bem no físico e só depois se atirarem à procura da bola, por entre o próximo futuro matagal. Pena (realmente) que uma fatiazinha do lucro do bingo não esteja dando para um clube, com o prestígio belenense, ter relvado à altura das demais instalações que são património acabado de conquistar.

Com o palco cheio de arame farpado, ainda houve gente que, para além de bons espadachins **azuis** (Oliveira, Macaé, Mihaylov, Juanico, Gonçalves como outra agradável sensação e o saudável Chiquinho, fazendo gambetas ao pouco flexível José Carlos) também tivesse ombreado as aptidões de Veloso, Vítor Paneira, Silvino, Pacheco, Aldair e Thern, do mesmo modo que, mal se sentiu aliviado do colete de forças, Valdo deu ar de graça e pequeno lamiré para uma sinfonia incompleta.

Pena que, uma vez mais, a ultra-sensível clientela belenense tenha feito aquela aborrecida espera a Veiga Trigo (que não levou penas para o cartório) e que um menino do naipe dos **gandulinhas** em lugar de ter trazido a bola da bancada de cabeceira, tivesse apanhado com uma garrafa na cabeça e ficasse a escorrer sangue, chorando como mandam as regras a quem não pode responder com a sua razão à desvairada força alheia.

Neves de Sousa

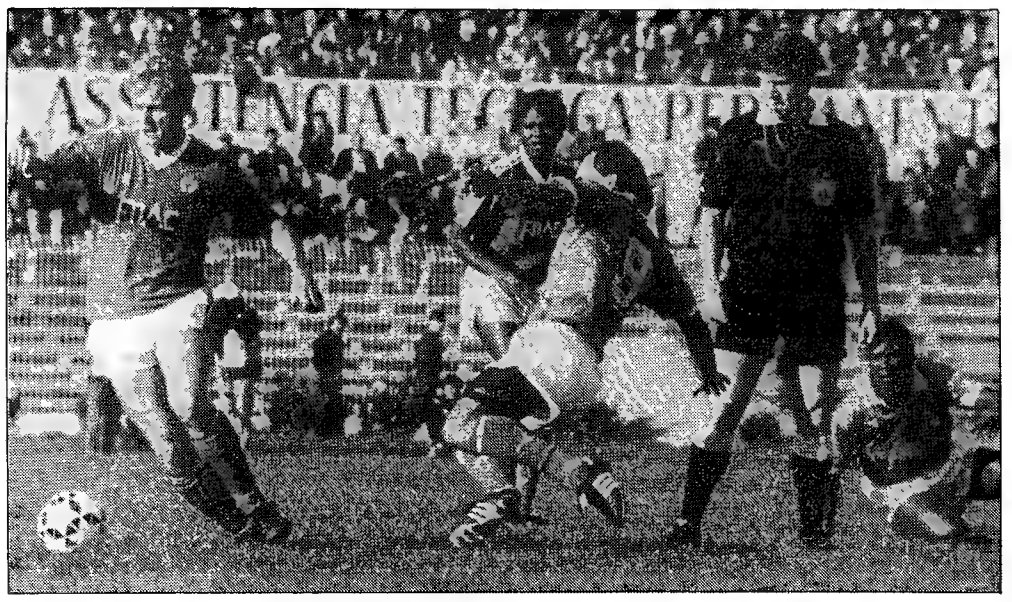
Quatro amarelos no Restelo

Sem influência no nulo, arbitrou Veiga Trigo (Beja) acompanhado por Manuel Burrica e João Crujo. As turmas:

BELENENSES: Mihaylov; Galo, Oliveira, Edmundo e José Mário; Jaime, Juanico, Macaé e Gonçalves (Adão aos 76 minutos); Sadkov (Jorge Silva, 85) e Chiquinho.

BENFICA: Silvino; José Carlos, Samuel, Aldair e Veloso; Vítor Paneira, Thern, Valdo e Pacheco: Mats Magnusson e César Brito (Hernâni, 83).

Cartão amarelo para Edmundo, Macaé, Gonçalves e Mats Magnusson.



Thern põe a casa em ordem

Oliveira, Edmundo e Mihaylov cercam o goleador do campeonato (Magnusson).

Os golos: Silas aproveita falhanço de Dito e Makukula enrolando Oceano

Setúbal, 1-Sporting, 1

Nulo agradou aos dois

Rasgando a questão: o nulo agradou (de que maneira!) aos dois estandartes. E, embora qualquer das bandeiras tenha falhado um degrau na escada para o ouro, Raul Águas continua sem conhecer o fel do desaire e Manuel Fernandes permanece de olhar virado para retorno uefeiro.

Curiosamente, o normal planificador Silas apareceu no eixo atacante de Alvalade: fez o que se lhe exigia (um golo aproveitando soberana dádiva de Dito, após centro sem fronteiras do vertiginoso Cadete) e daí para diante, com o Sporting defendendo a magra vantagem e os vitorianos fazendo entrar na tribuna de honra o relampejante Makukula (zairense de finta serpenteante) e á sua custa logrando restabelecer o paralelo no anfiteatro.

Dois momentos excitaram a plateia, com o conclave instantaneamente dividido: quando Venâncio afastou uma bola dos pés de Quinito e o médio setubalenense caiu na área e, mais logo, na entrada de Leal sobre Serra, mesmo ao cair do pano, com o bracarense igualmente mergulhando para as maiores dores de cabeça dos lisboetas. Ora bem: dissipem-se as nuvens e aplauda-se o juízo arbitral. Soares Dias não marcou nenhuma das grandes penalidades solicitadas pelos apaixonados vitorianos: Venâncio limitou-se a um desarme e, se teve dúvidas palpitantes no lance ao tombar da folha, se ainda agora a própria TV nada esclareceu definitivamene, era obrigarório igualmente nada cobrar, porque é isso mesmo que a lei ordena: ante a incógnita, vence o benefício da dúvida. Onde o árbitro foi na conversa, a culpa pertenceu aos bandeirinhas.

Raul Águas coloca já uma questão a quem entender a ideia: Gomes (33 anos) e Carlos Manuel (32) viram o jogo fora da esquadria e, quanto a Paulinho Cascavel (30 primaveras), apenas foi solicitado em desespero de causa, a 20 minutos do banho. Parecendo encontrada a formação defensiva, entende-se que a chamada (profíqua) a Cadete resultou em pleno, mas não poderá esquecer-se o (também) bom comportamento de Ivkovic, Luisinho, Venâncio, Douglas e Silas, que acompanharam a actuação de Jorge Ferreira, Jorge Martins, Crisanto, Jaime Pacheco e Mladenov, mas ficaram todos na obscuridade quando Makukula entrou no circo e, de cada manga, tirou centelha, fulgor, talento, arte e, com asas nos pés e pernas bambas, espatifou a mobília *verde*, obrigando o *leãozinho* a voltar para Lisboa pensando em como é difícil a vida de um cozinheiro a quem se exige cabrito no prato dando-lhe apenas pardais e galos.

N. de S.

Silas a ponta de lança

Arbitragem (com algumas falhas) do portuense Soares Dias que esteve acompanhado por Carlos Vigário e Eduardo Gonçalves. As turmas:

VITÓRIA DE SETÚBAL: Jorge Martins; Crisanto, Jorge Ferreira, Dito, Quim (Makukula na 2.ª parte), e Flávio; Hélio (Serra aos 56 minutos), Jaime Pacheco e Quinito; Aparício e Mladenov.

SPORTING: Ivkovic; João Luís, Luisinho, Venâncio e Leal; Oceano; Douglas e Carlos Xavier; Marlon Brandão (Paulinho Cascavel, 70), Silas e Cadete (Marinho, 79).

Golos: Silas (44) e Makukula (62). Cartão amarelo para Oceano.

Campeonatos nacionais de futebol

II Divisão: Salgueiros solta-se do Espinho

Zona Norte

Desportivo das Aves - Marco, 2-0; Gil Vicente - Trofense, 3-1; Infesta - Leixões, 0-0; Joane - Varzim, 1-0; Freamunde - Paços de Ferreira, 3-0; Rio Ave - Famalicão, 1-1; Maia - Felgueiras, 2-0; Vianense - Fafe, 1-0; e Bragança - Vizela (adiado para 3 de Fevereiro).

	J	V	E	D	G	P
1.º FAMALICÃO	15	9	6	0	26- 9	24
2.º Freamunde .	15	8	5	2	25-13	21
3.º Gil Vicente ..	14	9	2	3	24-14	20
4.º P. Ferreira ..	15	8	2	5	26-16	18
5.º D. Aves	15	8	2	5	19-12	18
6.º Rio Ave	15	6	5	4	22-18	17
7.º Leixões	15	7	3	5	20-18	17
8.º Maia	14	5	7	2	17-11	17
9.º Varzim	15	6	3	6	20-14	15
10.º Fafe	15	4	5	6	13-12	13
11.º Trofense	15	4	5	6	16-20	13
12.º Infesta	15	4	5	6	17-19	13
13.º Vianense	15	5	3	7	16-22	13
14.º Bragança	14	5	2	7	17-23	12
15.º Felgueiras ...	15	5	2	8	11-21	12
16.º Joane	15	4	3	8	9-19	11
17.º Vizela	14	2	2	10	8-24	6
18.º Marco	15	1	4	10	9-29	6

Próxima jornada: Bragança - Marco; Trofense - Desportivo das Aves; Leixões - Gil Vicente; Varzim - Infesta; Paços de Ferreira - Joane; Famalicão - Freamunde; Felgueiras - Rio Ave; Fafe - Maia; e Vizela - Vianense.

Zona Centro

União de Lamas - Oliveira do Bairro, 2-0; Académico de Viseu - Benfica de Castelo Branco, 1-0; Guarda - Oliveirense, 1-0; Académica - Peniche, 3-0; Mirense - União de Leiria, 1-0; Caldas - Lousanense, 1-0; Salgueiros - Marialvas, 5-0; Sporting da Covilhã - Malgualde, 0-1; e Águeda - Sporting de Espinho, 3-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º SALGUEIROS	15	11	3	1	41-11	25
2.º Espinho	14	11	1	2	32-10	23
3.º Académica ..	15	9	4	2	30-17	22
4.º U. Leiria	17	7	5	3	27-10	19
5.º A. Viseu	15	7	4	4	22-18	18
6.º Caldas	15	8	1	6	17-24	17
7.º Águeda	15	7	3	5	21-12	17
8.º Mangualde ..	15	8	0	7	24-23	16
9.º U. Lamas ...	15	7	0	8	20-21	14
10.º Covilhã	15	6	1	8	17-21	13
11.º B.C. Branco	15	5	3	7	14-16	13
12.º Mirense	14	4	5	5	17-17	13
13.º Marialvas	15	3	5	7	9-21	11
14.º Guarda	14	5	1	8	14-24	11
15.º Oliveir.	15	4	2	9	13-21	10
16.º Lousanense .	15	3	3	9	14-27	9
17.º O. Bairro	15	2	5	8	11-29	9
18.º Peniche	14	2	2	10	7-26	6

Próxima jornada: Águeda - Oliveira do Bairro; Benfica de Castelo Branco - União de Lamas; Oliveirense - Académico de Viseu; Peniche - Guarda; União de Leiria - Académica; Lousanense - Mirense; Marialvas - Caldas; Mangualde - Salgueiros; e Sporting de Espinho - Sporting da Covilhã.

Zona Sul

Juventude de Évora - Torreense, 0-0; Portalegrense - Lusitano de Vila Real, 0-0; Sintrense - Farense, 0-1; Olivais e Moscavide - Alverca, 3-4; Estoril - Seixal, 1-0; Silves - Atlético, 3-1; Olhanense - Barreirense, 2-0; Louletano - Samora; e Elvas - Lusitano de Évora, 2-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º FARENSE .	15	12	3	0	36- 9	27
2.º Louletano ...	15	9	3	3	26-12	21
3.º Elvas	15	8	4	3	23-12	20
4.º Estoril	15	6	7	2	17-11	19
5.º Barreir.	14	8	2	4	20-12	18
6.º L.V. Real ...	15	6	6	3	19-10	18
7.º Alverca	15	7	4	4	23-17	18
8.º Juventude ...	15	7	4	4	17-19	18
9.º Torreense	15	7	3	5	25-15	17
10.º Olhanense ...	15	7	3	5	22-21	17
11.º Silves	15	4	6	5	16-16	14
12.º Lusitano	15	3	6	6	22-23	12
13.º Seixal	14	4	4	6	9-20	12
14.º Atlético	15	4	1	10	22-27	9
15.º O. Moscav. .	15	2	4	9	14-26	8
16.º Portalegr. ...	15	2	4	9	14-39	8
17.º Sintrense	15	2	2	11	10-26	6
18.º S. Correia ...	15	1	4	10	9-27	6

Próxima jornada: Elvas - Toreense; Lusitano de Vila Real - Juventude de Évora; Farense - Portalegrense; Alverca - Sintrense; Seixal - Olivais e Moscavide; Atlético - Estoril; Barreirense - Silves; Samora - Olhanense; e Lusitano de Évora - Louletano.

BAILE NO SALÃO Com a participação das selecções de Portugal, Checoslováquia, Israel e Hungria (grupo «A») e Espanha, Holanda, Itália e Inglaterra (grupo «B»), está a decorrer, em Matosinhos, o «Europeu» de futebol de salão. A turma lusa nos dois encontros já realizados «cilindrou» a Hungria (13-0) e a Checoslováquia (7-2). Portugal e Espanha são os candidatos ao título.

Juniores

Série A — V. Guimarães-Taipas, 4-1; Chaves-P. Barca, 7-1; Famalicão-Mãe d'Água, 3-1; Sp. Braga-Vila Real, 4-0; Merelinense-Vianense, 0-1; Gil Vicente-Vizela, 1-4. *Líder:* V. Guimarães, 22 pontos.

Série B — Rio Ave-Viseu e Benfica, 2-0; Sp. Espinho-Leixões, 0-4; Varzim-Boavista, 0-0; Maia-Beira Mar, 1-0; Águeda-Salgueiros, 1-3; Lamego-FC Porto, 0-10. *Líder:* FC Porto, 24 pontos.

Série C — Académica-Estação, 6-0; U. Tomar-Gouveia, 5-0; Mangualde-Nazarenos, 2-1; U. Leiria-U. Coimbra, 1-1; Ac. Viseu-Marrazes, 1-1. *Líder:* Académica, 23 pontos.

Série D — U. Almeirim-Belenenses, 0-5; Benfica-Caldas, 3-0; Sporting-Estoril, 6-0; Est. Amadora-Bombarralense, 2-0; U. Santarém-Caparica, 2-2; Casa Pia-Ol. Moscavide, 0-1. *Líder:* Benfica, 23 pontos.

Série E — Seixal-Elvas, 0-1; Lus. Évora-Barreirense, 0-0; Est. V. Novas-Quimigal, 0-8; Amora-V. Setúbal, 0-1; Farense-Olhanense, 0-2 e Zona Azul-Portimonense, 2-3. *Líderes: Farense e V. Setúbal, 19 pontos.*

Juvenis

Série A — V. Guimarães-Chaves, 2-1; Sp. Braga-Rio Ave, 2-1; Varzim-Freamunde, 0-0; P. Ferreira-Leixões, 0-4; Salgueiros-Vianense, 2-1; Moncorvo-Vizela, 1-3. *Líderes:* Sp. Braga e V. Guimarães, 24 pontos.

Série B — Mangualde-BV Almeida, 3-2; Boavista-Académica, 3-0; Águeda-Estação, 4-1; Lourosa-Feirense, 0-1; Ac. Viseu-FC Porto, 0-5; Beira Mar-Tabuense, 1-0. *Líder:* FC Porto, 30 pontos.

Série C — Sporting-Benfica, 1-1; U. Leiria-Damaiense, 2-0; U. Santarém-Belenenses, 0-1; Casa Pia-Benf. C. Branco, 1-2; U. Coimbra-Estoril, 2-1; Est. Amadora-Torreense, 1-0. *Líder:* Sporting, 31 pontos.

Série D — Est. V. Novas-Almodôvar, 7-0; Est. Portalegre-Louletano, 1-4; Farense-Portimonense, 1-1: Oriental-Barreirense, 0-0; V. Setúbal-Ol. Moscavide, 0-1. *Líder:* Barreirense, 23 pontos.

III Divisão: nabantinos ainda invictos

Série A: Vieira - Valpaços, 3-0; Prado - Macedo de Cavaleiros, 0-0; Amares - Vila Pouca, 5-1; Maria da Fonte - Valdevez, 1-0; Ribeirão - Delães, 1-2; Ponte da Barca - Esposende, 1-1; Lanheses - Moreirense, 0-1; Mirandela - Santa Maria, 5-0 e Caminha - Celorucense, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ESPOSENDE .	17	8	8	1	24-12	24
2.º Moreirense ..	17	8	7	2	21-12	23
3.º Mirandela ...	17	8	5	4	37-20	21
4.º Delães	17	9	3	5	25-22	21
5.º Amares	17	8	4	5	20-13	20
6.º Caminha	17	8	4	5	21-12	20
7.º S. Maria	17	8	3	6	18-21	19
8.º Valpaços	17	7	4	6	21-19	18
9.º Vieira	17	6	5	6	15-14	18
10.º M. Fonte	17	4	9	4	12-12	17
11.º M. Caval. ...	17	6	4	7	21-24	16
12.º Celouric.	17	5	5	7	19-20	15
13.º P. Barca	17	5	5	7	14-16	15
14.º Valdevez	17	2	10	5	13-15	14
15.º Lanheses	17	2	9	6	15-18	13
16.º Prado	17	4	4	9	7-18	12
17.º Ribeirão	17	2	7	8	10-31	11
18.º Vila Pouca ..	17	3	3	11	12-28	9

Próxima jornada: Mirandela - Caminha (0-0 na 1.ª volta); Lanheses - Santa Maria (1-2); Ponte da Barca - Moreirense (0-1); Ribeirão - Esposende (1-5); Maria da Fonte - Delães (1-1); Amares - Valdevez (0-0); Prado - Vila Pouca (1-0); Vieira - Macedo de Cavaleiros (1-0) e Valpaços - Celoricense (0-1).

Série B: Vila Real - Santa Marta, 4-0; Sanjoanense - Ermesinde, 1-0; Rio Tinto - Valadares, 0-0; Lixa - Paivense, 2-0; Amarante - Lousada, 4-0; Cinfães - Lourosa, 0-0; Sandinense - Valonguense, 0-0; Leça - Pedrouços, 2-2 e Paredes - Régua, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º LOUSADA	17	10	3	4	30-17	23
2.º Paredes	17	9	5	4	31-15	23
3.º Amarante	17	8	7	2	24- 9	23
4.º Valonguense	17	8	6	3	22-15	22
5.º Leça	17	7	7	3	21-15	21
6.º Lourosa	17	6	7	4	16-11	19
7.º Lixa	17	7	5	5	20-13	19
8.º Sanojanense .	17	8	3	6	21-21	19
9.º Sandinense ..	17	6	6	5	15-20	18
10.º V. Real	17	6	6	5	26-17	18
11.º Pedrouços ...	17	6	5	6	26-26	17
12.º Ermesinde ..	17	6	5	6	18-15	17
13.º Régua	17	6	4	7	16-20	16
14.º Cinfães	17	5	4	8	17-31	14
15.º Rio Tinto ...	17	4	4	9	16-29	12
16.º Valadares	17	1	8	8	12-25	10
17.º S. Marta	17	2	4	11	13-27	8
18.º Paivense	17	1	5	11	12-30	7

Próxima jornada: Leça - Paredes (0-3 na 1.ª volta); Sandinense - Pedrouços (1-2); Cinfães - Valonguense (1-2); Amarante - Lourosa (0-1); Lixa - Lousada (0-2); Rio Tinto - Paivense (1-2); Sanjoanense - Valadares (0-0); Vila Real - Ermesinde (0-1) e Santa Marta - Régua (0-1).

Série C: Valonguense - Oliveira do Hospital, 3-0; Argus - Ovarense, 1-0; Santacombadense - Seia, 1-0; Tabuense - Luso, 0-1; Anadia - União de Coimbra, 2-1; Mealhada - Sabugal, 2-1; Gouveia - Mortágua, 1-0; Valecambrense - Oliveirinha, 0-2 e Alba - Estarreja, 0-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º SANTACOMB	17	13	1	3	16- 6	27
2.º Anadia	17	12	2	3	26-11	24
3.º Estarreja	17	8	5	4	21-10	20
4.º Gouveia	17	7	7	3	16- 7	19
5.º Luso	17	5	8	4	12- 9	19
6.º Ovarense	17	7	6	4	20-12	18
7.º U. Coimbra .	17	7	6	4	33-14	18
8.º Valonguense	17	6	6	5	19-15	18
9.º O. Hospital .	17	5	6	6	11-19	16
10.º Mealhada	17	6	7	4	18-13	15
11.º Argus	17	5	5	7	18-24	14
12.º Tabuense	17	4	5	8	12-13	13
13.º Oliveir.	17	5	5	7	16-19	13
14.º Mortágua	17	3	7	7	11- 9	12
15.º Alba	17	3	6	8	12-16	11
16.º Seia	17	4	3	10	24-26	10
17.º Sabugal	17	3	4	10	15-42	9
18.º Valecambr. .	17	3	3	11	11-37	8

Próxima jornada: Valecambrense - Alba (0-3 na 1.ª volta); Gouveia - Oliveirinha (1-0); Mealhada - Mortágua (0-0); Anadia - Sabugal (3-0); Tabuense - União de Coimbra (0-2); Santacombadense - Luso (1-0); Argus - Seia (0-1); Valonguense - Ovarense (0-0) e Oliveira do Hospital - Estarreja (1-1).

Série D: Naval - Sertanense, 1-0; Alcobaça - Bombarralense, 0-0; Castelo de Vide - Alfeizerense, 2-0; Torres Novas - Desportivo de Fátima, 0-2; Mirandense - Alcanenense, 1-0; Marrazes - União de Tomar, 0-1; Ferrel - Estrela de Portalegre, 1-0; Marinhense - Nazarenos, 1-1; e Alcains - União de Santarém, 0-3.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º U. TOMAR	17	12	5	0	28- 7	29
2.º Mirandense .	17	11	4	2	30- 5	26
3.º Naval	17	9	6	2	28-12	24
4.º Fátima	17	8	6	3	29-11	22
5.º U. Sant.	17	9	2	6	22-11	20
6.º Alcobaça	17	6	7	4	19-13	19
7.º T. Novas	17	6	5	6	21-22	17
8.º Sertanense ..	17	4	9	4	16-17	17
9.º Alcanen.	17	4	7	6	16-15	17
10.º Marinhense .	17	3	9	5	16-21	15
11.º Alcains	17	4	6	7	19-20	14
12.º E. Portal. ...	17	3	8	6	12-25	14
13.º Nazarenos ...	17	4	6	7	15-21	14
14.º Bombarr.	16	1	11	4	10-16	13
15.º C. Vide	17	5	3	9	14-24	13
16.º Marrazes	17	3	6	8	11-23	12
17.º Alfeizerão ...	17	2	7	8	15-28	11
18.º Ferrel	16	4	1	11	11-39	9

Próxima jornada: Marinhense - Alcains (0-2 na 1.ª volta); Ferrel - Nazarenos (0-1); Marrazes - Estrela de Portalegre (0-0); Mirandense - União de Tomar (0-1); Torres Novas - Alcanenense (0-0); Castelo de Vide - Desportivo de Fátima (0-2); Alcobaça - Alfeizerense (0-0); Naval 1.º de Maio - Bombarralense (1-1); e Sertanense - União de Santarém (0-2).

Série E: Borbense - União de Almeirim, 2-1; Oriental - Campomaiorense, 1-0; Lusitana dos Açores - Fronteirense, 0-0; Cartaxo - Santa Clara, 3-3; Odivelas - Câmara de Lobos, 2-0; Futebol Benfica - Atlético do Cacém, 1-0; Vilafranquense - Praiense, 1-0; Sacavenense - Portosantense, 1-0; e Fanhões - Loures, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º F. BENF. ...	17	9	6	2	25-16	24
2.º S. Clara	16	9	4	3	29-19	22
3.º U. Almeirim	17	8	4	5	26-17	20
4.º Campom.	17	8	3	6	21-15	19
5.º Oriental	16	7	4	5	20-12	18
6.º Odivelas	17	7	4	6	22-15	18
7.º Portosant. ...	17	6	5	6	19-15	17
8.º Vilafranq. ...	17	6	5	6	15-13	17
9.º Borbense	17	6	5	6	16-25	17
10.º Sacavenense	16	5	7	4	13-12	17
11.º Loures	17	4	8	5	18-21	16
12.º C. Lobos	17	4	8	5	11-13	16
13.º Praiense	17	5	5	7	9-13	15
14.º Fanhões	17	5	5	7	13-18	15
15.º Cartaxo	17	3	7	7	17-27	13
16.º Fronteir.	17	4	5	8	10-18	13
17.º Cacém	17	4	5	8	12-21	13
18.º Lusitânia	16	4	4	8	10-16	12

Próxima jornada: Sacavenense - Fanhões (1-1 na 1.ª volta); Vilafranquense - Portosantense (0-0); Futebol Benfica - Praiense (2-1); Odivelas - Atlético do Cacém (0-0); Cartaxo - Câmara de Lobos (0-0); Lusitano dos Açores - Santa Clara (0-3); Oriental - Fronteirense (1-0); Borbense - Campomaiorense (1-8); e União de Almeirim - Loures (1-1).

Série F: Trafaria - Almancilense, 0-0; Vasco da Gama - Quarteirense, 2-3; Beja - Sesimbra, 1-0; Quimigal - Montijo, 0-0; Estrela de Vendas Novas - União de Montenor, 1-5; Amora - Palmelense, 2-1; Imortal - Moura, 0-0; Esperança de Lagos - União de Santiago do Cacém, 1-2; e Leões de Tavira - Caparica, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º MONTIJO .	17	10	5	2	37-14	25
2.º Amora	17	11	3	3	30-18	25
3.º Quarteir.	17	10	4	3	37-13	24
4.º Almancil.	17	8	6	3	19-13	22
5.º U. Sant.	17	9	3	5	37-20	21
6.º Moura	17	6	8	3	22-15	20
7.º Quimigal	17	6	8	3	18-15	20
8.º V. Gama	17	8	3	6	23-23	19
9.º E. Lagos	17	6	6	5	29-23	18
10.º U. Mont.	17	8	1	8	28-20	17
11.º Beja	17	6	3	8	16-30	15
12.º Palmel.	17	4	6	7	21-22	14
13.º Imortal	17	4	6	7	26-31	14
14.º Leões	17	3	7	7	10-14	13
15.º Caparica	17	4	4	9	17-30	12
16.º E.V. Novas .	17	4	4	9	17-30	12
17.º Sesimbra	17	3	3	11	11-30	9
18.º Trafaria	17	0	6	11	14-54	6

Próxima jornada: Esperança de Lagos - Leões de Tavira (0-0 na 1.ª volta); Imortal - União de Santiago do Cacém (3-3); Amora - Moura (0-1); Estrela de Vendas Novas- Palmelense (1-1); Quimigal - União de Montemor (1-4); Beja - Montijo (1-4); Vasco da Gama - Sesimbra (3-1); Trafaria - Quarteirense (0-8); e Almansilense - Caparica (0-0).

Andebol: Supertaça adiada

Dentro de oito dias, outra vez em Loures, Sporting e Benfica terão o tira teimas

Benfica e Sporting empataram, ao cabo dos sessenta minutos de disputa da 1.ª mão da final da Supertaça «Vasco Vasconcelos». O encontro teve por palco o Pavilhão Paz e Amizade (em Loures), recinto que albergará igualmente, no próximo sábado, a 2.ª mão desta 1.ª Supertaça organizada em conjunto pela Federação Portuguesa de Andebol e Associação Nacional de Clubes de Andebol, à qual (em boa hora) foi dado o nome da autêntica legenda da modalidade que foi e é Vasco Vasconcelos, afastado da prática da mesma devido a brutal acidente. A título de curiosidade, refira-se que já conquistaram este título (que opõe os vencedores do Campeonato e Taça da época anterior) o Belenenses em 81/82 e o Benfica em 82/83.

Reportando-nos ao encontro propriamente dito, importa salientar que os dois «setes» se apresentaram algo desfalcados, devido a lesões e aos trabalhos da selecção. Senão, vejamos as ausências: Miguel Fernandes, Armando Pires e Luís Gomes (Benfica) e Alberto Cabaço e Tó Leite (do Sporting), presentes no Torneio da Bulgária com os nossos «AA»; Paulo Cautela e João Miranda (águia e leão, respectivamente) recentemente sujeitos a intervenções cirúrgicas. Gente de vulto, pois, ausente deste terceiro derby» da temporada, com a curiosidade de se ver para que lado penderia a balança após uma vitória para cada lado no presente Nacional (18-16 na Luz e 19-18 em Alvalade, a favor dos visitados).

E, como já se afirmou, a contabilidade não tendeu para nenhum dos contendores, já que, o 24-24 final deixou tudo na mesma. Começou melhor o Sporting, entrando de rompante e chegando facilmente a 4-0, perante a apatia total dos encarnados, com grande precipitação no ataque e grande vulnerabilidade na zona central da sua defesa 5:1. Vendo bem o jogo, Eugen Troffin mandou alterar a sua defensiva para 6:0, resultando desta mudança um maior equilíbrio no marcador, com os leões, no entanto, sempre na frente. Para isso contribuiu em grande parte o seu sistema defensivo 5:1, muito profundo e agressivo, as excelentes prestações de Nuno Silva a defender e Mário Santos a marcar e a bem executada marcação de aproximação feita por Carlos José a Appelgreen. Superou estas dificuldades o «team» da Luz através da óptima actuação de Paulo Bunze no final do 1.º tempo (que iria ter continuidade), a explorar da melhor forma a fraca oposição do lado esquerdo da defesa leonina, mais precisamente Xavier, 13-11 era o resultado que se registava ao intervalo, favorável à formação orientada por Manuel Brito.

Paulo Bunze: a bola na sua mão

Recomeço de rompante por banda dos encarnados, a apontarem 3 tentos seguidos (14-13 a seu favor), aproveitando o «buraco» no centro da defensiva verde-branca, bem como as suas exclusões. E foi precisamente quando em ifeerioridade numérica que os leões passaram a defender melhor, marcando individualmente o endiabrado Bunze. O prélio endureceu bastante no 2.º tempo, com as consequentes exclusões a incidirem mais nos sportinguitas e o marcador a verificar grande equilíbrio. Apareceu a componente individual em maior destaque nestes segundos 30 minutos, com os ataques a explorarem, curiosamente, o mesmo lado das defesas contrárias (o direito) tendo Paulo Bunze e Appellgreen (nos encarnados) e Mário Santos, Dragan e António Costa (nos de Alvalade) feito esse aproveitamento da melhor forma. Viu-se neste meio-tempo o aparecimento do contra-ataque, sobretudo o apoiado, que levou a que os encarnados entrassem nos derradeiros 3 minutos com a vantagem de um golo. Arriscou tudo Manuel Brito, ordenando uma defesa quase individual sobre tos os contrários, medida essa que quase lhe dava a vitória, visto que se aliou esta defensiva ousada a um final de partida espectacular de António Costa. Grande emoção portanto no termo da partida, com os encarnados a empatarem a escassos 13 segundos do apito final.

Resultado justo, ao fim e ao cabo, entre duas formações que se equivaleram, resultando num espectáculo emotivo e com algum bom andebol. Individualmente, destaque para Appelgreen (superando bem o mau começo) e Paulo Bunze (com exibição espectacular) no Benfica, enquanto Nuno Silva (na sequência das suas anteriores exibições), Mário Santos (grande concretizador), Dragan e António Costa foram os melhores no Sporting.

Uma pequena nota para a arbitragem, à atenção do respectivo departamento da PFA. Não pensamos ser boa ideia pôr a mesma dupla de arbitragem a dirigir dois encontros da mesma equipa, seguidos, com 3 dias de intervalo, tal com aconteceu com José Carlos Filipe e Armando Pinho em relação ao Sporting (sábado e 4.ª feira passada com a TAP). Tal levou a uma contestação da sua actuação, pouco segura e com decisões contrárias deixando que o encontro quase descambasse para a violência. Em suma, arbitragem que não agradou nem a gregos nem a troianos.

BENFICA: José António e João Marques; Appelgreen (8, 1 de 7 mts), Paulo Bunze (10), Mário Gentil (1), Rui Ferreira (2), Luís Lopes, Artur Roldan, Emanuel Pereira (1), Luís Crespo e Covaciu (2).

SPORTING: Carlos Silva e Nuno Silva; João Fialho (3 de 7 mts), Xavier, Luís Pires, Mário Santos (7), Carlos José (4), Luís Filipe, Dragan (5), Tuka (1) e António Costa (4).

Jorge Marques

Campeonatos nacionais

RÂGUEBI: Resultados da 2.ª jornada do «nacional» da 1.ª divisão: Direito, 15-Cascais, 25; Académica, 3-CDUP, 13; Belenenses, 15-Benfica, 20 e CDUP, 22-Ténico, 10. Completada a 2.ª ronda e atentando na pauta classificativa, tudo indica que o título será averbado por uma das três equipas já distanciadas (CDUL, Cascais e Benfica). Vejamos a ordem.

	J	V	D	P
CDUL	2	2	—	6
Cascais	2	2	—	6
Benfica	2	2	—	6
Direito	2	—	2	2
Belenenses	2	—	2	2
Académica	2	—	2	2

• Para a Taça das Nações: Inglaterra, 23-Irlanda, 0 e França, 29-Gales, 19.

VOLEIBOL: a grande surpresa da 16.ª jornada do campeonato consistiu na derrota do líder (Benfica), frente à Académica de Espinho. Os resultados foram os seguintes: Porto, 3-Sporting de Espinho, 0; Grundig, 3-Académica de S. Mamede, 0 e Académica de Espinho, 3-Benfica, 1.

Na classificação geral, o Benfica comanda com 26 pontos, sendo seguido pela Ac. Espinho (25), Leixões e Sporting (24), Grundig (22), Sp. Espinho (21), Ac. de São Mamede (18), Porto (17) e Esmoriz (15).

• O Sporting despediu o técnico romeno Sebastian Mihailescu, passando o comando das equipas a pertencer à António Martins.

Hóquei em patins

Turquel protesta

Uma jornada com algumas surpresas, a começar pela primeira vitória averbada pelo Sporting nabantino que regressou de Braga, com três pontos arrancados frente à equipa da Grundig. O triunfo do Valongo em Turquel também não estaria na previsão dos prognosticadores, de igual modo e não estaria o «nulo» registado em Paço de Arcos, entre a equipa local e a Quimigal. Quanto aos restantes desfechos, funcionou a lógica. De assinalar ainda que o Turquel apresentou, no final do jogo, declaração de protesto, alegando erros técnicos cometidos pela equipa de arbitragem.

Quanto aos mais certeiros atiradores, foram o sportinguista Leste e Miranda (Turquel) com três remates feitos com êxito.

Resultados: Académica - Sporting, 4-8; Parede - FC Porto, 4-5; O. Oliveirewnse - Benfica, 3-5; Grundig - Sp. Tomar, 2-5; Turquel - Valongo, 6-7; OC Barcelos - Sanjoanense, 8-4 e Paço de Arcos - Quimigal, 4-4.

No encontro da 7.ª jornada o Óquei de Barcelos foi a Tomar vencer o Sporting local por 7-5.

	J	V	E	D	P
Barcelos	10	9	—	1	29
Benfica	10	8	1	1	27
FC Porto	10	8	0	2	26
Sporting	9	6	0	3	21
Paço de Arcos	9	4	2	3	19
Turquel	10	5	0	5	19
Valongo	10	3	3	4	19
Oliveirense	10	4	1	4	18
Sanjoanense	10	4	0	6	18
Quimigal	10	3	1	6	17
A. Coimbra	9	3	1	5	16
Grundig	9	2	1	6	14
Parede	10	1	1	8	13
Sp. Tomar	7	1	0	6	9

Vieira Carvalho

Basquetebol

Sporting vai-se «esgueirando»

As notas mais relevantes da 12.ª jornada do campeonato nacional de basquetebol consistiram no triunfo (folgado) do Sporting no recinto do Esgueira e a elevada margem registada no confronto da Luz, entre o Benfica e o Beira Mar, que terminou com o «score» de 95-54 favorável á equipa lisboeta. De referir, como atenuante, o facto da turma aveirense se ter apresentado desfalcada de dois dos seus mais influentes jogadores, o norte-americano McGee e o porto-riquenho Mario Gomez.

Nos demais confrontos, a vitória pertenceu às equipas melhor posicionadas na tabela classificativa, com o Estrelas da Avenida a superar o Ginásio Figueirense, o Porto a não sentir dificuldades em regressar de Guifões com os dois pontos em disputa, a Ovarense a «cilindrar o Barreirense e, finalmente, realce para o triunfo do Illiabum em Albufeira perante o Imortal, ficando ambas as equipas com os mesmos pontos (17) que os seus parceiros do Barreiro.

Quanto aos atletas que melhor estiverem na «pontaria ao cesto» marcaram acima de vinte os seguintes elementos: Morgan (Ginásio Figueirense) com 40 pontos seguindo-se o sportinguista Hovasse e o barreirense Yoest (37), Renato do Ilhavo e Sylvia, do Illiabum (29), Tó Ferreira do Porto, Dingo do Guifões e Henderson do Estrelas (27), Dingo, do Guifões e Júlio Matos,do Guifões (26), Mike, do Benfica (25), Paulo Almeida, do Imortal (24), Carlos Lisboa, do Benfica (22) e Eugénio e Philip, ambos do Estrelas (21).

Vejamos os resultados da jornada, a classificação actual e o programa para a próxima ronda:

Resultados: Imortal/Montechoro - Illiabum/Quinta Nova Porcelanas, 79-81; Esgueira/Luzostela -Sporting, 63-9); Tecnogás/Guifões - FC Porto, 75-92; Benfica/Ariston - Beira Mar/Braga; Alves - Despachantes, 95-94; Estrelas da Avenida/Lisgráfica - Ginásio Figueirense - Cuétara, 95-90; Ovarense/BIL - Barreirense/Compal, 127-98.

Posição actual:

	J	V	D	P
BENFICA	**12**	**11**	**1**	**23**
Beira Mar	12	9	3	21
FC Porto	12	8	4	20
E. Avenida	12	7	5	19
Sporting	12	6	6	18
Esgueira	12	6	6	18
Ovarense	12	6	6	18
Imortal	12	5	7	17
Illiabum	12	5	7	17
Barreirense	12	5	7	17
G. Figueirense	12	2	10	14
Guifões	12	2	10	14

Próxima jornada: Barreirense - Imortal; Illiabum - Esgueira; Sporting - Guifões; F. C. Porto - Benfica; Beira Mar - Estrelas da Avenida; Ginásio Figueirense - Ovarense.

A. Nobre

I Série N.º 18
Dia 22 de Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 4/90:
Fixa o preço de venda ao público dos cigarros de marca *Fortuna* para consumo no continente

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 51/90:
Alarga o quadro do Instituto Nacional de Investigação Agrária

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 52/90:
Altera o quadro de pessoal do Centro Regional de Segurança Social de Bragança

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 53/90:
Altera a redacção dos n.ºs 5 e 7 e edita um n.º 8 ao artigo 2.º do Regulamento do Código da Estrada e cria novos sinais verticais.

I Série N. 17
Dia 20 de Janeiro

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 2/90:
Sistema retributivo dos magistrados judiciais e do Ministério Público

Ministério das Finanças

Portaria n.º 50/90:
Homologa as condições de aproveitamento do Estado na área de máquinas de escrever e de calcular e de equipamento informático de processamento de textos

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público, terem sido adoptadas as taxas de câmbio a aplicar na cobrança de emolumentos consulares a efectuar a partir de 31 de Dezembro de 1989

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regões do Norte: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Pequena subida das temperaturas mínimas. Ocorrência de geadas em especial em Trás-os-Montes. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros.

Regiões do Centro: - céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais nos vales e terras baixas. Geadas em especial no interior. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros.

Regiões do Sul: - céu limpo ou pouco nubladp. Vento Leste fraco a moderado. Neblinas ou nevoeiros matinais e geadas no Alentejo. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

AÇORES

Céu geralmente pouco nublado. Vento Nordeste fraco a moderado. Mar cavado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, céu pouco nublado e vento fraco.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste fraco a moderado.

MADEIRA

Grupos Ocidental e Central: -céu muito nublado. Vento Sudoeste moderado e períodos de chuva fraca. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupo Oriental: - céu muito nublado. Vento Sudoeste moderado. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Amanhã: - céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Sul nos grupos Central e Oriental e moderado a forte de Sudoeste no grupo Ocidental. Períodos de chuva fraca especialmente no Grupo Ocidental.

Depois de amanhã: -períodos de céu muito nublado. Vento moderado a forte de Sudoeste no Grupo Ocidental e fraco a noderado do quadrante Sul nos grupos Central e Oriental.

Amanhã

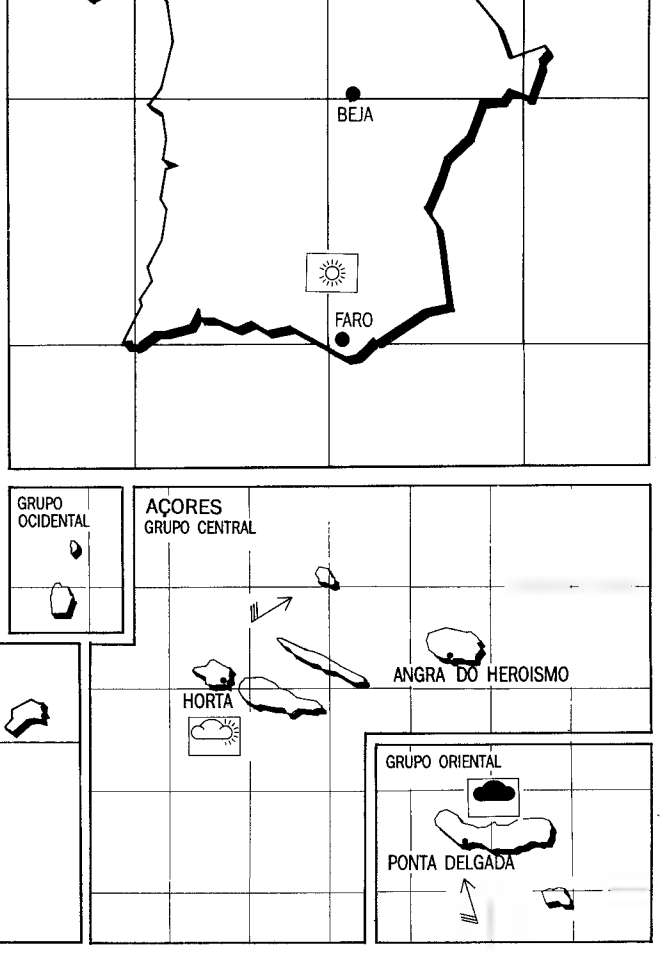
No Continente: - Regiões do Norte, céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Períodos de chuva. Neblina ou nevoeiro matinal. Pequena subida da temperatura mínima, em especial em Trás-os-Montes.

Regiões do Dentro e Sul: céu ppouco nublado, tornando-se muito nublado a partir da manhã nas regiões do Centro, Vento fraco. Períodos de chuva para a tarde nas regiões a norte do Tejo. Neblina ou nevoeiro matinal. Ocorrência de geada no interior.

Depois

No continente: - céu pouco nublado, diminuindo de nebulosidade de Norte para Sul a partir da manhã. Vento fraco a moderado de Sudoeste rodando para Noroeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros, que serão de neve na Serra da Estrela. Pequena descida da temperatura máxima.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
--	--	05.33	1,6m
12.19	2,9m	17.55	1,6m

Amanhã

00.45	3,1m	06.31	1,4m
13.15	3,0m	18.45	1,4m

PORTUGAL

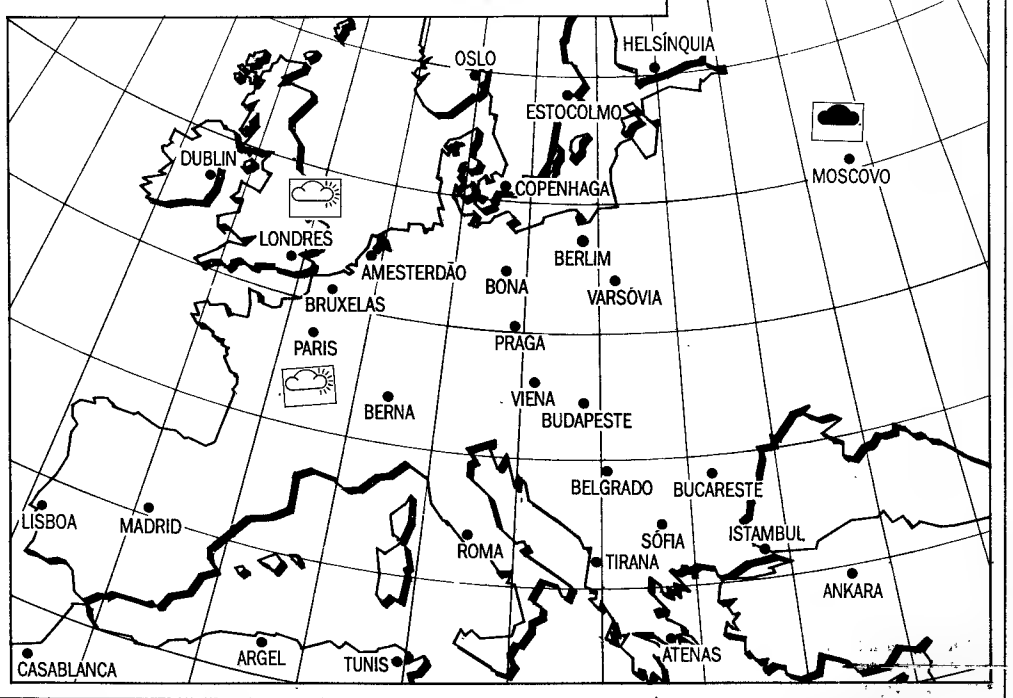
	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	-3	-3	Limpo
V. Castelo	6	7	Encoberto
Vila Real	0	0	Limpo
Porto	5	6	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	3	3	Neblina
C. Carvoeiro	10	10	Limpo
C. Branco	2	4	P. nub.
Portalegre	6	6	Limpo
Lisboa	4	5	Neblina
Évora	6	6	Limpo
Beja	5	5	Limpo
Faro	5	7	Limpo
Sagres	6	6	P. nub.
P. Delgada	13	14	Neblina
Horta	12	13	Encoberto
Funchal	13	14	M. nub.
Sines	-	-	-

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-4	-3	Limpo
Londres	10	11	Chuva
Paris	2	3	M. nub.
Bruxelas	6	8	M. nub.
Amesterdão	8	8	Encoberto
Genebra	-4	-4	Neblina
Roma	-1	0	Limpo
Oslo	-1	1	Chuvisco
Copenhaga	7	7	Neblina
Estocolmo	-6	-4	P. nub.
Berlim	9	9	Chuva
Viena	7	8	M. nub.
Varsóvia	0	0	Neblina
Atenas	5	7	Limpo
Moscovo	-1	-1	Neve

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-6	3	Limpo
Houston	5	18	Limpo
Los Angeles	7	23	Limpo
Montreal	-13	-8	Neve
Nova Iorque	1	5	P. nub.
S. Francisco	4	16	Limpo
Toronto	-5	0	Neve
Vancover	5	9	Aguaceiros
Washington	2	5	Limpo
Hong Kong	10	15	Aguaceiros
Melbourne	9	22	Limpo
Pequim	-8	0	Limpo
Perth	18	28	Nevoeiro
Singapura	24	32	Temporal
Sydney	20	30	Limpo
Tóquio	0	5	Limpo
Wellington	10	20	Limpo



CELESTINO GARCIA

Faleceu

Maria Madalena de Figueiredo Gomes Garcia, Maria Helena de Figueiredo Gomes Garcia Leitão, marido e filhos; Maria do Céu Patinhas Garcia Costa, marido, filha e genro, Marie Madalena Ganilho Gomes Neves e filhos, participam o falecimento do seu marido, Pai, Sogro e avô, e que o seu funeral se realiza hoje 22/1, pelas 16 horas da Igreja de Santiago em Évora para o cemitério local.

Ag. Funerária Cardoso e Filhos, Ld.ª
Pra. 50 mt, 26 — Belas C. 502103299

AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Anjos - Lisboa Ginásio Clube:** São José, Rua dos Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Baixa:** Internacional, Rua do Ouro, 228-230, Tel. 322017; **Beato:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Lumiar:** São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Tel. 7590704; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lt. 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3 A-B, Tel. 534027; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; Jerónimos: Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36 B-C, Tel. 770776; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **São Bento - Palácio:** São Bento, Rua Poiais São Bento, 73, Tel. 601673; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero de Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Até às 22 h; **Oeiras:** Sacoor. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B.ºCaixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elnas Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Permanente; Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neill Pedrosa, Hasal do Olival, Lote A, 3 - Massamá, Tel. 4377205. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Clarro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente.

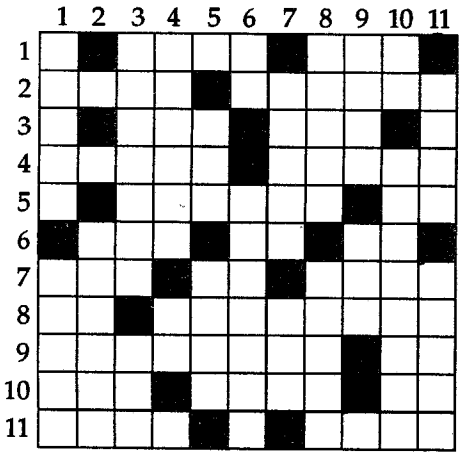
OUTRA BANDA

Almada: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, A. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:**. Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, R. Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R, Bafatá, 11 - Loja 30, Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. Até às 22 h; **Montijo:** Diogo, R. Almirante Reis, 50, Tel. 2310032. Até às 22 h; **Moita:** Parque, A. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h; **Alcochete:** Gameiro, L. Ant.º Santos Jorge, 15, Tel. 2340100. Até às 19 h; **Setúbal:** Tavares da Silva, R. Gaivotas, 68, Tel. 29316. Permanente; Saião, Av. Portela, 55, Tel. 22709. Permanente; Lisdoa, R. Dr. Paula Borba, 70, Tel. 22248. Até às 22 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766171 766178 766179

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17841

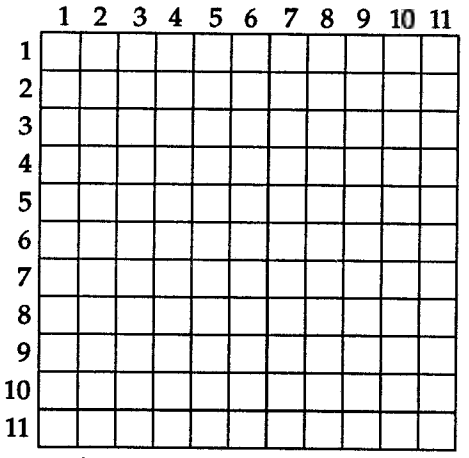
HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Fértil. Recusa.
2 - Cidade e Porto das Filipinas. Contraditório.
3 - Cidade da Ucrânia. Agora.
4 - Rio da Argólida. Prelado, chefe de uma diocese.
5 - Melodioso. Reis.
6 - Rio de Portugal. Nome de letra. Cobalto (s.q.).
7 - Letra árabe. Segundo. O seio da mulher.
8 - Preposição. Sacudirem.
9 - Máscaras. Pronome pessoal.
10 - Artilharia antiaérea. Sadios. Átomo.
11 - Chão. Asa.

VERTICAIS:

1 - Cidade da Venécia. Tempo do verbo dever.
2 - Artigo definido. Patriarca da Alexandria.
3 - Freguesia do concelho de Meda. Chiste.
4 - Conclusão. Duas vogais desiguais.
5 - Acrescentando uma vogal é cidade da Sardenha (inv.). Ave pernalta.
6 - O sono das crianças. Prepararas com ópio.
7 - Indigente. Recusa.
8 - Metal pouco conhecido, extraído dos óxidos misturados com os zircónios de algumas regiões. Fruta seca especialmente uvas.
9 - Membros de aves. Coragem.
10 - Porco (inv.). Anuncies.
11 - Vãos. Não mencione.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16651

HORIZONTAIS:

1 - Remediar. Sopeiras.
2 - Venero. Recolhe na adega.
3 - Acento. Férteis.
4 - Procedem. Mulheres de mau génio (fig.).
5 - Poisa no mar (o avião). Pátria de Abraão.
6 - Movo os remos. Esquadrão.
7 - Cidade da Suíça. Cigana (Bras.).
8 - Borras. Despidas. Zomba.
9 - Arqueai. Volta.
10 - Deusa. Ouro (s.q.). Pêlos de certos animais.
11 - Carta de jogar. Prefixo de negação. Residir.

VERTICAIS:

1 - Mulher baixa. Sossegada.
2 - Preposição latina que designa movimento. Gálio (s.q.). Serra de Portugal.
3 - Assinalem. Casta.
4 - Perfumara.
5 - Homem (Gir. de ciganos Bras.). Agrupavam.
6 - Desgraça (inv.).
7 - Cure. Escavar.
8 - Detestou. Crustáceo isópode do género asellus.
9 - Errar. Conceder.
10 - Nome de letra (pl.). Elegante.
11 - Sadias. Cidade da Turquia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17840

HORIZONTAIS: 1 - AS. GRANDES. 2 - Nama. Tordos. 3 - Trunfos. Elo. 4 - Aida. Rs. Adi. 5 - As. Mor. At. 6 - Ias. Pesando. 7 - AC. Min. Baús. 8 - Aportai. 9 - Seroai. Cãs. 10 - DORES. SÃO. 11 - Asa. És. Saul.
VERTICAIS: 1 - Antália. Dá. 2 - Sari. Acasos. 3 - MUDAS. Pêra. 4 - Ganas. More. 5 - Pirose. 6 - Atormenta. 7 - Nossos. Ais. 8 - Dr. Rabi. Ás. 9 - Edea. Na. Coa. 10 - Soldadura. 11 - Soitos. Sul.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16650

HORIZONTAIS: 1 - Lailo. Rumor. 2 - Em. Errar. Re. 3 - Io. Rã. Ta! És. 4 - Riu. Ria. Mat. 5 - Arno. Ar. Aro. 6 - Saíra. Arcas. 7 - Sado. Aas. 8 - Errai. 9 - Abano. Aviso. 10 - Roma. Traíra. 11 - Amora. Ias.
VERTICAIS: 1 - Leiras. Pará. 2 - Amoiras. Bom. 3 - Unia. Amo. 4 - Ler. Ordenar. 5 - Orar. Auro. 6 - Ia. 7 - Ratara. Aaro. 8 - Ura. Raiva. 9 - Maçã. III. 10 - Orearas. Sr.ª. 11 - Restos. Coas.

PROVÉRBIO:

AS GRANDES DORES SÃO MUDAS.

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

A MOSCA

NOVOS HORIZONTES PARA O ESPCTÁCULO

Declarada guerra ao tabaco

O AUTOMOVEL CAIU AO TEJO

A ENTREGA DAS CADERNETAS

Novos horizontes para o espectáculo

Deram entrada na Assembleia Nacional, onde vão ser oportunamente apreciadas, duas propostas de lei que directamente respeitam aos espectáculos públicos. Pelas repercussões destes diplomas, a Câmara não deixará, por certo, como lhe compete, de se debruçar atentamente sobre o conteúdo destes projectos discutindo-os e introduzindo-lhes as alterações que se imponham. Os diplomas em causa são: uma proposta de lei sobre a actividade teatral, e outra designada como "de protecção ao cinema nacional".

Declarada guerra ao tabaco

Hoje, em Genebra, a Organização Mundial de Saúde declarou guerra ao tabaco e condenou o cigarro como «instrumento de morte, deploravelmente espalhado». O conselho da OMS, reunido desde ontem em Genebra, decidiu, para dar o exemplo, convidar os seus membros a não fumarem nas sessões. Mas não se trata só de exemplos: assim, decidiu encarregar o seu director-geral de apresentar um relatório à Assembleia Mudial de Saúde, em Maio, apontando as medidas a tomar na luta contra o tabaco.

José Régio evocado por quatro poetas

O Instituto de Arte e Decoração - IADE - vai prestar amanhã, às 21 e 30, homenagem ao grande poeta José Régio. A sessão constará de leituras de poemas por Natália Correia, David Mourão Ferreira, José Carlos Ary dos Santos e Dórdio Guimarães, seguida de um colóquio em que participarão, além dos poetas, os escritores José Marinho, Orlando Vitorino e António Quadros.

EFEMÉRIDES

1905

• «Domingo sangrento» em S. Petersburgo, Rússia, quando mais de dois mil operários são massacrados pelos cossacos e forças do Exército imperial, no decurso de uma manifestação pacífica contra o governo.

1961

• Henrique Galvão ocupa e desvia para o Brasil o paquete «Santa Maria», com o objectivo de chamar a atenção do Mundo para a ditadura de Salazar.

1979

• Abu Hassan Salameh, o alegado cérebro do massacre da equipa israelita presente nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, é assassinado em Beirute, juntamente com mais sete árabes.

1980

• O governo soviético anuncia a detenção do físico Andfrei Sakharov, Prémio Nobel da Paz, e a destituição dos seus títulos oficiais, nomeadamente o de herói do trabalho socialista.

1981

• Morre, com 80 anos, Luís Hernâni Dias Amado, grão-mestre da maçonaria portuguesa, sucedendo-lhe Adão e Silva.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
ENTRE PRIMOS
Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rosselini.
Maiores de 12 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
CHUVA NEGRA
Filme de Ridley Scott c/ Michael Douglas e Andy Garcia.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
CHUVA NEGRA
Com Michael Douglas e Andy Garcia
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
HOMEM APAIXONADO
Filme de Diane Kurys c/ Greta Scachi e Peter Coyote
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore c/Philippe Noiret e Jacques Perrin
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SOMBRA DO ASSASSIN0
Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 E 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
A ÚLTIMA SAÍDA
Filme de Frederick Zollo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
COLEGIAIS E MUITO MAIS
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
A TURMA DO SEXO
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
VINGANÇA SELVAGEM
Filme de Lee Thompson
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
EMANUELLE
Com Monique Gabrielle e C. Hadester
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Com Vicent Gardenia e Alyson Reed
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

Cinema Paraíso **PUB**
Em exibição na sala 4 Quarteto **Filme qualidade** **M/12 anos**

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
LASKY JEDNÉ PLAVOVLASKY
De Miles Forman, c/Hanna Brejchova e Vladimir Pucholt, às 18.30 horas.
AMADEUS
De Miles Forman, c/Tom Hulce e F. Murray Abraham, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
HOMEM APAIXONADO
Maires de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
TENNESSEE BUCK E OS SALTEADORES DA TRIBO PERDIDA
Com David Keith e Kathy Shower
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
O ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
CÓDIGO COBRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

.KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

KING TRIPLEX 2
COMO O CÉU SE ENGANOU
De Emile Ardolino
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
KINJITE - JUSTIÇA Á MARGEM DA LEI
Com Charles Bronson
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

«Clube dos Poetas Mortos» em exibição em várias salas de Lisboa

CARTAZ

R. Martens Ferrão
Telef. 538743
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O INFERNO DOS HERÓIS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
A FLORESTA DO PRAZER
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
O DESAFIO DOS CAMPEÕES
Filme de Fritz Kiersch c/Don Michael Paul e Kathleen York
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

.SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POESTAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30.

TERMINAI
Estação do Ros
Telef. 371573
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
PROFISSÃO. DURO
Filme de Rowdy Herringtony
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
CARATÉ KIDD
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
O PREDADOR
Com Arnold Schwarzenegger
Maiores de 18 anos.
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

«A PÉCORA» de Natália Correia em exibição no Teatro da Comuna

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
CYBORG
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
KINJITE-JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas
SALA 2
EM BUSCA DO MARFIM MÁGICO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15; 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
CYBORG
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
UMA HISTÓRIA DE VERÃO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Gli Orazi e i Curiazi
(Horácios e Curiácios)
D. Cimarosa

JANEIRO 1990

Actividades promovidas por

«Os Amigos do S. Carlos»

22 Janeiro às 18.30h
(no Salão Nobre TNSC)

Mesa redonda
com
Manuel Carlos de Brito
David Crammer
José Ribeiro da Fonte

24 Janeiro às 21.30h
(no Grémio Literário)

«Da tragédia de Corneille à Ópera séria de Cimarosa»

Palestra
por
João Paes

com a participação
dos principais artistas do elenco

Entrada livre

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

GLI ORAZI E I CURIAZI
(HORÁCIOS e CURIÁCIOS)
ÓPERA EM 2 ACTOS
D. Cimarosa

JANEIRO, 19, 23, 25 (20H30), 21 (16H00)

Direcção Musical: Alan CURTIS
Encenação: João PERRY
Cenografia: Manuel REIS
Figurinos: Manuela GONÇALVES
Luzes: Paulo GRAÇA
Assistência de movimento: Olga RORIZ

Anna Caterina ANTONACCI ★ Elvira FERREIRA ★ Helena VIEIRA
Lia ALTAVILLA ★ Carlos GUILHERME ★ António SILVA
Jorge VAZ DE CARVALHO

Bilhetes à venda na bilheteira do T.N.S.C. e agências ABEP e ALVALADE

CORO do TEATRO NACIONAL de SÃO CARLOS
Maestro Titular: Gianni BELTRAMI
Maestro Assistente: João Paulo SANTOS

Preço máximo: 3 000$00
Preço mínimo: 500$00

ORQUESTRA SINFÓNICA do TEATRO NACIONAL de SÃO CARLOS

Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de São Carlos

APOIOS RTP / antena1 / RDP / RCP FM 96.6 / O INDEPENDENTE

CARTAZ

PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas
CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
O ABISMO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Telef. 2865027
GOLPE DE VINGANÇA
Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30; Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
TRÊS LOUCOS PARA UMA RUIVA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO

LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas
A PÉCORA, de Natália Correia. Encenação de João Mota. Interpretações de Manuela de Freitas, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro entre outros.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição

«Lugares», fotografia de Eduardo Nery na Galeria Diferença

"Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile, constituída por algumas dezenas de obras contemporâneas, representativas das novas correntes artísticas daqueles países e em que estão representados os principais artistas sul-americanos; até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Colecção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
ALFA MIXTA (Escola Gerais, 34): até 10 de Fevereiro, de terça a sábado das 14 às 20 horas, Pintura e Escultura de Liane katsuki, Romy Castro, Scoditti, Sobral Centeno e Verónica Nel.
ARTE OBJECTO (R. Francisco Metrass, 8 B): Pintura e tapeçaria de Alba Simões (1ª individual).
CASA DO ALENTEJO: até 28 de Janeiro, diariamente das 10 às 22 horas, Pintura de A. M. Partoja Rojão.
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.
ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naïf brasileiro Jorge Viriato.
GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13 horas, Pintura de Rui Viana.
GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".
GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 27 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 ás 20 e sábados das 15 às 19, Pintura de Ormond Fannon.
GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11A): Fotografia de Antón io José Alegria.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 28 de Janeiro, Fotografia de Mafalda Reis Moore (Branca de Neve) e de Eduardo Nery (Lugares).
GALERIA FONTE NOVA (Estrada de Benfica, 503): até 26 de Janeiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Carlos Neto, Fernanda Freitas, Fernando Lory e Urbano Resendes.
GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48.A): até 2 de Fevereiro, exposição de homenagem a Tomás Mateus, com venda de algumas das suas obras.
GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do faial, 14-A): Pintura de Luísa Costa Cabral.
AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.
RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.
GALERIA SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 17 de Fevereiro, de segunda a sexta das 15 às 20 horas, Pintura de Artur Bual.
GALERIA YGREGO (Av. António Augusto de Aguiar, 13C): até 3 de Fevereiro, de segunda a sexta das 9,30 às 20 e aos sábados das 9,30 às 13 horas, Pintura Digital de José Frazão Duarte e Feliciano Morgado.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** O Som dos Negócios - Temas Económicos (Informação) **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo
17.00: Poemas Sinfónicos. - Finlândia, op. 26, de Jean Sibelius; - Tapiola, op. 112; **17.30:** O Timbre do Dia: o Cravo; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart.; **19.35:** Album Musical. - Obras de Chopin, Franz Lehar, Grieg, Bach e Bizet; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Cconcerto da Noite. Uma Sinfonia Fausto, de Liszt; **22.15:** Música de Câmara de Franz Schubert; **23.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **00.00:** O violinista Yehudi Menuhin; **01.05:** Obras para órgão, de Dietrich Buxtehude e Johann Sebastian Bach; **01.35:** Espaço de Lied. Vida e Amor de uma Mulher, op. 43, de Robert Schumann; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m
17.00: Contacto; **19.00:** Peça que a Gente Passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de Desporto; **23.00:** 24.ª Hora; **01.00:** Fantástico. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM
15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA
15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Jornal da Tarde - Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **18.45:** Preparação para a Eucaristia; **19.00:** Eucaristia da Sé Patriarcal de Lisboa da Solenidade de S. Vicente; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.
VOZ DO PORTO
16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FERREIRA DO ALENTEJO

ANÚNCIO

No dia 1 de Fevereiro de 1990, pelas 14.30 horas, no Tribunal desta Comarca e nos autos de Carta Precatória n.º 74/89, vindos do Tribunal Judicial de Santiago do Cacém e extraída dos autos de Execução Sumária n.º 92/88, da 1.ª Secção, nos quais é Exequente Ernesto da Silva Dolores e Executada RURÁLIA — AGRICULTURA & COMÉRCIO, LD.ª — Sociedade Comercial com sede no Campo Pequeno, 21 — 3.º Esq.º em Lisboa, hão-de ser postos em praça, pela 2.ª vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima de metade do valor indicado no processo, os seguintes bens penhorados àquela executada.

Uma caixa de marca Fialho, uma máquina pulverizadora de marca Degania Spra-Yers, um escarificador Galucho e uma grade de 18 discos Galucho, tudo em bom e razoável estado de conservação.

É fiel depositário dos bens a vender Manuel António Ramos, residente no Monte do Azinhal-São João de Negrilhos-Aljustrel, que fica obrigado a mostrar os bens, nos termos do Art.º 891.º do CP Civil.

Ferreira do Alentejo, 20 de Dezembro de 1989

A Juiz de Direito
Maria Luísa Franco Duarte

A Escriturária Judicial
Rosa Maria Ribeiro Feixeira

DL 22/1/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

AÚNCIO

O DR. JOAQUIM VALENTE DE PINHO, Meretíssimo JUiz de Direito no 1.º Juizo do Tribunal Judicial de OLIVEIRA DE AZEMÉIS

FAZ SABER que, pela 1.ª Secção/1.º Juizo deste Tribunal Judicial de Oliveira de Azeméis, nos autos de Execução de Sentença n.º 108-b/87 que Fianjo — Indústria de Calçado Ld.ª, com sede em Samil — S. Roque, nesta comarca, move a TOLENTINO PICANÇO HORTA, ccmerciante, residente na Rua Rosas de Pombal, 23) Cova da Piedade — Almada, correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos do executado para a execução, na qual podem reclamar o pagamento dos seus créditos, no prazo de 10 DIAS, posterior ao dos éditos e nos termos do art.º 865.º do Código Processo Civil.

Ol.ª de Azeméis, 15 de Janeiro de 1990.

O JUIZ DE DIREITO,

Joaquim Valente de Pinho

O ESCRIVÃO ADJUNTO,

Luís Manuel Correia de Matos

«DL» 22/1/90 — 1.ª Pub.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Depois do simpático "Virgul", assinala-se a estreia, neste espaço, da série "Viagens do Albatroz", que conta as viagens de uma criança, decidida a viajar pelo mundo inteiro na companhia do cão. Nesta emissão, os mais novos podem ainda divertir-se com "O Urso Bolke", "Os Amigos de Ovide" e "Os Três Mosqueteiros".
18.30- RUA SÉSAMO
56º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.11- BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - CLUBE DE SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL
1º programa: estamos nos anos 40 e a vida na Europa esboroa-se sob o impacte da Segunda Guerra Mundial. Lugares há, contudo, privilegiados onde o terror não chega e as diversões aparentemente continuam. Um desses locais é o Casino Royal, dirigido por Artur Royal, homem de carácter peculiar. Terra de ninguém, zona neutra, receptáculo de paz, o Casino não tarda a ser ponto de encontro de famosos e perigosos espiões: Philip Ferrer, inglês; Zizi Lautrec, francesa; Brambilla Testaroza (que acumula funções de espia com as de criada de bar), italiana; Natacha Seminova, soviética... Artur Royal só tem como conselheiro habilitado um marginal dos esgotos: Cachucho. Entretanto sua mulher, Celeste, simplesmente devaneia; e o "croupier" do Casino, Antímio Trafaria, só tem olhos para Marybel, a menina dos cigarros. É assim "Casino Royal", o novo programa de Herman José, que logo à noite se estreia. O futuro dirá do desenrolar de tão apertada trama. Com realização de Nuno Teixeira, além do autor poderemos ver artistas tão conhecidos como São José Lapa, José Pedro Gomes, Ana Bola, Lídia Franco, Filipe Ferrer, Vítor de Sousa, Maria Vieira, Nuno Melo, Margarida Carpinteiro e Rita Blanco.
22.50 - QUASE ADULTOS
1º episódio
00.50 - 24 HORAS
01.25 - REMATE

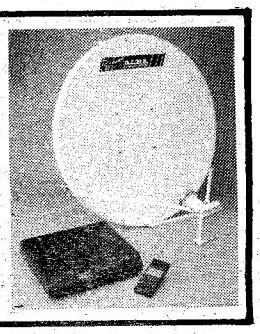
Finalmente, logo à noite: no 1º canal, ás 21.40, "Casino Royal" de Herman José

No 2º Canal às 21.30, em "Teatro Estrangeiro", a peça mais significativa de Samuel Beckett, "À Espera de Godot"

RTP-2

16.55 - OS CINCO
19º episódio
17.20 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
23ºepisódio: Zezé revela à mãe e às irmãs que o seu pé de laranja lima fala, mas elas não acreditam. Jandira avisa-o para não repetir o que acabou de lhes contar para que não seja acusado de maluco. Quando Ariovaldo, Henrique e Ricardo estão a almoçar na venda, chegam Caetano e Diogo com um retrato do comendador para ser colocado na parede, o que provoca uma mudança de fisionomia em Ricardo.
18.00 - ESPECIAL DESPORTO
Campeonato da Europa de Futebol de Salão
20.00 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina»
20.30 - ELOGIO DA LEITURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - TEATRO ESTRANGEIRO
"À Espera de Godot", de Samuel Beckett. com Roman Polanski, Rufus, Jean-François Balmer e Jean-Pierre Joris e encenação de Walter Asmus.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

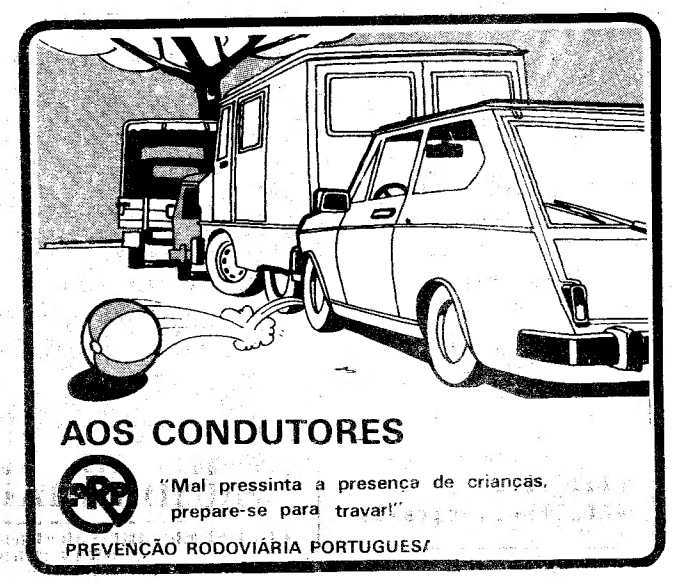
RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - DALLAS
14.15 - PALAVRAS CRUZADAS
15.05 - É TUDO COMÉDIA
15.20 - ARCO-IRIS AFRICANO
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
18.55 - JOGO DE CARTAS
19.10 - SETE FOLHAS
19.18 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05- O TEMPO
20.08- DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.11- BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
22.10 - CRÓNICA DO CRIME
23.00 - 24 HORAS
23.30 - REMATE

RTP-2

15.01 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - UM BILHETE PARA O OUTRO MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - MUSIC BOX
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - CINE MAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
"Uma Criança à espera"

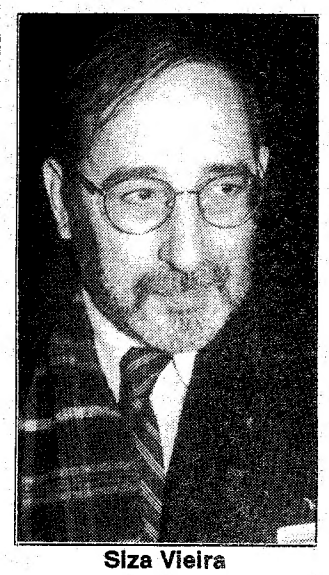
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 CASINO ROYAL
RTP 2 TEATRO ESTRANGEIRO
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença



«Cavaco Silva tem da política uma noção precisamente formal. O Governo na versão prévia, era mudo e mouco.. Tanto lhe disseram que o povo se aborrecia que, agora,não governa, dialoga.»

Paulo Portas, «O Independente», 19.01.90

A PERGUNTA DO DIA



Siza Vieira
arquitecto

Qual o ponto da situação quanto às obras de recuperação da zona do Chiado?

«Está aprovado, embora ainda não assinado, o protocolo entre os proprietários dos prédios no sentido de se constituirem quatro consórcios. O primeiro reune os proprietários da Rua do Carmo, o segundo reune um conjunto de prédios da Rua Nova do Almada, o terceiro consórcio envolve prédios dispersos na mesma rua e o quarto é uma associação dos proprietários dos Armazéns do Chiado e do Grandela.

Os projectos de toscos dos dois primeiros consórcios estão já concluídos e prontos para execução. O terceiro está em conclusão e, quanto aos armazéns, os proprietários estão a elaborar um programa detalhado para os objectivos já estabelecidos, isto é, os Armazéns do Chiado vão passar a ser um hotel e o Grandela vai transformar-se numa área com espaços comerciais, culturais e de lazer. Isto permite um arranque imediato das obras de tosco, evitando a proliferação de estaleiros. No fundo, serão apenas quatro obras, em vez das 19 correspondentes ao total de prédios envolvidos. Finalmente, estão concluídos os relatórios referentes a infraestruturas, trânsito e parqueamento, isto é, os aspectos relacionados com a integração da zona na Baixa lisboeta.»

APLAUSOS A...

Carlos Pimenta, deputado no Parlamento Europeu, pela frontalidade revelada ao pronunciar-se sobre a maré negra na ilha do Porto Santo. «Falência e impotência dos sistema português e comunitário» foi desde logo o seu desabafo ao ter conhecimento do ocorrido. Promove-se uma secretaria de Estado a ministério do Ambiente, mas nem por isso se lhe dá meios capazes. Talvez por isso Pimenta tenha recusado esta pasta. Por certo não lhe agradou a ideia de ser bombeiro em permanência...

J.A.L., o jornalista do «Expresso», autor da nota «O que eles dizem...», pela forma gentil como se referiu ao «actual figurino do *DL*», considerando-o moldado pela «nostalgia dos velhos e bons anos 60». Do semanário da Rua Duque de Palmela não poderia dizer-se o mesmo. A atitude do director do «Expresso», por exemplo, caracteriza-se pela nostalgia da época de oiro de Cavaco Silva - uma época que não será fácil recriar, apesar dos «bons conselhos» que, todas as semanas, nas colunas do seu jornal, José António Saraiva, perserverantemente, administra a Sua Excelência, o primeiro-ministro...

Expresso

& PATEADAS A...

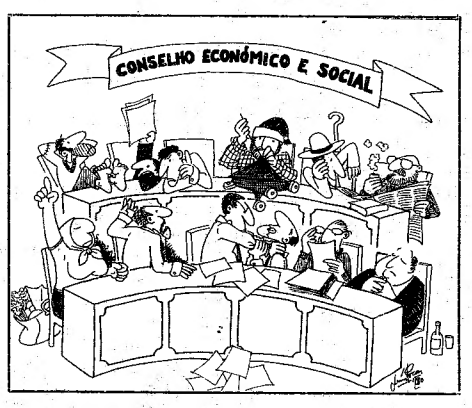
RTP

Direcção de Informação da RTP por, definitivamente, não querer deixar de parecer que está ao serviço do Governo. O prof. Cavaco Silva perdeu as eleições, sofreu forte contestação devido a uma controversa remodelação ministerial, precisa de renovar a imagem? Sr. prof., a *Primeira Página* está ao seu dispor. Em matéria de critérios jornalísticos, que explique quem souber. O dr. Jorge Sampaio ganhou as eleições, ignore-se. O prof. Cavaco Silva perdeu as eleições, entreviste-se com o máximo destaque. Que as questões e as perguntas pareçam previamente combinadas, isso em boxe tem um nome: *chiqué*.

Roberto Carneiro, ministro da Educação, pelo atraso no calendário. Então não é que enviou para escolas da Grande Lisboa cartões de «Boas Festas e Feliz Ano Novo» com data de 1988! Lapso? Falta de cartões com data actualizada? Restrições financeiras? Não se sabe. Para a próxima, o melhor é a editorial do ministério não imprimir o ano nos cartões. Até porque pode ser mau prenúncio. É que o atraso do calendário também chegou àqueles que este ano entraram na Universidade.

OS PARCEIROS SOCIAIS CRITICAM A CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO ECONÓMICO E SOCIAL

Saiba o que eles pensam amanhã no DL



SUPLEMENTO DE **ECONOMIA**

TERÇA-FEIRA

Terça-feira no

Diário de Lisboa

A crónica de Umberto Eco

Objectores de consciência em Grande Angular

Desarmamento na Europa vai ter acordo

meteorologia

Viagem a Murnau

Gosto tanto de Murnau, isto é, dos seus filmes, que, quando - e não há muito tempo - vagabundeei pela alta Baviera e no mapa surgiu uma cidade chamada Murnau, desviei-me da rota e no carro emprestado, dirigi-me para ela. Calculava contudo, e verifiquei isso de facto, que F. W. Murnau tinha nada a ver com essa cidade homónima, mas o fascínio semântico foi mais forte. E eis-me em Murnau, algures entre Munique e os Alpes fronteiriços com a Áustria, algures fora da auto-estrada e das outras estradas principais. Cidadezinha; mas, de repente, menos banal... Surgiu uma tempestade das antigas, uma trovoada quase fantasma, irresistível, magnética, e eu, diante do lago poético, agora sem banhistas, deserto, despi-me em três movimentos, escondi os fatos no túnel da entrada, e entrei dentro da água tépida. Doce perdição, magnífico esconderijo da intempérie e coriscos e das bátegas da chuva, as águas do lago de Murnau. O conflito entre o céu e a terra continuava, fotogénico *non plus ultra*, marca do cineasta Murnau...

Lembrei-me deste episódio, ao receber o volume-catálogo do ciclo Murnau há um ano realizado pela Cinemateca. A capa a preto e branco, adequada aos filmes elaborados entre 1919 e 1931 (o último, *Tabu*, feito a meias com Flaherty) com textos, ensaios, memórias, documentos, dão uma visão global da importância desse cinema. A publicação pertencia à própria Cinemateca, com auxílio efectivo da Embaixada da RFA e do Goethe Institut em Lisboa (*).

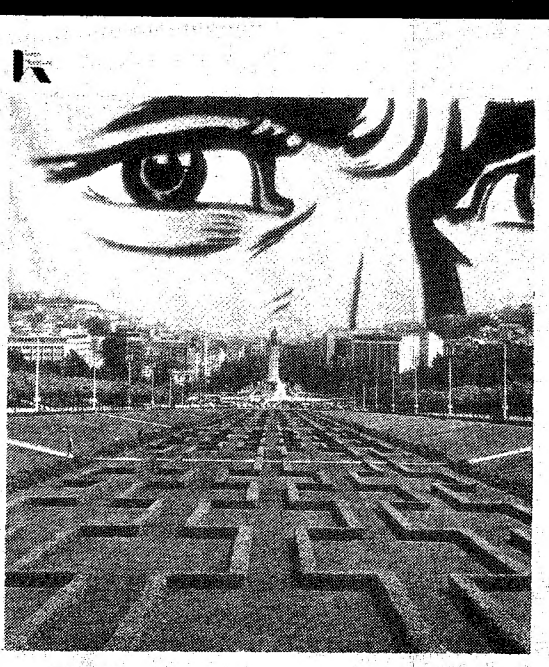
Que várias vezes, nos últimos tempos, nos recordámos do seu *Nosferatu*, O Vampiro, aquele sugador de sangue, da Transilvânia romena, não tenho dúvida. Morreram definitivamente os dráculas? O filme sobrevive a eles ou serão eles que hão-de sobreviver Murnau.

Jorge Listopad

(*) Aproveito para saudar o dr. Oehler, Director do Instituto Alemão, que, durante tantos anos, conviveu com tacto e rara sensibilidade com a cultura portuguesa e os seus fazedores, amigo que nos vai deixar num dos próximos dias. Meu veto.

PENSAR LISBOA

J. P. Martins Barata



Pedidos
No seu livreiro ou directamente a
Livros Horizonte, Lda — Rua das Chagas, 17 - 1.º Dt.º 1200 LISBOA

queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal

Preço de capa: 800$00

Nome _____
Morada _____
Código Postal _____ Telef.: _____

Edição
Livros Horizonte
Tel.: 36 69 17/36 85 05

Distribuição
DIGLIVRO - Lisboa tel.: 99 22 00/01/02
MOVILIVRO - Porto tel.: 57 89 37/57 85 94

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75